MISTÉRIO PASCAL 1



novellae olivarum

o mistério pascal e a sua celebração 137

Paixão, Morte, Ressurreição, três momentos do grande mistério que fundamenta a vida do cristão.

P. JOSÉ FERREIRA

a quaresma «preparação da páscoa» 147

Quarenta dias antecedem a Páscoa. Tão longa preparação manifesta-nos a excepcional importância que tem na Igreja a «páscoa» de Cristo.

PEDRO JORGE A. VIEIRA

introduções à liturgia quaresmal 165

Os Domingos da Quaresma e Paixão e a Quinta-Feira Santa, vistos no seu contexto histórico-litúrgico-bíblico.

via-sacra reflexões e sugestões 207

A devoção à Paixão do Senhor, existiu sempre na Igreja. Para lá das suas concretizações, mais ou menos válidas, a devoção à «páscoa» do Senhor é algo de essencial.

ALBERTO LUCAS

o rosário 218

Meditação dos mistérios dolorosos, de inspiração bíblica.

admonições 219

Cinzas, Domingos da Quaresma, Domingos da Paixão e Quinta-Feira Santa.

novellae olivarum

Revista dos Alunos do Seminário dos Olivais — Lisboa

DIRECTOR Pedro Jorge Alves Vieira CHEFE DE REDACÇÃO José Francisco Gonçalves

EDITOR João Peres

Avulso: 15$00 • Assinatura anual: 35$00 • Estrangeiro: 2 dólares U. S. A.

COM AS DEVIDAS LICENÇAS DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA | Abril-Junho 1966 | COMP. E IMP. NA TIPOGRAFIA DA CASA PORTUGUESA — LISBOA

n.º 6
2.º TRIM.
– 1966 –
2.ª SÉRIE – ANO XX

Novellae olivarum

Na renovação da vida litúrgica empreendida pelo Concílio, mereceu a maior atenção a celebração do mistério pascal. Se é certo que a liturgia outra coisa não faz senão celebrar esse mistério da passagem do mundo para o Pai, em Cristo, morto e ressuscitado, é, no entanto, no ciclo litúrgico, que se prolonga do domingo da Septuagésima ao quinquagésimo dia depois da Páscoa, que o mistério pascal é objecto de particular atenção.

Assim, em fidelidade às exigências do Concílio e tendo consciência da importância que este tempo reveste, em cada ano, para a vida dos cristãos, «Novellae Olivarum» quis consagrar dois números à celebração do Mistério Pascal. O primeiro (n.º 6) tem como objecto o tempo da Quaresma até à Quinta-feira-Santa, último dos quarenta dias da grande preparação. O segundo (n.º 7) será consagrado à «Festa»: o Tríduo sacro e o Pentecostes — a quinquagésima do tempo pascal.

Ao início de cada número, um artigo pôr-nos-á «em situação» em ordem ao período a que esse número é consagrado. Ainda neste primeiro número, o primeiro artigo nos dará, em síntese, a natureza, estrutura e celebração de todo o Mistério da Santa Páscoa.

Depois destas visões de conjunto, nada parece mais indicado do que conduzir o leitor ao ritmo semanal de cada domingo, através destas dezasseis semanas, até à montanha da ressurreição, onde Cristo subiu pela sua cruz, e donde envia à Igreja e, por ela, a todo o mundo, o Seu Espírito que tudo renova.

editorial

Com a Constituição apostólica «Mirificus eventus», datada de 7 de Dezembro de 1965, Paulo VI promulgou o jubileu postconciliar.

O Concílio ingressa agora na sua fase de assimilação, que se quer autêntica e efectiva. O jubileu que intencionalmente coincide na sua grande parte com a Quaresma, deve situar-nos nas perspectivas sãs e profundas duma Igreja que procura uma reintegração mais plena na sua missão.

Neste sentido o texto da Constituição sugere-nos três reflexões que pomos em comum com os nossos leitores.

Em primeiro lugar urge criar um clima de renovação cristã.

O Papa apresenta como elemento fundamental desta renovação a conversão interior «pelo exercício da virtude da penitência, completado pela confissão sacramental», numa união mais íntima ao divino Redentor. Efectivamente, são estes os factores da rigeza espiritual indispensável para um diálogo verdadeiro, consistente, corajoso e necessário, um diálogo de mentalidades, de idades, de formações, de escalões, de Igrejas. Sem um diálogo assim caracterizado, a reforma da Igreja será marcada pelo espírito por um lado de concessão, por outro lado de reivindicação, tendente a viciar a integridade da renovação. Só uma renovação íntegra poderá levar a Igreja a encontrar quadros mais amplos, em que os seus membros podem empenhar, manifestar e transmitir mais eficaz e convenientemente todo «o dinamismo original» de um cristianismo caldeado na penitência.

No parágrafo 109, sobre a Quaresma, a Constituição de Litur-

gia preconiza «que se utilizem com mais abundância os elementos penitenciais próprios da liturgia quaresmal; e, se parecer oportuno, restaurem-se alguns a partir da tradição anterior». Na sua missão pastoral a Igreja parece redescobrir actualmente coordenadas da penitência como virtude e como sacramento, até há pouco um tanto na sombra. Em concreto queremos referir-nos à celebração comunitária da penitência. Pensamos que promovê-la é estar na linha autêntica da Constituição da Liturgia e da Constituição apostólica que promulgou o jubileu.

O Papa deseja «que o jubileu tenha também por objectivo, dar aos membros da hierarquia e aos membros do laicado um sentido mais vivo de Igreja, e uma consciência mais esclarecida e mais dinâmica do que ela é.» E concretizando esta intenção e pensamento o Papa põe como centro do jubileu a Igreja Catedral de cada diocese, a Igreja Mãe, a Igreja do Bispo.

Sem Ele não pode haver renovação: o imperativo da renovação nunca pode chocar com o imperativo da fidelidade ao Bispo. Ao diálogo compete desfazer possíveis choques aparentes.

A celebração litúrgica manifesta a Igreja. Esta manifestação adquire plenitude quando na Catedral o Bispo preside à Eucaristia rodeado pelo presbitério e pelos fiéis. Ora esta reunião é mais habitual durante a Quaresma. Principalmente na Quinta-feira Santa, a celebração da Missa dos Santos Óleos pede a coroa do presbitério e a presença representativa de todos os fiéis da diocese. Também neste aspecto verificamos uma profunda conexão entre a Quaresma e o jubileu.

Por último algumas reflexões sugeridas por um aspecto muito peculiar a este jubileu: a concessão «de indulgência plenária de cada vez que alguém assistir a três instruções consagradas às decisões do Concílio.»

O estudo é uma das linhas essenciais de aprofundamento da fé exigidas por uma existência cristã que hoje, mais do que nunca, deve assentar sobre uma lucidez muito grande, condição e garantia de uma liberdade adulta na actuação de baptizado. Neste sentido, para lá de comentar os documentos do Concílio, torna-se necessário que em conjunto se procure destrinçar todas as implicações e incidências que as orientações do Concílio contêm, relativamente à missão da Igreja no nosso tempo.

Os dias de pastoral litúrgica levados a efeito pela Comissão Litúrgica do Patriarcado em meados de Janeiro, são um exemplo vivo de um estudo que intentou descobrir a projecção do Concílio na actualização, renovação e reforma da pastoral da Liturgia da Palavra.

As conclusões destes dias introduzem-nos em algumas das grandes preocupações duma pastoral da Quaresma; se é possível encontrar nelas um denominador comum, será o da urgência de um contacto mais vital e operante com a Palavra de Deus. Ora esta necessidade engloba perfeitamente a necessidade do estudo preconizada pelo jubileu.
Ciclo Pascal, Concílio, jubileu interpenetram-se pois para uma realização mais plena da celebração do Mistério Pascal em 1966.

o mistério pascal e a sua celebração

P. JOSÉ FERREIRA

A celebração, todos os anos renovada, do mistério pascal é o vértice e a fonte de cada ano litúrgico [1], como «a liturgia é o vértice» e «a fonte» de toda a vida da Igreja [2]. Se assim é, nunca o mistério pascal pôde estar ausente da consciência da Igreja, sob pena de ela se negar a si mesma. Essa consciência pôde, no entanto, ter-se por vezes obscurecido; pôde ter sucedido que, paralelamente à celebração dos «mistérios máximos da nossa redenção», outras formas de devoção tenham quase tomado a dianteira; pôde até ter acontecido que o nome «mistério pascal» se tenha tornado excessivamente misterioso para as gerações dos últimos séculos. E, de facto, tudo isto em parte aconteceu.

Nos últimos vinte anos fez-se a redescoberta, em grande escala, da realidade portentosa que este nome encobre: mistério pascal. Tanto bastou para que se visse renovada toda a vida litúrgica, para que os cristãos acorressem às fontes da vida nos «sacramentos pascais», para que uma alegria nova e uma nova exigência cristã nascesse no meio do povo de Deus. Tão certo era, como no princípio ficou dito, que a celebração do mistério pascal constitue o vértice e a fonte de toda a liturgia e, consequentemente, de toda a vida da Igreja.

1. L. BOUYER, **Le mystère pascal**, ed. du Cerf (col. Lex orandi, n.º 4), p. 9.
2. CONCÍLIO VATICANO II, **Constituição sobre a Sagrada Liturgia, n.º 10.**

porquê «mistério»?

Mistério é palavra que sublinha sempre o carácter escondido de qualquer coisa. Se ao falarmos de realidades cristãs, falamos de mistério, isso pretende quase sempre significar que essas realidades, mesmo quando humanas, tocam de um modo ou de outro, na esfera transcendente de Deus. Aconteceu, porém, por vezes, que certas formulações do mistério levaram a considerar sobretudo aquilo que nele é obscuro. Mistério tornou-se então a palavra fácil para responder ao irrespondível; «é mistério» vinha a significar: «não tem resposta».

Se é certo que tudo o que é divino é, por natureza, transcendente e inacessível, também é certo que foi precisamente o Deus «cuja glória está acima dos céus (Sl. 112, 4), que «nunca ninguém pôde ver» (Jo. 1, 18), foi Ele mesmo que se nos revelou, manifestando-se em seu Filho feito homem, Jesus Cristo, na sua vida e na obra de salvação que Ele realizou entre os homens. Ele é a visão do invisível, a tradução, em linguagem de homem, do mistério de Deus e da sua vontade salvífica para com os homens. Jesus Cristo é o mistério de Deus a dizer-se e a comunicar-se aos homens, pela sua palavra e pela sua vida toda. Em toda essa vida do Senhor Jesus oculta-se e revela-se, e revela-se precisamente porque nEle anda oculta, a acção de Deus em favor dos homens. A este propósito, escreveu S. Paulo: «Era Deus que, em Cristo, reconciliava o mundo consigo (2 Cor. 5, 19). Mistério não é, portanto, apenas uma verdade que se crê, mas uma pessoa que se comunica — «o mistério .. é Cristo no meio de vós» (Col. 1, 27), e a obra salvífica que Ele realiza e que chamamos, por isso mesmo, o «mistério da salvação».

Na expressão «mistério pascal», mistério tem este sentido dinâmico: ele é uma acção, a acção de Cristo, realizando a salvação dos homens, mas acção na qual se oculta e se revela a própria acção de Deus, «reconciliando o mundo consigo».

porquê «pascal»?

E chama-se-lhe **pascal.** A palavra faz referência a Páscoa. Páscoa é o nome dado primeiramente à prodigiosa libertação do povo de Deus da escravidão do Egipto, no tempo de Moisés, em atenção ao sangue do cordeiro, por isso chamado cordeiro pascal (Cf. Ex. 12-16). Se a verdadeira etimologia de Páscoa é incerta, a sua significação na história da salvação não deixa dúvida: Páscoa é a passagem (cf. Vulg., Ex. 12, 11); **passagem** do mensageiro de Deus pelo meio dos egípcios, ferindo de morte os seus primogénitos, porque retinham cativo o seu povo primogénito, mas poupando os filhos de Israel, em atenção ao sangue do cordeiro com que tinham ungido as ombreiras de suas portas: **passagem** do povo de Deus, através do Mar Vermelho e do deserto, para a Terra Prometida; **passagem**

finalmente, na Nova Aliança, de Cristo, deste mundo para o Pai, através do seu próprio sangue, derramado na Cruz.

A Páscoa da Antiga Aliança foi um facto real, uma graça de verdadeira salvação. No entanto, ela era apenas figura e imagem da futura libertação, realizada na Páscoa de Cristo. Esta a verdadeira Páscoa, a verdadeira passagem, porque só em Cristo se realiza, de maneira perfeita e definitiva, a libertação dos homens, cativos sob o pecado; só em Cristo o homem **passou** deste mundo para o Pai.

mistério pascal e mistério da redenção

De algum modo, mistério pascal diz o mesmo que mistério da redenção; mas «mistério pascal é o mistério da redenção visto em todos os seus aspectos, com todos os seus enraizamentos e todos os seus prolongamentos, todas as suas ressonâncias, bíblicas, litúrgicas, morais e místicas» [3]; poderá mesmo dizer-se que ele se identifica com o mistério cristão. Como ressumiu Cristo a sua vida e a sua acção? «Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e volto para o Pai» (Jo. 16, 28). Tal é o mistério cristão; mas tal é o mistério pascal: sair do mundo e ir para o Pai, com Cristo, que primeiro veio do Pai e entrou no mundo. É precisamente assim que S. João começa a narração da última ceia pascal do Senhor: «Sabendo Jesus que chegara a hora de **passar** deste mundo para o Pai...» (Jo. 13, 1).

elementos constitutivos do mistério pascal

Olhemos todavia mais de perto para este mistério. Não é ousadia: ele quer comunicar-se-nos; para isso ele é celebrado. «Sair do mundo» e «passar para o Pai» não é questão de deslocação material, nem esta **passagem** é resultado de acção de homem, como na imaginada viagem dos mortos da mitologia greco-romana. Tudo aqui é acção de Deus, mas realizada no meio dos homens, em favor dos homens, por meio de um homem, o «Homem Jesus Cristo» (I Tim. 2, 5).

Analisemos, pois, ainda que brevemente a estrutura do mistério pascal [4]. Este supõe quatro elementos:

1. **Uma situação de morte.** O mistério pascal supõe, antes de mais, que o homem se encontra numa situação de morte, de que se não pode libertar por suas próprias forças. Foi assim na Páscoa antiga: o povo de Deus no Egipto era escravo, vivia na condenação a uma morte lenta e não conseguia, por si mesmo, chegar à libertação. A situação de morte foi sentida de maneira desesperante quando, junto ao Mar Vermelho, os filhos

3. A.-M. ROGUET, **Qu'est-ce que le mystère pascal?** in La Maison-Dieu, n.º 67, p. 5-22.
4. Em toda esta parte segue-se, de perto, o citado artigo de A.-M. ROGUET.

de Israel se viram apertados entre o mar que os não deixava avançar, e o exército do Faraó que os perseguia.

É paralela a situação de todos os homens, filhos de Adão, a quem o pecado colocou na inimizade de Deus, expulsou do paraíso e condenou à morte eterna, porque «a morte é o salário do pecado» (Rom. 6, 23). Pelo pecado do homem, Satan torna-se o «príncipe deste mundo» (Jo. 12, 31), de cuja tirania o homem se não pode libertar por si mesmo.

Cristo, que, embora sem pecado, tomou sobre si os pecados de todos nós (cf. Is. 53, 6), a ponto de S. Paulo dizer que «Aquele que não conhecera o pecado, Deus O fez pecado, em nosso benefício» (II Cor. 5, 21), encontrou-se também condenado à morte.

Filho do homem, quis «em tudo tornar-se igual a seus irmãos, excepto no pecado» (He. 2, 17), mas quis sujeitar-se ao salário dos pecadores, que é a morte. Ao contrário, porém, de todos os outros seus irmãos, Cristo é senhor da própria morte: «Ninguém me tira a vida; sou eu que a dou. Tenho o poder de a dar e o poder de a retomar» (Jo. 10, 18).

A morte que lhe é sentenciada, Ele a aceita em plena liberdade e pode assim oferecer a vida em sacrifício ao Pai.

A vida que os homens lhe querem tirar por ódio, Ele a oferece por amor. E o amor, sobretudo o amor do Filho de Deus para com o Pai, tudo transforma, até a morte.

2. **A intervenção de Deus.** Em tal situação de morte em que o homem se encontrou, Deus interveio. O homem não pode por si mesmo salvar-se, sair de tal aperto, fugir à morte e voltar à vida. Mas Deus é senhor da vida e da morte, é o «todo poderoso»; é «cheio de misericórdia» e não quer que o homem venha a ser engolido no abismo de perdição a que a si próprio se condenou. O homem viverá; mas essa passagem da morte à vida será obra de Deus, prodígio da sua omnipotência, fruto da sua sabedoria, dom gratuito do seu amor. Será uma intervenção de Deus que ultrapassa todas as previsões e toda a compreensão humana. A Bíblia chama com frequência a estas intervenções divinas para salvar o homem as **maravilhas** de Deus («**mirabilia**» e «**magnalia Dei**»). Foi assim na saída do Egipto, quando os filhos de Israel já nada podiam esperar dos recursos humanos: Yahweh intervém «com mão forte e braço estendido» (v. g. Deut. 5, 15), para os livrar da morte e os restituir à vida. Foi assim na morte de Cristo: é ainda o poder de Deus que faz surgir, na glória da ressurreição, o novo Adão, como primícias duma «criação nova» (II Cor. 5, 17). O Salmo 21, salmo, por excelência, da Paixão conclue-se com esta exclamação: «Tal é a obra do Senhor» (Sl. 21, 32); e o salmo 117, tradicionalmente utilizado na liturgia pascal, exclama: «Isto foi obra do Senhor, e foi coisa maravilhosa a nossos olhos» (Sl. 117, 23). No Domingo de Páscoa, a missa do Dia, começa por um cântico, que é como que a acção de graças extática de Cristo ressuscitado, contemplando a obra que o Pai em si acaba de

realizar: «Ressuscitei e de novo estou contigo; puseste sobre mim a tua mão; maravilhosa se mostrou a tua sabedoria!» (Intróito).

3. **A vida jorra da morte.** No mistério pascal, a vida não se segue apenas à morte, como um tempo que vem depois de outro tempo; mas a vida jorra da própria morte. Não se trata, portanto, de processo natural, mas da intervenção de Deus. O Deus que, no princípio, criou do nada todas as coisas, faz agora surgir do túmulo de Cristo, (que foi na realidade o túmulo da Morte), uma «nova criação». Intervenção semelhante, o mesmo poder, mas obra mais maravilhosa: «o que maravilhosamente criastes, mais maravilhosamente o reformastes».

É de toda a importância reter esta perspectiva fundamental do mistério pascal: a ressurreição não é para Cristo, como o foi para Lázaro, o regresso à vida, mas a entrada numa vida nova que antes Ele não conhecera. O Homem-Deus, que, «apesar de ser Filho, aprendeu, de quanto sofrera, o que é obedecer» (He. 5, 8), pôde também experimentar, na Ressurreição, a glória da divindade transbordando sobre a sua humanidade. «A glória, não do Verbo, mas do Verbo incarnado, é uma aquisição, um ganho da Páscoa» [5]. A vida pascal do Ressuscitado é, na verdade, uma vida **nova.** O Espírito que, no princípio, pairava sobre as águas do caos, infundindo nelas os gérmens da vida, que soprou na face de Adão e dele fez «alma vivente», sopra agora sobre o túmulo de Jesus e dali O faz surgir, novo Adão, como «espírito vivificante» (I Cor. 15, 45). É preciso não perder nunca de vista que Cristo é sempre o Homem Deus: o mesmo e único **Deus** com o Pai, que nEle se nos manifesta, e verdadeiramente **homem,** da raça de todos os homens, «primogénito de muitos irmãos» (Rom. 8, 29), de todos esses mesmos homens. Ora é precisamente esse Deus feito homem que, morrendo e ressuscitando, faz a passagem deste mundo para o Pai. Cristo pode, portanto, em razão de sua natureza humana, entrar numa glória que nunca antes havia conhecido.

Não admira, pois, que S. Paulo atribua frequentemente a Cristo ressuscitado o nome supremo de **Senhor,** nome próprio só de Deus. Do mesmo modo, S. Pedro: «Saiba com certeza toda a casa de Israel que Deus O fez Senhor e Messias, esse Jesus que vós crucificastes» (Act. 2, 36).

«Espírito vivificante», Cristo ressuscitado é o homem totalmente possuído pelo Espírito de Deus, por isso imortal e glorioso; e poderá apresentar-se a João no Apocalipse como «Aquele que vive: Estive morto e eis-Me vivo, pelos séculos dos séculos, e tendo as chaves da Morte e do Inferno» (Ap. 1, 18), porque «a morte já não tem domínio sobre Ele» (Rom. 6, 9). Agora, do seu corpo de glória, como do rochedo do deserto, jorra a água viva que é o Espírito de Deus, comunicando-se a todos os homens. «Se alguém tem sede venha a Mim e beba», disse Jesus na festa dos Tabernáculos. E João acrescenta: «Ele dizia isto do Espírito que deviam receber os que

5. A.-M. ROGUET, ibid., p. 17.

nEle acreditassem» (Jo. 7, 37, 39). A comunicação do Espírito, «renovando a face da terra» e nela criando uma vida nova segundo Cristo glorioso, é o fruto da Ressurreição.

4. **Em ordem à Aliança.** A passagem da morte à vida salva o homem mas não colocando-o apenas fora de um perigo, nem apenas garantindo-lhe a eternidade feliz. O mistério pascal é mais alguma coisa do que uma simples mudança de situação, porque a Ressurreição, que é o seu termo, é, como ficou dito, mais do que um regresso à vida. O último elemento constitutivo do mistério pascal é a **Aliança.** Assim como, na primeira Páscoa, a libertação do Egipto e a travessia do Mar Vermelho conduziram ao Sinai, onde foi selada, no sangue do sacrifício, a Aliança antiga, assim agora, na Páscoa de Cristo, no mistério pascal, que é seu mas também nosso, tudo culmina na Aliança, nova e eterna, selada no sangue do sacrifício de Jesus.

Páscoa é a passagem, passagem para o Pai; nada menos do que comunhão de vida, na unidade perfeita, que, para Cristo, é significada na Ascensão, e para os cristãos, na vida da comunidade eclesial, em particular, na participação na Eucaristia. A **communio sanctorum,** a «comunhão nas coisas santas» é, sobre a terra, o sinal mais perfeito e, desde já, eficaz, da unidade celeste, onde Deus será tudo em todos (I Cor. 15, 28).

celebração do mistério pascal

«O que foi visível em nosso Senhor e Redentor passou aos mistérios» (S. Leão I, serm. 74, 2). Mistério é aqui o mesmo que sacramento e significa as celebrações da liturgia, nas quais se renova e actualiza a acção salvífica de nosso Senhor Jesus Cristo. A Páscoa de Jesus não é apenas um facto do passado; ela continua contemporânea de todos os homens. A Ressurreição arrancou o Senhor aos limites do tempo e introduziu-O na eternidade. Ele é agora «O que vive pelos séculos dos séculos». Os sacramentos da liturgia, entendendo por sacramento todos os sinais sagrados pelos quais se continua, no meio dos homens, a acção salvífica do Senhor, são o meio pelo qual o homem de hoje comunica com o Senhor da glória. Deste modo, na liturgia, a Páscoa é **hoje.**

A bem dizer, todas e cada uma das acções litúrgicas não celebram outra coisa senão o mistério pascal, porque todas elas celebram sempre esta passagem da morte à vida, do pecado à graça, do mundo para o Pai.

o ciclo pascal

Mas é principalmente no ciclo do ano litúrgico, organizado em volta da festa central da Páscoa, e, em particular ainda, no tempo que vai do domingo chamado da septuagésima até ao Pentecostes, que se faz a cele-

bração do mistério pascal. Neste longo período de dezasseis semanas, cada um é chamado a fazer a sua Páscoa, a sua passagem com Cristo, em profunda comunhão com a sua Morte e Ressurreição.

a preparação quaresmal

Precedida pelas três semanas de introdução, que é o tempo de septuagésima, a **quaresma** leva o homem a tomar consciência de que é solidário com o mundo do pecado e de que se encontra, consequentemente, a braços com a morte (Septuagésima, Intr.). Mas logo aparece a intervenção divina. Primeiro, a **Palavra** ilumina-o e condu-lo à fé e à conversão. Depois, os **sacramentos da fé** perfazem a obra de Deus: para o catecúmeno, o Baptismo; para o já baptizado, mas de novo pecador, a Penitência. Em qualquer destas intervenções divinas, verdadeiras «maravilhas de Deus» em nossos dias, o homem é gratuitamente salvo, mas tem de prestar, como é natural, toda a sua colaboração: a Palavra pode ser aceite ou rejeitada (Sexagésima); a conversão supõe a resposta do homem a Deus que o convida e mostra o caminho; os sacramentos não são ritos mágicos, mas acções divinas que estabelecem e pedem um diálogo com o homem a quem se dirigem.

É precisamente no plano dos sacramentos que Ele faz a participação no mistério pascal, porque é sempre verdade que «o que foi visível em nosso Redentor passou aos mistérios».

a vigília pascal

A celebração, por excelência, desses mistérios é a santa **vigília pascal**, coração do **Tríduo pascal** (Sexta-feira Santa, Sábado Santo, Domingo da Ressurreição), centro, ele próprio, de todo o ano litúrgico. Depois de dois dias alitúrgicos, isto é, sem Eucaristia, celebrados no jejum e na comunhão com a Morte do Senhor, a Vigília, «mãe de todas as santas vigílias» (S. Agostinho), faz a transição para a «festa»; ela é o sinal e a realização mais palpável da passagem pascal da morte à vida, da Páscoa, não já só de Cristo, mas dos cristãos.

Os **elementos fundamentais** da Vigília são a celebração do Baptismo e a da Eucaristia.

O Baptismo realiza as antigas figuras da passagem da terra da escravidão para a «Terra onde corre o leite e o mel» (Intr. da 2.ª-f.ª da Oit. da Pásc.), «o reino que está preparado desde a constituição do mundo» (Intr. da 4.ª-f.ª). A Eucaristia é a ceia de novo Cordeiro pascal, banquete dos libertos, festim das núpcias da nova Aliança, onde têm assento «os que lavaram as suas túnicas no sangue do Cordeiro» (Ap. 7, 14). A Eucaristia da Vigília é a Eucaristia, por excelência, pascal, elemento essencial da celebração da noite da Páscoa, noite dos mistérios, das novas «maravilhas»

que Deus faz em favor do seu povo, daqueles que hoje são chamados a entrar pela primeira vez, ou a integrar-se sempre mais, no seu povo escolhido.

Ao lado destes sacramentos maiores, uma multidão de sinais, de densidade diferente, proclamam, cada um à sua maneira, o mesmo mistério da libertação pascal: a celebração começa na treva para logo passar à luz, que não é outra senão a de Cristo ressuscitado, comunicando-se a todos os homens, como a luz do Círio às velas de todos os membros da assembleia; a procissão de entrada é um verdadeiro cortejo de ressuscitados, é a marcha pelo deserto, conduzida pela coluna de fogo, a caminho da Terra Prometida; o precónio pascal, com que o diácono proclama o mistério daquela «noite verdadeiramente afortunada», refere-se com frequência à noite que «arranca ao pecado e às trevas do mundo os que crêem em Cristo e os transfere para o reino do Deus de toda a santidade; as leituras da vigília bíblica que prepara o Baptismo proclamam a nova criação a partir da primeira, e as maravilhas que Deus fez na primeira Páscoa, anúncio da nova Páscoa, agora realizado em Cristo e na Igreja. O prefácio da bênção das fontes baptismais proclama de um extremo ao outro o mistério pascal celebrado no baptismo; e é notável como este mistério da nova Aliança é todo ele apresentado como a realização das figuras antigas. Mas quer nas figuras, quer na realidade, é sempre o mesmo mistério de salvação, sempre a mesma libertação, trazida ao homem perdido, pela acção de Deus, que o chama à Aliança consigo.

Com razão o diácono pode cantar que a luz daquela noite não conhecerá ocaso: da morte surgiu nova vida; e esta não terá fim: é a vida eterna.

a «cinquentena» pascal

Como que para encontrar um sinal desta perenidade da vida pascal, a «festa» prolonga-se por 50 dias. É o que hoje chamamos o «tempo pascal», e que os antigos chamavam o «Pentecostes», ou seja a «Cinquentena» pascal, verdadeira festa dos remidos, dos libertos, dos salvos. É a imagem do reino do Espírito. O Espírito é o dom da Páscoa, o Espírito de Deus, que faz surgir de entre os mortos «o Senhor que por nós pendeu no madeiro», que agora habita em plenitude no Corpo de glória do Senhor Jesus, e que dEle irrompe sobre a terra para vivificar todos os homens da vida de Deus, integrando-os em Cristo, na «universal assembleia da caridade» (S. Inácio de Antioq.), que é a Igreja. O quinquagésimo dia, que depois veio a absorver o nome de Pentecostes, tornou-se a festa do Espírito, não autónoma em relação à Ressurreição, mas como seu fruto e seu termo. É, de facto, na participação no Espírito de Cristo ressuscitado, que está o termo da passagem para o Pai. O Espírito é quem perfaz o círculo de vida trinitária; Ele é quem termina o ciclo do mistério de Cristo. Dom do Pai e do Filho, o Espírito, é quem perfaz o ciclo do mistério pascal: nEle está a Aliança perfeita, pois Ele é o Amor.

Ao sair-se da Igreja no fim da Vigília pascal e ao sentir-se a primeira aragem da rua profana, pode ser-se tentado a crer que tudo o que lá dentro aconteceu foi evasão transitória. Ainda hoje haverá Páscoa? Ainda hoje o homem poderá passar do mundo para o Pai? A que vêm os sinais da liturgia, na sua ânsia incontida de proclamar a salvação a um homem que hoje ou se não crê condenado, ou não espera a redenção senão de si próprio?

A liturgia não entra em discussão escolar com tais contraditores: não argumenta, não contradiz. Celebra, faz, apresenta. E convoca os homens, os de hoje, todos, para lhes dizer: «Irmãos, a Páscoa é hoje; hoje o Senhor passa no meio de nós e salva. Se hoje tendes fé, se escutais hoje a sua Palavra, se hoje aceitais, na sua humildade, a «maravilha» dos seus sacramentos, hoje entrareis com Ele no paraíso, e «amanhã vereis a sua glória», porque, «se ressuscitastes com Cristo, ... vós morrestes e a vossa vida está econdida com Crito em Deus; quando Cristo, vossa vida, se manifestar, então também vós vos haveis de manifestar com Ele na glória» (Ep. de Vigília).

O Círio pascal é um sinal importante na celebração da Vigília, embora, sem dúvida, não essencial. Um pormenor, aparentemente secundário, veio, desde 1951, conferir-lhe uma significação eloquente: o Círio deve apresentar, bem visível, a data do ano corrente. Este ano: 1966. O que se pretende é, evidentemente, afirmar-se a actualidade do mistério, na celebração litúrgica, para o homem de hoje, porque o mistério que ele celebra é o próprio mistério de Cristo, que é de ontem, de hoje, e para todo o sempre (He. 13, 18). É que o mistério, intemporal como é, tem possibilidade de tornar-se contemporâneo de todos os homens; e os homens todos têm necessidade da salvação que ele lhes comunica, porque «todos pecámos e estamos privados da glória de Deus» (Rom. 3, 23).

Mas pode perguntar-se: será o homem contemporâneo ainda sensível ao mistério da Páscoa e à sua celebração na liturgia? Ao mistério, certamente, se antes se suposer a Fé que vem pela Palavra. Oiçam os homens a Boa-Nova, pela proclamação da Palavra de Deus, «viva, operante e mais penetrante que uma espada de dois gumes» (He. 4, 12), e pelo testemunho dos que dizem ter já nela acreditado, e o sopro do Espírito de novo se desencadeará sobre a terra. A evangelização precede necessàriamente a celebração; de contrário em lugar de liturgia cristã teremos culto pagão. Mas será ele ainda sensível à linguagem dessa celebração? A reforma da Semana Santa, veio mostrar, ao menos em certos meios ainda com algum contacto com a Palavra de Deus, que à medida que a liturgia tem reencontrado a sua simplicidade, clareza e inteligibilidade naturais, segundo as normas do Concílio, (cf. Constituição sobre a Sagrada Liturgia, n.º 34), ela tem sido cada vez mais compreendida e a sua dinâmica tem-se feito sentir fortemente na vida das comunidades. Certamente que outras novas

evoluções deverão ser adoptadas, conforme o exigir a «diversidade das assembleias, regiões, povos, sobretudo nas Missões» (Const. n.º 38), porque, de facto, «em vários lugares e circuntâncias é urgente mais profunda adaptação da liturgia» (ib. n.º 40).

Se, porém, o homem de hoje parece ser menos sensível à linguagem dos sinais sagrados, não se deve perder de vista que, por um lado, os sinais são sempre alguma coisa de essencial ao contacto entre os homens, e que, quando uns desaparecem, outros terão de os substituir; e, por outro lado, que o homem da idade da técnica é antes de mais um homem, capaz e necessitado, como todos os demais, de redescobrir os sinais da assembleia cultual, como descobre os da multidão no estádio ou na sala de espectáculos. Não terão sido convincentes as experiências ensaiadas ou plenamente realizadas nos últimos anos, em particular na celebração do mistério pascal? Nem é razão para desanimar se acaso há ainda muito para redescobrir. Cada tempo como que refaz toda a história. O mistério pascal é um dos fulcros da Constituição sobre a Sagrada Liturgia de 1963, mas ele é ainda ignorado na encíclica **Mediator Dei** de 1947. Sinal dos tempos, também este! Mas grande sinal, o do nosso tempo! É preciso entendê-lo. O mistério pascal tem necessàriamente de ser descoberto e de ser celebrado pelo homem de hoje, porque o objecto da sua celebração é alguma coisa que não é invenção de hoje, mas que lhe preexiste, porque é instituição do Senhor, e que é celebrado precisamente para o tornar actual hoje. Ao celebrá-lo a Igreja faz a lembrança do Senhor Jesus e da sua obra de salvação em favor dos homens, e apresenta-a de novo aos homens como instituição do Senhor, porque nem as «antigas misericórdias» de Deus passaram, nem o pecado dos homens acabou.

É nesta fé que a Igreja reza todos os anos:

«Lembrai-vos, Senhor, das vossas misericórdias, e santificai os vossos servos com a vossa eterna protecção, pois foi para eles que Cristo, vosso Filho, pelo seu sangue, instituiu o mistério pascal» [6].

6. Pós-comúnio de Sexta-feira Santa.

quaresma
«preparação da páscoa»

PEDRO JORGE A. VIEIRA

No âmago do facto cristão encontramos o Mistério Pascal: este Mistério é uma História em que Deus embarca, é a História da Salvação. Em todas as suas fases ela aponta para Cristo: por isso o Mistério Pascal é uma Pessoa, Cristo, «que foi entregue por causa das nossas faltas e ressuscitado por causa da nossa justificação» (Rom. 4, 25).

A Igreja dos primeiros tempos legou-nos um sentido muito vivo da Ressurreição do Senhor (vd. Act. 2, 22-33; 3, 13-16; 4, 10-12; 5, 30-32; 10, 39-41; 13, 27-37; 17, 18, 30-31; Rom. 4, 25; 6, 4, 8-10; 10, 9; I Cor. 15, 3-8; 15, 12-20; 2 Cor. 5, 15; I Tess. 4, 14; Mt. 28; Mc. 16; Luc. 24; Go. 20 e 21). Entre a Ressurreição e a segunda vinda no «Último Dia», no dia da grande manifestação do Senhor, a Igreja **anuncia** e **celebra** o Mistério Pascal.

Como é que a Igreja **tem celebrado** e **tem vivido** na fase central do ano este Mistério?

Respondendo a esta pergunta apresentaremos:

Em primeiro lugar uma resenha da formação histórica do Ciclo Pascal e das necessidades ou intenções que presidiram a essa formação.
Em segundo lugar inseriremos alguns excertos dos formulários dos escrutínios e algumas referências a obras de autores antigos, na sua maior parte pastores.

Por fim, à luz da Constituição da Liturgia apontaremos sumàriamente a flagrante **actualidade espiritual** e **pastoral** das grandes linhas da tradição.

1. a formação do ciclo pascal

o domingo

o dia da ressurreição

Os cristãos dos primeiros tempos eram dominados pela Morte e Ressurreição do Senhor. Reuniam-se habitualmente «no primeiro dia da semana» (Mt. 28, 1; Mc. 16, 9; Luc. 24, 1; Jo. 20, 1), «o dia que o Senhor fez», porque o dia em que o Senhor ressuscitou e se foi manifestando aos seus. O ritmo da vida cristã era pois marcado pela celebração do domingo, a Páscoa de cada semana.

Mas logo a partir do século II o povo cristão começa a reservar, no jejum e na oração, um dia aniversário para a celebração da Paixão e da Ressurreição do Senhor.

o «pentecostes»

A irradiação da Grande Solenidade não poderia confinar-se a um dia ou a uma semana. Por isso, a partir do século III, a Páscoa prolonga-se durante cinquenta dias (o «Pentecostes») para conhecer um tempo forte no quinquagésimo dia, que sobretudo a partir do séc. IV é particularmente solenizado. Deste modo, o ciclo semanal, que assenta no domingo, integra-se num ciclo mais vasto, o anual, que se forma a partir da celebração do aniversário da Paixão e da Ressurreição.

a preparação da páscoa

tríduo pascal:
passagem de Cristo e do cristão da morte à vida

Na noite da Ressurreição os cristãos reuniam-se para comemorar, nos sacramentos do baptismo e da eucaristia, o conjunto dos acontecimentos da Paixão e da Ressurreição do Senhor. Mas tão grande festa era paradoxalmente envolvida por intenso jejum. Cedo, porém, a sexta-feira e o sábado comportaram a preparação da Vigília Pascal, formando no conjunto «o sacratíssimo tríduo do Crucificado, Sepultado e Ressuscitado», como se exprime Santo Agostinho.

A noite pascal encontra-se portanto na charneira da celebração da Morte e da Ressurreição de Cristo. Nela se encontram as duas vertentes do ciclo pascal: a vertente da Quaresma e do tríduo, pela qual a Vigília mergulha no mundo que é arrancado ao pecado pela morte de Cristo; a vertente da cinquentena pascal que se desdobra na alegria da libertação para a Vida em Cristo, prenúncio e posse antecipada da alegria sem fim.

a quinta-feira e os restantes dias da semana

Nos séculos IV e V a quinta-feira foi reservada para os preparativos da Vigília Pascal: os penitentes públicos eram reconciliados em ordem à reintegração na comunidade para as festas e eram consagrados os santos óleos para os baptismos da Vigília.

Desde muito cedo, provàvelmente antes do século IV, toda a semana se fixou na meditação da Paixão.

a preparação para a páscoa amplia-se

O desequilíbrio entre o prolongamento das solenidades pascais e a sua preparação era ainda muito sensível: é assim que ao longo do séc. IV se introduzem mais três semanas de jejum. O seu carácter de preparação próxima para a Páscoa determinou a temática destas semanas: a «conjura» contra a salvação de Deus e iniciação à vida pascal, e a conversão dos catecúmenos.

Um século mais tarde surge a Quadragésima: a própria designação nos introduz na temática: os 40 dias, a humilhação que conduz à glória.

Toda a quaresma está encaminhada num sentido de preparação para a Páscoa. Ilustrando este carácter de preparação, vejamos as orientações que esta tomou em Roma.

quaresma, preparação para a páscoa

• Antes de mais, a quaresma estava marcada pela preparação dos penitentes para a solene reconciliação da quarta-feira santa. Desde que o jejum tinha sido estendido aos quarenta dias, iniciavam o seu tempo de penitência no primeiro domingo da quaresma. Mais tarde e para que se perfizessem exactamente os 40 dias de jejum, uma vez que ao domingo nunca se jejua, anteciparam para a quarta-feira que precede o primeiro domingo, o início do tempo de penitência.

Com a extinção do uso da penitência pública, todos os cristãos passaram a receber as cinzas nesse dia, e o Papa Urbano II alargará o costume a toda cristandade no final do séc. XI.

• A preparação dos catecúmenos para o baptismo pascal.

Normalmente ao fim de três anos de catecumenato, os «escolhidos» inscreviam-se para a preparação próxima da Quaresma.

No início do século VI o catecumenato de três anos desaparece. Os baptismos de adultos tornam-se bastante raros e as crianças apresentadas vêm de meios cristãos. Isto implicou remodelações na organização pré-baptismal. Inicialmente havia três **escrutínios** que consistiam em exorcismos e instruções que estavam ligados à primeira parte da missa. Na segunda parte do século VI os escrutínios são sete. Primitivamente celebrados nos terceiro,

quarto e quinto domingos da quaresma, são depois deslocados para a semana, acabando por se libertarem progressivamente das missas quaresmais.

• Preparação de todo o povo cristão para uma participação mais autêntica na páscoa anual.

Ao lado de uma tomada de consciência de povo resgatado pelo baptismo, a comunidade cristã é chamada a acompanhar, ao longo da quaresma, os penitentes públicos e os catecúmenos. Um dos elementos específicos dos escrutínios, era a presença da comunidade preparando os candidatos ao baptismo. A Igreja é assim um grande «meio penitente», aprofundando na morte para o pecado, a sua vida em Cristo.

novos desenvolvimentos

Nos primeiros anos do século VI o jejum estende-se a sete semanas e aparece o domingo da quinquagésima, o quinquagésimo dia antes da páscoa. O fim do século VI e o princípio do século VII conhecem respectivamente o aparecimento da Sexagésima e Septuagésima. Na liturgia destes domingos, além da intenção de preparação para a Páscoa entrecruzam-se as influências das invasões bárbaras e mais marcadamente do culto dos três santos patronos de Roma.

enriquecimento das semanas

Nos primeiros tempos da Igreja a celebração eucarística era exclusiva do domingo, o dia da Ressurreição do Senhor. As quartas-feiras e as sextas-feiras tinham sòmente celebrações da Palavra. A partir do século V as segundas-feiras e as terças-feiras receberam também formulários para a sua celebração, que a partir do séc. VI passa a incluir também a Eucaristia. As quintas-feiras sòmente no século VIII receberam os formulários: estes dias principalmente sofreram a influência das «estações».
Por esta designação entendemos as basílicas onde o Papa, o clero e os fiéis se reuniam para as celebrações quaresmais, proporcionando deste modo uma ocasião de intercâmbio entre as várias paróquias. O termo «estação» no século II dizia-se do jejum das quartas e das sextas. Mas logo passou a designar as reuniões de oração. O local e os patronos deixaram vestígios na liturgia, legando-nos deste modo uma nota muito significativa da adaptação e de sentido de inserção da liturgia no contexto real da comunidade.

síntese

«A natureza deste tempo é comandada pelo seu termo. (...) Apresenta-se portanto como um tempo penitencial, um tempo baptismal e um tempo da vida cristã mais intenso» [1].

1. A. CHAVASSE, Le cycle pascal, em A.-G. MARTIMORT, L'Église en Prière, Introduction à la Liturgie, Paris — Tournai, Desclée, 1961, p. 701.

«No seu mistério pascal Cristo passa da morte à vida (semana santa) e é no baptismo que nos é dado encontrarmo-nos com este mistério (3.ª e 4.ª semanas).

Cristo entrou na morte: quanto a nós, entramos nela pela «mortificação» à qual nos convidam especialmente as duas primeiras semanas.

Portanto, a quaresma não é primordialmente um tempo de práticas particulares, mas um meio de nos encontrarmos com Cristo no seu mistério de morte e de ressurreição» [2].

2. testemunhos da tradição

os escrutínios ([1])

Para lá de uma preparação meramente intelectual os catecúmenos eram chamados a uma progressiva integração na comunidade cristã, pela acção de Deus que no meio e através dessa comunidade, realiza a libertação do poder de Satã. Em resumo, é este o conteúdo profundo de uma teologia dos escrutínios.

Alguns formulários [2] que apresentamos fazem-nos tocar ao vivo esta realidade. Também não se pode deixar de ver uma relação profunda e esclarecedora na escolha tão abundante de textos do evangelho de S. João para o tempo da quaresma. Há quem se incline para que o evangelho de S. João tenha sido escrito como uma catequese para uso dos catecúmenos ou baptizados. «Todavia, encontramo-nos aí, em toda a evidência, com uma doutrina teológica expressa em símbolo e que a intuição da Liturgia quadragesimal quis destacar».

Uma tábua [3] dos textos de S. João conforme a sua utilização litúrgica no tempo da Quaresma, ajuda-nos a situarmo-nos na relação existente entre os formulários e a escolha destas passagens.

1.ª Semana

Sexta-feira — Cena do paralítico em Bezatha	5, 1-15

2.ª Semana

Segunda-feira — Jesus não é deste mundo	8, 21-29

---

2. Missel de l'Assemblée Chrétienne, Introdução à quaresma, p. 272.
1. Vd. acima parte histórica.
2. Os formulários destes escrutínios encontram-se no Sacramentário gelasiano. O Sacramentário é um livro que contém os textos próprios do celebrante. O Sacramentário gelasiano (nome derivado de S. Gelásio Papa), manuscrito do séc. VIII, foi usado em Roma e redigido por um padre. A compilação que esta obra representa foi terminada no fim do séc. VII. Este Sacramentário foi reeditado por L. C. MOHLBERG, Liber Sacramentorum Romanae Aecclesiae... Roma, Casa Editrice Herder, 1960.
3. Decalcada em A. NOCENT. Contempler sa gloire — Carême, p. 190

3.ª Semana

Sexta-feira — A Samaritana	4, 5-42
Sábado — A mulher adúltera	8, 1-11

4.ª Semana

Domingo — A multiplicação dos pães	6, 1-15
Segunda-feira — Os vendilhões do templo	2, 13-25
Terça-feira — O ensinamento de Cristo	7, 14-31
Quarta-feira — O cego de nascença	9, 1-38
Sexta-feira — Ressurreição de Lázaro	11, 1-45
Sábado — Jesus, luz do mundo	8, 12-20

5.ª Semana

Domingo — Jesus maior do que Abraão	8, 46-59
Segunda-feira — A água viva	7, 32-39
Terça-feira — Subida a Jerusalém	7, 1-13
Quarta-feira — Jesus, filho de Deus	10, 22-38
Sexta-feira — Profecia de Caifás	11, 47-54
Sábado — Entrada em Jerusalém	12, 10-36

primeiro escrutínio

Oração sobre os homens: «Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob, Deus que no Monte Sinai aparecestes ao vosso servo Moisés e fizestes sair do Egipto os filhos de Israel, enviando-lhes misericordiosamente o vosso Anjo para os guardar de dia e de noite: nós vos pedimos, Senhor, que vos digneis igualmente enviar do céu o vosso Anjo para guardar estes vossos servos e conduzi-los à graça do baptismo [4].

Exorcismo sobre os homens: «Tu, ó diabo maldito, reconhece pois a sentença que te condena e rende homenagem ao Deus vivo e verdadeiro, rende homenagem a Jesus Cristo, seu Filho, e ao Espírito Santo e afasta-te destes servos de Deus. Porque agradou a Deus e a nosso Senhor Jesus Cristo chamá-los à sua santa graça, à sua bênção e à fonte baptismal. E que tu, diabo maldito, nunca te atrevas a violar este sinal da Santa Cruz com que nós marcamos as suas frontes» [5].

Oração sobre as mulheres: «Deus do céu e da terra, Deus dos Anjos, Deus dos Arcanjos, Deus dos Patriarcas, Deus dos Profetas, Deus dos Apóstolos, Deus dos Mártires, Deus das Virgens, Deus de todos os que vivem santamente, Deus que toda a língua proclama no céu, na terra e nos

4. Sacr. gel. I, XXXIII, p. 44, 291. Esta oração conservou-se no ritual do baptismo dos adultos.
5. Sacr. gel. I, XXXIII, p. 44, 292. Encontra-se no ritual dos adultos.

infernos, vos suplico, Senhor, que vos digneis guardar estas vossas servas e conduzi-las à graça do baptismo» [6].

O sacerdote diz a oração final: «Senhor, Pai Santo, Todo-Poderoso e Eterno, Deus da luz e da verdade, eu vos imploro a vossa eterna e justíssima misericórdia sobre estes vossos servos e servas. Dignai-vos iluminá-los com a luz da vossa inteligência. Purificai-os e santificai-os. Dai-lhes a verdadeira sabedoria a fim de se tornarem dignos de terem acesso à vossa graça baptismal. Que eles guardem uma esperança firme, um juízo recto, uma doutrina santa, para que sejam aptos para receber a vossa graça» [7]. Durante o cânon: «Lembrai-vos, Senhor, dos vossos servos e servas que vão encarregar-se dos vossos eleitos até à santa graça do seu baptismo, e de todos os que nos rodeiam». Aqui o celebrante interrompe e lêm-se os nomes daqueles e daquelas que vão encarregar-se das crianças [8]. Depois continua: «Vós conheceis a sua fé ...». Ao longo do cânon ainda: «Esta oferta, Senhor, vos pedimos, recebei-a favoràvelmente; nós vo-la oferecemos pelos vossos servos e servas que vos dignastes pôr à parte, escolher e chamar para a vida eterna e para o santo dom da vossa graça.» Lêm-se os nomes dos «eleitos» e em seguida o celebrante continua: «Estes, Senhor, vão ser renovados na fonte baptismal. Nós vos pedimos que o dom do vosso Espírito os prepare para a plenitude dos vossos mistérios» [9].

segundo escrutínio

O escrutínio no que tinha de específico compreendia sòmente um exorcismo sobre os homens e, sobre as mulheres, uma oração e um exorcismo.

Exorcismo sobre os homens: «Escuta, maldito Satã, eu te esconjuro pelo nome do Deus eterno e do Filho de Deus, nosso Salvador; vencido, afasta-te com o teu ódio, tremendo e gemendo. Que nada mais de comum exista entre ti e os servos de Deus. Doravante eles só pensam nos bens celestes, vão renunciar a ti e ao teu mundo e alcançar a vitória para a imortalidade feliz. Portanto, rende homenagem ao Espírito Santo que descendo do alto do céu, vem frustrar os teus ardis e, com os corações purificados pela fonte divina, o mesmo é dizer santificados, edificar para Deus um templo e uma habitação. Que inteiramente libertos das consequências funestas das suas faltas passadas, os servos de Deus dêm sempre graças ao Deus eterno e bendigam o seu santo nome pelos séculos dos séculos» [10].

Oração sobre as mulheres: «Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob, Deus que instruístes as tribos de Israel e livrastes Suzana da falsa

6. Sacr. gel. I, XXXIII, p. 44, 293. Existe no ritual dos adultos.
7. Sacr. gel. I, XXXIII, p. 45, 298. Baptismo dos adultos e das crianças no nosso ritual.
8. Referência aos padrinhos, encarregados em nome da comunidade de acolher e preparar os catecúmenos para a inserção na mesma.
9. Sacr. gel. I, XXVI, p. 33, 195-197. Todas estas fórmulas desapareceram.
10. Sacr. gel. I, XXXIII, p. 45, 294. Exorcismo empregado ainda no ritual dos adultos.

acusação, vos suplico, Senhor, que livreis também estas vossas servas e dignai-vos conduzi-las à vossa graça baptismal!» [11].

entrega do símbolo

Aqui começa a introdução ao símbolo em ordem aos eleitos.

Antes de recitar o símbolo, fazei a presente exposição:

«Filhos bem amados, vós ides receber os sinais sacramentais do baptismo e ser regenerados em novas criaturas do Espírito Santo. Acolhei com todo o vosso coração a fé que vai justificar-vos, vós que acreditais. Com a alma transformada por uma verdadeira conversão, aproximai-vos de Deus que ilumina os espíritos. Recebei o sacramento do símbolo evangélico. Ele foi inspirado pelo Senhor e instituído pelos Apóstolos [12]. As suas fórmulas são sucintas mas grandes são os mistérios que contêm. Porque o Espírito Santo que inspirou aos chefes da Igreja uma tal linguagem e com uma tal concisão estabeleceu esta carta da fé que nos salva. Assim, o que sempre devereis acreditar e professar não poderá escapar à vossa inteligência ou sobrecarregar a vossa memória. Aplicai portanto o vosso espírito ao estudo deste símbolo, e o que vos transmitimos do mesmo modo que o recebemos, inscrevei-o, não em qualquer matéria corruptível, mas sobre as páginas do vosso coração.

É por isso que a confissão de fé que recebestes principia por este exórdio. (...)

Quando o acólito que pôs a mão sobre a cabeça da criança acabou de cantar o símbolo, o padre prossegue:

Tal é o resumo da nossa fé, filhos bem amados, tais são as fórmulas do símbolo. Não são fruto da linguagem da sabedoria humana, mas são divinamente dispostas segundo uma doutrina infalível. Que ninguém seja incapaz ou inapto para as compreender e para as guardar. Aí declara-se igual o poder de Deus Pai e de Deus Filho. Aí se testemunha que o Filho único de Deus nasceu, segundo a carne, da Virgem Maria e do Espírito Santo. Aí se proclama a sua crucifixão, a sua sepultura, e a sua Ressurreição ao terceiro dia. Aí se reconhece que subiu aos céus e está sentado à direita da Majestade do Pai. Aí se anuncia que virá julgar os vivos e os mortos. Aí se admite que o Espírito Santo, adentro da mesma divindade, é inseparável do Pai e do Filho. Aí se ensina, enfim, a convocação que é realizada pela Igreja, a remissão dos pecados e a ressurreição da carne.

Assim, meus bem amados, do velho homem que vós éreis, eis-vos aqui regenerados segundo o homem novo; de carnais eis-vos espirituais, de

11. Sac. gel. I, XXXIII, p. 45, 295. Esta oração não foi retomada no nosso ritual. Notemos que a história de Suzana tinha sido proclamada precisamente no terceiro sábado, véspera do quarto domingo e do seu escrutínio.
12. A Igreja medieval admitia a origem apostólica do Símbolo.

terrestres eis-vos celestes. Com uma fé segura e constante acreditai que a ressurreição realizada em Cristo deve realizar-se também em todos nós, de tal modo que há-de sobrevir para todo o corpo, o que já sobreveio para a cabeça. Efectivamente, o sacramento do baptismo que vós ides receber prefigura esta esperança. Porque aí se celebra uma morte e uma ressurreição. Depõe-se o velho homem para revestir o homem novo. É um pecador que entra na água, é um justificado que emerge. Rejeita-se aquele que nos arrastou para a morte e recebe-se aquele que nos reconduziu à vida, aquele cuja graça vos permite serdes filhos de Deus, concebidos não pela vontade do homem, mas gerados pelo poder do Espírito Santo. Assim, em qualquer ocasião podereis recorrer ao apoio desta confissão. Porque o poder de tais armas é sempre invencível, útil ao bom serviço de Cristo contra todas as manhas do inimigo. Que o demónio, que não cessa de tentar o homem, vos encontre sempre defendidos por este símbolo. Deste modo, depois de ter vencido o adversário a que vós renunciais, protegidos por aquilo mesmo que confessais, guardareis até ao fim, íntegra e sem mancha, a graça do Senhor. Assim, naquilo em que recebeis o perdão dos vossos pecados, nisso mesmo possuireis a glória da ressurreição. Meus bem amados, este símbolo da fé católica que acaba de ser proclamado vós o conheceis presentemente. Agora, ide e aprendei-o sem lhe mudar nenhuma palavra. Com efeito a misericórdia de Deus é poderosa: que ela vos conduza no caminho para a fé baptismal.

E a nós que vos transmitimos estes mistérios, que nos faça chegar convosco ao Reino do Céu. Pelo mesmo Jesus Cristo nosso Senhor que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amen» [13].

entrega do «pater»

Introdução à oração do Senhor.

O diácono dirige uma monição aos «eleitos» como acima.

Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, entre outras instruções salutares, deixou aos seus discípulos que o interrogaram sobre como deviam rezar, esta fórmula de oração que a presente leitura acaba de melhor vos fazer conhecer. Escutai agora com amor como ele ensina aos seus discípulos a orar a Deus Pai Todo-Poderoso: «Tu porém quando rezares, retira-te para o teu quarto, e com a porta fechada, reza ao teu Pai». A palavra quarto de que ele se serve não designa um lugar escondido, mas lembra que os segredos do nosso coração só a ele são acessíveis. Adorar a Deus com a porta fechada, significa como que fechar o nosso coração com uma chave, e, de boca fechada, falar a Deus com uma alma pura. O nosso Deus presta atenção à fé e não às palavras. Portanto, que pela chave da fé o nosso coração seja fechado às traições do inimigo e aberto só a Deus, de quem se sabe que ele é o templo.

13. Sacr. gel. I, XXXV, pp. 48-51, 310-311, 315-318.

Assim aquele que habita em nossos corações assistir-nos-á ele mesmo em nossas orações. Cristo nosso Senhor, Palavra de Deus e Sabedoria de Deus, ensinou-nos esta oração, a fim de que nós rezássemos assim.

Depois disto o sacerdote comenta o «Pater».

Pai nosso que estais no Céu. É um grito de liberdade pleno de confiança. Portanto, a partir destas palavras, levai uma vida tal que possais ser filhos de Deus e irmãos de Cristo. Na verdade, por que temeridade se atreve a chamar a Deus seu Pai quem se afasta da sua vontade? Por isso, bem amados, mostrai-vos dignos da adopção divina, pois está escrito: «a quantos o receberam deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus».

Santificado seja o vosso nome. Isto não significa que Deus seja santificado pelas nossas orações, ele que é sempre santo. Mas nós pedimos que o seu nome seja santificado em nós, a fim de que, santificados no seu baptismo, perseveremos naquilo que começamos a ser.

Venha a nós o vosso reino. De facto, quando é que o nosso Deus não reina infinitamente, ele que é imortal? Mas quando dizemos: «venha a nós o vosso reino», é o nosso reino cujo advento nós pedimos, reino prometido por Deus, adquirido pelo sangue e pela paixão de Cristo.

Seja feita a vossa vontade. O mesmo é dizer, que a vossa vontade se realize nisto: o que Vós quereis no céu, possamos nós, habitantes da terra, cumpri-lo de maneira irrepreensível.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Aqui devemos entender «pão» em sentido espiritual. Efectivamente Cristo é nosso pão, ele que disse: «Eu sou o pão vivo descido do céu». Nós o dizemos «de cada dia», porque devemos sempre pedir para ser preservados do pecado a fim de sermos dignos dos alimentos celestes.

Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Por este mandamento é-nos significado que não podemos merecer o perdão dos nossos pecados se em primeiro lugar não perdoamos àqueles que nos ofenderam. Como diz o Senhor no Evangelho: «Se não perdoardes aos homens os seus pecados, o vosso Pai não mais vos perdoará as vossas faltas».

E não nos deixeis cair em tentação. Isto é, não permitais que sejamos induzidos pelo tentador, o autor da corrupção. Diz efectivamente a Escritura: «Deus não tenta para o mal». É o diabo que é o tentador; e é para dele triunfar que o Senhor recomenda: «Vigiai e orai para não cairdes em tentação».

Mas livrai-nos do mal. Ele diz isto por causa de palavra do Apóstolo: «Vós não sabeis o que é preciso pedir em vossas orações». Só nos é necessário rezar ao único Deus Todo-Poderoso de tal modo que ele, na sua misericórdia, se digne conceder-nos que combatamos tudo aquilo de que a natureza humana não tem a força de se guardar ou de se afastar,

Ele, Jesus Cristo nosso Senhor, nosso Deus, que vive e reina na unidade do Espírito Santo por todos os séculos dos séculos.

O diácono proclama: Permanecei em ordem e em silêncio. Escutai atentamente:

Vós ouvistes, bem amados, os santos mistérios da oração do Senhor. Agora vós ides partir; renovai-vos em vossos corações a fim de que, perfeitos em Cristo, possais solicitar e receber a misericórdia de Deus. O Senhor nosso Deus tem poder não só de vos conduzir, a vós que correis para a fé, até ao banho da água da regeneração, mas também de nos fazer chegar ao reino do céu, a nós que vos transmitimos o mistério da fé católica. Ele que vive e reina com Deus Pai na unidade do Espírito Santo por todos os séculos dos séculos [14].

doutrina dos padres da igreja

a observância quadragesimal

Os autores antigos, principalmente através de homilias e catequeses, legaram-nos um verdadeiro corpo doutrinal sobre uma espiritualidade quaresmal. Tornaram-se mesmo clássicos os três pontos da observância quadragesimal enunciados por S. Leão Magno: um jejum prolongado (prolixiora jejunia), esmolas abundantes (eleemosynae largiores), uma oração assídua (frequentiores preces).

Algumas referências que apresentamos não dispensam a leitura das próprias obras: a sua sistematização pode no entanto oferecer utilidade espiritual e pastoral.

penitência

Santo Ambrósio, comentando o evangelho da primeira quarta-feira da quaresma (Mt. 12, 38-50), situa a penitência numa perspectiva de História de Salvação: «Eis portanto um grande símbolo de Cristo e da Igreja. Mas todavia, há mais: outrora isto não era senão uma figura, agora o mistério está cumprido numa realidade plena. Antes, havia Salomão, figura de Cristo, agora há Cristo no seu Corpo. A Igreja compõe-se de dois elementos: uns desconhecem o pecado, outros renunciam-lhe. À penitência pertence destruir o pecado, à sabedoria evitá-lo. Aliás, o sinal de Jonas, figura da Paixão do Senhor, é ao mesmo tempo um testemunho da gravidade das faltas cometidas pelos judeus. Pode considerar-se ao mesmo tempo não só o oráculo pronunciado pela majestade do Senhor, mas também a prova da sua benevolência. Citando o exemplo dos Ninivitas, Jonas anuncia um castigo, mas indica também um remédio. É por isso que,

14. Sacr. gel. I, XXXVI, pp. 51-53, 319-328.

mesmo os judeus não devem desesperar do perdão, se querem fazer penitência» [1].

vícios a destruir

No comentário ao evangelho da terceira sexta-feira da quaresma (Luc. 4, 38-44, cura da sogra de Simão) enuncia os grandes vícios sobre os quais é preciso fazer penitência. «Talvez a sogra de Simão e André fosse também a figura da nossa carne mortal que definha, acabrunhada pelas múltiplas febres das paixões, e consumida pelos seus imoderados desejos de prazeres. Eu ouso mesmo dizer que um afecto desordenado não é menos febre do que aquela cujo calor se faz sentir no corpo. Uma abrasa o corpo, outra abrasa a alma. A nossa febre é, sem dúvida, a avareza; a nossa febre é a luxúria; a nossa febre é a ambição; a nossa febre é a inclinação para a cólera» [2].

autenticidade no jejum

A penitência é uma atitude de espírito que deve traduzir-se em práticas. S. João Crisóstomo numa homilia pronunciada no Domingo de Páscoa resume a sua maneira de interpretar o jejum. «Quando jejuáveis, eu dizia-vos que poderíeis mesmo jejuar sem o fazer; hoje digo-vos que se pode jejuar não jejuando. Talvez esta linguagem vos pareça enigmática; mas eu vou dar-vos imediatamente a chave. Como é possível jejuando não jejuar? Isto acontece quando, renunciando ao alimento habitual, não se renuncia aos seus pecados. Como é possível não jejuando jejuar? Assim é quando se usa de alimento sem usar do pecado. Este jejum é bem melhor do que o outro; e não sòmente melhor, mas ainda mais fácil» [3]. O pensamento de S. Leão é idêntico: «O que cada cristão deve fazer em qualquer altura, a isso mesmo se deve consagrar agora com fé e amor; assim satisfaremos a esta obrigação que remonta aos Apóstolos, obrigação de jejuar durante 40 dias, não sòmente reduzindo a nossa alimentação, mas sobretudo abstendo-nos do pecado» [4].

Santo Agostinho também repete muitas vezes: «Para jejuar verdadeiramente, trata-se em primeiro lugar de se abster de toda e qualquer falta». E S. Leão, ainda vai mais longe, reagindo contra a hipocrisia, dizendo: «Efectivamente não é sem motivo que estamos expostos às críticas dos infiéis e são as nossas próprias faltas que armarão as línguas ímpias contra a religião se, quando jejuarmos, a nossa maneira de viver não estiver de acordo com a pureza de uma verdadeira abstinência» [5].

---

1. S. AMBROISE, Commentaire sur l'Évangeile de S. Luc, liv. 7, c. 11, n.º 96-97; citado de ADRIEN NOCENT, contempler sa gloire — Carême, p. 161.
2. S. AMBROISE, Commentaires sur Saint Luc, ch. 4. Citado de op. cit., p. 201.
3. S. JEAN CHRISOSTOME, Homélie contre l'ivresse et sur la résurrection, Oeuvres complètes de S. Jean Chrysostome, par J. BAREILLE, Paris, Vivès, 1866, t. 2, p. 383. Citado de op. cit. p. 83.
4. S. LÉON LE GRAND, Sermons, trad. et notes de dom René DOLLE, coll. Sources chrétiennes, n.º 49, Paris, ed. du Cerf. 1957, 6.º serm. sur le carême, t. II, p. 58. Citado de op. cit., p. 83.
5. S. LÉON, 4º serm. sur le carême, op. cit., p. 45. Citado de op. cit., p. 82.

relação entre a oração e o jejum

Santo Agostinho e S. Leão Magno são os autores que mais falaram ou escreveram sobre o modo como encaravam a vida cristã na quaresma. Ambos insistem na relação orgânica existente entre o jejum, a oração, a esmola, a caridade.

«Não há dúvida alguma, escreve Santo Agostinho, de que o jejum é útil: assim o homem prova que quer alcançar o que suplica quando se mortifica com jejum» [6].

O mesmo Santo Agostinho dizia ainda aos fiéis num sermão de quaresma: «Para que as nossas orações possam ganhar mais fàcilmente o seu impulso e chegar até Deus, é preciso dar-lhes os dois ritos da esmola e do jejum» [7] «A nossa oração, — apoiada sobre a humildade e a caridade, sobre o jejum e a esmola, sobre a abstinência e o perdão das injúrias, sobre o cuidado que pusermos em fazer o bem em vez do mal, de evitar o mal e de praticar o bem, — procura a paz e obtém-na, pois esta oração voa, sustida e levada pelos céus onde Jesus Cristo que é a nossa paz, se nos antecipou» [8]. «Estas esmolas piedosas e este jejum frugal são as asas que nestes santos dias ajudarão a nossa oração a subir até ao céu» [9].

acima de tudo a caridade

Enquanto Santo Agostinho insiste mais na qualidade da oração, S. Leão Magno é mais sensível à caridade fraterna que se traduz concretamente pela esmola. Em quase todos os sermões fala da caridade, do perdão das injúrias e da esmola.

«Por conseguinte bem amados, recordando-nos da nossa fraqueza que fàcilmente nos faz cair em toda a espécie de faltas, guardemo-nos de negligenciar este remédio primordial e este meio muito eficaz de curar as nossas feridas; perdoemos para que se nos perdoe, concedamos a graça que nós próprios pedimos; não procuremos vingar-nos, nós que suplicamos que se nos perdoe» [10].

O leitmotiv das conclusões da maior parte dos sermões de S. Leão Magno na quaresma é o perdão das ofensas. Baseando-se no «Pater»: «Se efectivamente dizemos: perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores, acorrentamo-nos nós mesmos a vínculos muito mais fortes se não cumprirmos o que declaramos» [11].

---

6. Patrologie latine, 35, 3-364. Obra incerta. Citado de op. cit., p. 77.
7. Serm. 206, Oeuvres complètes de S. Augustin, Paris, Vivès, 1.872, t. 18, p. 107. Citado de op. cit., p. 77.
8. Serm. 206, Vivès 18, 118. Citado de op. cit., p. 77.
9. Serm. 207, Vivès 18, 110. Citado de op. cit., p. 77.
10. S. LÉON, 1er Serm. sur le carême, op. cit., p. 32. Citado de op. cit., p. 78.
11. S. LÉON, 5e serm. sur le carême, op. cit., p. 54. Citado de op. cit., p. 79.

«Mitiguemos em relação aos nossos subordinados a severidade das nossas ordens, desistamos de nos vingar de uma falta, e que os culpados de crimes se alegrem com a chegada destes dias em que a própria austeridade das sanções públicas é atenuada pela intervenção de príncipes santos e piedosos. Sejam abolidos os ódios, que as rivalidades se aplaquem, que se multiplique o amor à paz e à benevolência e que enfim, o que pôde manchar-se com a maldade, tome a peito a sua purificação pela bondade. Porque o juízo de Deus assim como é severo para com os que se comportarem sem doçura, do mesmo modo se mostrará clemente para com os que forem misericordiosos; por isso, enquanto que os da esquerda serão lançados no fogo da pena por causa da sua falta de humanidade, os da direita pelo contrário, ver-se-ão felicitados pela generosidade das suas esmolas e acolhidos na felicidade eterna do reino celeste. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina nos séculos dos séculos. Amen» [12].

a esmola

A esmola é uma das formas mais concretas de caridade. Santo Agostinho situa-nos na sua perspectiva espiritual. «É um dever multiplicar as esmolas durante este santo tempo

Que direi desta obra de misericórdia pela qual não se tem nada a tirar da bolsa mas onde tudo vem do coração que perde muito mais em conservá-lo do que em se privar? Quero falar da cólera que se conserva no coração contra o seu irmão» [14].

Enquanto Santo Agostinho faz da esmola uma condição de contacto com Deus na oração, S. Leão fixa-se mais no aspecto de obra de misericórdia que nos alcança o perdão. «Não passemos junto do pobre permanecendo surdos às suas lamentações, mas com uma benevolência solícita, sejamos misericordiosos para com os indigentes, para merecermos nós mesmos encontrar misericórdia aquando do juízo» [15].

O dever de esmola não se restringe de nenhum modo aos irmãos na fé: «Ainda que a pobreza dos fiéis deva ser socorrida em primeiro lugar, os que ainda não receberam o evangelho são todavia dignos de piedade em suas necessidades; com efeito, é preciso amar todos os homens na comunhão duma mesma natureza» [16].

«Para não podermos pôr em dúvida que o que é dispendido em favor do pobre é oferecido a Deus, reparemos nas trocas que levam a efeito os que dão esmolas, tendo em vista a maneira como o Senhor diz que fará o julgamento, quando se dirigir nestes termos aos que estiverem é direita: «Vinde vós, os benditos de meu Pai, recebei em herança o Reino, que

12. Textos Patrísticos, Suplemento de «Novellae Olivarum», 5.º fascículo S. LEÃO MAGNO, 1961, p. 32.
13. Serm. 208, Vivès 18, 112. Citado de op. cit., p. 81.
14. S. LÉON, 1er Serm. sur le carême, op. cit., p. 42. Citado de op. cit., p. 81.
15. S. LÉON, 3e Serm. sur le carême, op. cit., p. 42. Citado de op. cit., p. 81.
16. Textos Patrísticos, Suplemento de «Novellae Olivarum», quinto fasc., S. LEÃO MAGNO, 1961, p. 32.

vos está preparado desde a constituição do mundo. É que eu tive fome e vós destes-me de comer, tive sede e vós destes-me de beber, era forasteiro e recolhestes-me, andava despido e destes-me de vestir, estive doente e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo» (Mt. XXV, 34-36). E perguntando os justos, quando e de que maneira puderam eles tornar-se credores de tudo aquilo, dir-lhes-á o Rei em resposta: «Em verdade vos digo: sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Mt. XXV, 40). Que haverá de mais frutuoso que uma tal obra? Que de mais feliz, que uma tal humanidade? Ela já mereceria louvor, se fosse exercida por um homem em favor de outro homem, a título da sua comunidade de natureza» [16].

Os décimo e décimo primeiro sermões sobre a quaresma terminam um e outro por uma exortação à esmola: «Nenhuma devoção dos fiéis é mais agradável a Deus do que aquela que se consagra aos seus pobres; lá onde ele encontra a preocupação da misericórdia, reconhece a imagem da sua própria bondade» [17].

S. Leão vê também o jejum numa perspectiva social: «Pela distribuição das esmolas assim como pelo cuidado dos pobres, que os cristãos, mesmo jejuando, enriqueçam; e o que cada um subtrai aos seus prazeres, que o dispense em favor dos fracos e dos indigentes» [18].

S. Bento

Como conjunto é muito significativo o capítulo da regra de S. Bento sobre a quaresma: «A vida do monge devia ser, em todo o tempo, tão observante como se fosse de contínua Quaresma. Como, porém, tal perfeição é de poucos, exortamos (os irmãos) a que, nestes dias da Quaresma, guardem a sua vida em toda a pureza e apaguem, nestes santos dias, as negligências dos outros tempos. Isto faremos condignamente, aplicando-nos à oração (acompanhada) de lágrimas, às leituras (santas), à compunção do coração e à abstinência.

Assim que, nestes dias, acrescentaremos alguma coisa à costumada tarefa do nosso serviço: orações particulares, restrição no comer e beber; ofereça cada qual espontâneamente, com a alegria do Espírito Santo, alguma coisa a mais, além da medida que lhe é imposta. Quer dizer: subtraia ao seu corpo algo no comer, no beber, no dormir, no falar, nas chocarrices, e espere a santa Páscoa com a alegria dum desejo todo espiritual.

Todavia, isso mesmo que cada qual se propuser oferecer, deve-o comunicar ao seu abade, para que se faça com a sua oração e aprovação. É que tudo quanto se fizer sem licença do pai espiritual será levado à conta de presunção e vanglória, e não de merecimento. Por conseguinte, tudo se deve fazer com o assentimento do abade» [19].

17. S. LÉON, 10e serm. sur le carême, op. cit., p. 79. Citado de op. cit., p. 82.
18. S. LÉON, 11e serm. sur le carême, op. cit. p. 85. Citado de op. cit., p. 82.
19. Regra do Glorioso Patriarca S. Bento, Mosteiro de Singeverga, 1951, p. 61, cap. XLIX, Da observância da Quaresma.

dilúvio

O dilúvio tipo do baptismo, a arca tipo da Igreja, a pomba designando o Espírito, são temas constantemente retomados pelos Padres da Igreja. É clássico o testemunho de Tertuliano no tratado do Baptismo: «Depois das águas do dilúvio terem purificado da antiga mancha, depois do baptismo do mundo, se ouso dizer, é a pomba largada da arca e regressando com um ramo de oliveira — símbolo da paz mesmo entre os pagãos — que vem como mensageira anunciar à terra a pacificação da cólera do céu. Assim, segundo uma disposição semelhante, mas cujo efeito é absolutamente espiritual, a pomba que é o Espírito Santo voa para a terra, isto é, para a nossa carne, esta carne que emerge do banho lavada dos seus antigos pecados. Ela é portadora da paz de Deus, como mensageira do céu onde a Igreja, de que a arca é figura, está ancorada» [20].

Um outro texto clássico é o de Santo Ambrósio:

«Houve também no dilúvio uma figura antecipada do baptismo. Começámos a explicá-lo ontem. Que é o dilúvio, senão o meio de preservar o justo para propagar a justiça, o meio de fazer morrer o pecado?

É por isso que o Senhor, quando viu multiplicarem-se as faltas dos homens, preservou ùnicamente o justo com a sua descendência, enquanto ordenava à água que submergisse mesmo os cumes das montanhas.
Assim este dilúvio fez perecer toda a corrupção da carne, ao mesmo tempo que a raça e o modelo do justo foram os únicos a subsistir. Não é este dilúvio o baptismo onde são apagados todos os pecados, ressuscitando ùnicamente o espírito e a graça do justo?

Há muitas espécies de baptismos, mas não há senão um único baptismo, exclama o apóstolo. Porquê?

Há os baptismos dos pagãos, mas esses não são baptismos. São abluções; não podem ser baptismos. A carne é louvada, mas a falta não é apagada. Pelo contrário, por esta ablução uma nova falta é contraída. Por outro lado, havia os baptismos dos Judeus, uns supérfluos, outros em figura; e a própria figura nos é já útil, porque é mensageira de verdade» [21].

o rochedo

Um dos temas mais interessantes da liturgia quaresmal é o rochedo do deserto. Enquanto Santo Ambrósio e Santo Agostinho o interpretam num sentido eucarístico, S. Cipriano interpreta-o num sentido baptismal: «Todas

20. TERTULLIEN, Traité du Baptême, Paris, Cerf, coll. Sources chrétiennes 35, pp. 77-78. Citado de op. cit., p. 45.
21. Textos Patrísticos, Suplemento de «Novellae Olivarum», sétimo fascículo, SANTO AMBRÓSIO, 1961, p. 39.

as vezes que na Escritura se fala sòmente de água, trata-se do baptismo. É assim que o profeta predisse que entre os pagãos, nos lugares que outrora eram áridos, brotariam rios e dessedentariam a raça eleita de Deus, isto é, aqueles que foram tornados filhos de Deus pelo baptismo. Ele diz efectivamente: se têm sede nos desertos, Deus procurar-lhes-á água e fá-la-á brotar da pedra para eles; a pedra abrir-se-á e a água brotará e o meu povo beberá (Isaías 48, 21).

Isto se cumpriu no Evangelho quando Cristo, que é a pedra, foi aberto pelo golpe da lança na sua Paixão. É ele que recordando o que outrora tinha sido predito pelo profeta, exclama: Aquele que acredita em mim, brotarão do seu seio rios de água viva. E para marcar melhor que o Senhor fala aqui não do cálice mas do baptismo, a Escritura acrescenta: «Ele diz isto do Espírito que receberiam os que acreditassem nele. Ora, é pelo baptismo que o Espírito é recebido» [22].

3. alguns princípios pastorais

A tradição e a constituição de Liturgia (§§ 109 e 110) inspiram-nos algumas conclusões de ordem pastoral e doutrinal:

1) O Mistério Pascal é o centro da vida cristã.

2) A quaresma é tempo de penitência. As celebrações comunitárias da penitência têm neste tempo um lugar muito especial (vid. Ora et Labora, n.º 5, 1965, toda dedicada às celebrações de penitência e também Novellae Olivarum n.º 4, 1965, p.). Sem penitência não pode haver conversão para Deus.

3) A confissão e a comunhão pascais não devem ser formalidades bem escalonadas, **mas devem representar uma autêntica conversão interior.**

4) Por isso a Palavra de Deus, cuja mesa nos é apresentada tão abundantemente durante a Quaresma, deve ser proclamada de modo a transformar interiormente a comunidade cristã (vid. alocução de S. S. Paulo VI aos párocos e pregadores da quaresma de Roma — 1 de Março 1965). A quaresma é o tempo propício a uma iniciação bíblica e sacramental.

5) A **instituição do catecumenato,** já aconselhada pelo Decreto do Catecumenato de 1962 (vid. B.I.P. n.º 21, págs. 21 e 39) e agora oficialmente restaurada pela Constituição de Liturgia (n.º 64), convém sobremaneira à Quaresma — o grande tempo litúrgico da iniciação cristã. Antigamente baptizavam-se os convertidos; hoje é preciso converter os baptizados.

6) «A renovação das promessas do Baptismo terá na vida da comunidade e na de cada cristão, um sentido profundo, maior do que o teve a Pro-

22. Segundo J. DANIÉLOU, Sacramentum futuri. Citado de op. cit., p. 214.

fissão de Fé, em criança. A Páscoa é o aniversário comunitário do Baptismo dos cristãos» (vid. B.I.P. n.º 6, pág. 32).

7) Os pobres da comunidade cristã devem ocupar nas preocupações desta um lugar primordial. A esmola no entanto não deve ser uma maneira de tranquilizar a consciência e enganar os homens. Deve nascer sim duma caridade profunda e verdadeira, que supõe e exige a justiça.

8) A quaresma deve levar a uma consciência de povo de Deus que peregrina ao encontro de Cristo no seu Mistério Pascal. Assim, o tempo pascal dar-nos-á um verdadeiro sentido da vida no Espírito que invadiu o mundo, fazendo da Igreja uma comunidade de ressuscitados.

ARTIGOS RELIGIOSOS

PARA REVENDA e PROPAGANDA

CASA DE S. JOSÉ - PORTO

(FUNDADA EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

Visitai esta casa, apreciai o seu sortido e confrontai os seus preços!

TELEFONE 2 28 86

introduções à liturgia quaresmal

primeiro domingo da quaresma

«EM SEGUIDA, JESUS FOI CONDUZIDO PELO ESPÍRITO AO DESERTO PARA SER TENTADO PELO DEMÓNIO» Mt. 4,1

apresentação das leituras

epístola (2 cor. 6, 1-10)

Esta segunda carta de São Paulo aos cristãos de Corinto é toda ela um desenvolvimento sobre a missão do Apóstolo que consiste na reconciliação dos homens com Deus (capítulo 5.º). Esta obra de reconciliação depende do acolhimento que os cristãos derem à graça de Deus (cap. 6.º, ver. 1 e 2) e também da dedicação do Apóstolo; esta dedicação vê-a S. Paulo em si mesmo: a sua fidelidade apesar das duras provas (3-5), a sua caridade (6), a assistência da Palavra e Poder de Deus (7). Ao contrário do que possa ser julgado o Apóstolo possui a vida, a alegria e a riqueza da graça (8-10).

evangelho (mt. 4, 1-11)

Cristo revive pessoalmente as tentações do Povo de Israel no deserto. Para Israel a estadia no deserto fora um tempo de prova: «Lembra-te de todo o caminho por onde o Senhor te conduziu durante estes 40 anos no deserto, para te humilhar e provar e para conhecer os sentimentos do teu coração e saber se observarias ou não os seus mandamentos» (Dt. 8, 2). Cristo mantendo a sua obediência e fidelidade na provação vai realizar a obra de Salvação que a desobediência do Povo tinha entravado.

As respostas que Cristo dá ao tentador, estabelecem um paralelismo entre a tentação de Cristo e a tentação do Povo no deserto.

Primeira tentação: «Não só do pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus» (Dt. 8, 3 b).

O Povo fora provado na fome para compreender que não é apenas o pão que alimenta, mas que a Palavra de Deus é alimento muito superior ao pão

perecível. Jesus Cristo, alimentando-se substancialmente da Palavra de Deus, pois que Ele é essa Palavra incarnada, supera a prova segundo a lição do passado que pretendia ensinar ao Povo que a Palavra de Deus é alimento para uma vida eterna.

Segunda tentação: «Não tentarás o Senhor teu Deus» e o texto em Dt. 6, 16 continua: «como tentaste em Masab». Em Masab («lugar da tentação») o Povo duvidara da presença de Deus junto de si e pedira um sinal provativo. A Bíblia chama a essa atitude «tentar Deus». Cristo é, como outrora o Povo, tentado a apoiar a sua confiança no Pai num sinal espectacular, mas vence a tentação como Filho de Deus, no qual o Pai pôs todo o Seu afecto (vid. Mt. 17, 5).

Terceira tentação: «Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás» (Dt. 6, 13); o texto continua: «não seguireis outros deuses entre os das nações que vos cercam, porque o Senhor teu Deus que habita no meio de ti é um Deus zeloso.»

O Povo sucumbira muitas vezes a esta tentação de idolatria e do sincretismo que escondia uma outra: Yahweh prometia um Reino futuro pedindo ao Povo que vivesse na esperança (a religião de Israel era uma religião de esperança): mas, aceitando que Deus viesse um dia no futuro salvar o Seu Povo, os judeus pretendiam garantir a realização das suas aspirações no presente recorrendo aos deuses falsos e aos cultos idolátricos. Jesus Cristo, tentado a adorar o demónio (o que correspondia, na mentalidade judaica, a adorar os deuses falsos), garantindo assim um messianismo fecundo materialmente — messianismo temporal — supera a tentação mostrando-se fiel à sua missão de Servo de Deus, segundo o profeta Isaías, sofredor por um Reino espiritual futuro.

Jesus Cristo, Filho de Deus, como tal revelado no Baptismo, é agora tentado no deserto: «Se és o Filho de Deus» (segunda e terceira tentações). Na tentação Ele mostra-se vencedor, anunciando a vitória completa sobre o Tentador (na cruz) e mostrando-se o «Justo» à imagem do qual Deus pretendera formar o Povo de Israel; nele se realiza a plenitude da Justiça (Santidade) e o Salmo 90, que canta a protecção do justo, é-lhe aplicado, não segundo as fantasias do demónio, mas num clima de obediência e fidelidade. Os anjos servem a Cristo, fiel e justo na tentação.

enquadramento historico-litúrgico

A Missa de hoje remonta ao século V, quando em Roma se introduziu a prática da ascese quaresmal. Esta primeira semana põe os cristãos diante dos 40 dias de jejum de Cristo (Domingo) e de Moisés e Elias (Quarta-feira). Os 3 aparecem transfigurados no segundo Domingo, como que convidando os cristãos à ascese com a promessa da transfiguração pascal.

A Liturgia quer colocar a Quaresma diante de nós como um tempo de prova: as provações de Cristo (Evangelho) repetem-se hoje e toda a opção a que Deus nos convida faz-se sempre na provação (Epístola).

Todos os cânticos são tirados do Salmo 90: o Messias, e os que O seguem, obterão a protecção de Deus prometida num clima de confiança e obediência e não posta ao serviço das fantasias do homem, como pretende Satanás.

A oração colecta (séc. VI) é uma introdução geral a uma Quaresma espiritual; a oração sobre as ofertas leva a encontrar a força da renúncia ao pecado no Sacrifício Eucarístico; o pós-comúnio é mais doutrinal.

tema bíblico

Deus ao criar os homens tem um plano, um desígnio eterno: fazer deles seus filhos, à imagem do Seu Filho único. Mas a revelação mais expressiva do amor gratuito de Deus é a que Génesis, 2 descreve sob a imagem da árvore do conhecimento: a liberdade que Deus deixa à resposta do homem. Esta possibilidade constante de escolher ou não Deus, constitui uma «provação»: o homem mostra na resposta que der a Deus qual a sua verdadeira orientação profunda. Adão, posto diante desta prova, escolhe-se a si mesmo como deus (vid. Gen. 3, 5). Aconteceu que entre a prova e a escolha se introduziu a tentação, cujo autor é o demónio, o «pai da mentira» que seduz para o que é aparentemente verdadeiro. Assim toda a humanidade entra numa luta constante contra o demónio, luta que consiste numa busca da verdade que liberta e que se opõe à mentira que escraviza (vid. João 8, 32-44). Esta verdade é prometida gratuitamente por Deus: ela residirá num homem «descendente» de Eva (vid. Gen. 3, 15), o qual possuirá a Verdade em si, tornando-se Caminho para toda a humanidade para ser reconduzida a Deus pois que esse homem possuirá a Vida de Deus (vid. Jo. 8, 26; **13, 5-11**). A vinda do «filho do homem» que é também, segundo Revelação posterior, «Filho de Deus», porá fim à provação.

Deus prepara a vinda de Seu Filho, forjando o Povo de Israel à imagem dEle; coloca o povo em situações difíceis para fazer suscitar nele a fé, o amor e a esperança. Abraão é o símbolo do homem provada na fé; com a Lei, Deus exige ao seu Povo uma fidelidade total, como o esposo à esposa, levando-o a excluir de vez todos os deuses falsos cujo culto é considerado um pecado de adultério. Com perseguições, violências, Deus põe à prova a esperança do Povo (exílio, regresso dos que vão constituir o «resto fiel» do Povo que, num espírito de pobreza de quem nada pode esperar de estável no mundo que os persegue injustamente, só de Deus podem esperar a Salvação). Aos que esperam o Messias neste espírito de pobreza — os pobres de Yahweh — Ele será enviado a anunciar a Boa-

-Nova e serão felizes os pobres em espírito, porque o Filho de Deus assumirá a sua condição.

Cristo assume as situações do Povo de Israel e a situação do justo que sofre injustamente. Possuindo em si a fidelidade e o amor que as provações pretendiam fazer suscitar, Ele vence as tentações arrastando consigo a multidão dos que procuraram e procurarão seguir os seus caminhos, caminhos que Deus progressivamente fora revelando e que em Cristo revela integralmente: Cristo é o Caminho (Jo. 13, 6).

Cristo transforma a tentação do justo injustamente oprimido (a tentação da blasfémia) num lamento filial e a morte absurda numa Ressurreição (vid. Mt. 27, 46; Lc. 23, 46 e Filip. 2, 8 s.).

Desde o início da sua missão (após o Baptismo no Jordão, o qual o investe como Messias, profeta da Boa-nova, é «conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado») até à agonia («Pai afasta de mim este cálice... mas não se faça a Minha vontade, mas sim a Tua»), Cristo é o vencedor do tentador. A sua vitória Ele a transmite à Sua Igreja que, embora já salva e vitoriosa nessa vitória, continua a gemer com toda a criação esperando a redenção e a adopção (vid. Rom. 8, 18-25).

«Todos os que querem viver com piedade serão perseguidos» (2 Tim. 3, 12). A provação é uma condição indispensável de crescimento (Lc. 8, 13 ss.), de robustez (I Pe. 1, 6 s.), de manifestação de virtude (I Cor. 11, 19), de humildade (I Cor. 10, 12); é o caminho da Páscoa interior no amor e na esperança (Rom. 5, 3 ss.).

O cristão, uma vez provado, sabe discernir, «provar» qual seja a vontade de Deus e o que a Ele seja agradável (Rom. 12, 2). Na provação o cristão passa da morte à Vida, do pecado à Verdade; a provação é pascal.

catequese

A Páscoa da Igreja e de cada cristão não consiste numa ascese individual, nem significa uma conquista do esforço humano. Ela é apenas a Páscoa de Cristo, Cristo continuado, presente e agindo, na sua Igreja, em cada cristão. A Liturgia ao apresentar-nos as tentações de Cristo no deserto no início do duro caminho por onde nos vai levar até à Páscoa, não pretende apenas apresentar em Cristo um modelo de vitória sobre a tentação, mas colocar toda a Igreja diante das tentações de Cristo e da Sua fidelidade, como tentações e fidelidade suas: a Igreja é, com Cristo, provada e tentada hoje no mundo. A sua fidelidade a Deus é a fidelidade de Cristo, fidelidade ainda não consumada; sê-lo-á na medida em que ela, cada cristão, der a Deus, com Cristo, uma resposta fiel. Não se trata apenas de sermos fiéis na prova e na tentação, mas de ajustarmos (e devido à nossa

fraqueza é necessário um reajustamento constante) o nosso caminho ao caminho de Cristo, o nosso proceder na fidelidade ao procedimento fiel de Cristo — caminho que o Espírito Santo em nós indicará.

as tentações do homem de hoje

«O homem, porque procura para si a felicidade, rejeita o inseguro, apoiando-se naquilo que tem sob o seu domínio, naquilo em que é deus. É mais seguro procurar para si a felicidade, por pequena que seja, naquilo que está ao seu alcance, do que esperá-la de uma iniciativa de Deus. Daí, desde a antiguidade, o homem criou para si deuses à imagem das suas aspirações, esquecendo a revelação natural do Deus único. Hoje, com o maior domínio do homem sobre a natureza, ele esquece que esta o precede; ele domina-a, humaniza-a, sente-se seu deus; e é levado a crer que o Deus único morreu... A tentação própria do homem moderno é o ateísmo.

lição das tentações de israel

Abraão superou o homem pagão aceitando um Deus invisível que só lhe prometia uma Salvação futura. Abraão acredita no inseguro. Deus é para Abraão e para o seu Povo um Ser transcendente à Criação, mas também, pessoal e intervindo na sua vida quotidiana.

Contudo o Povo é assaltado por um outra tentação sob duas formas. Uma é prescindir do Deus que promete e garante um futuro agradável, recorrendo entretanto aos deuses pagãos para garantir o presente; outra é de ver na fidelidade exigida por Deus ao Povo uma fidelidade de estrutura humana esquecendo que ela é dom de Deus — é o fariseísmo, contrário ao espírito de pobreza, que é o reconhecimento da fraqueza e da omnipotência de Deus.

O Povo de Israel não superou estas tentações porque não viveu a verdade da sua religião — religião de Esperança; esperança na vinda do Messias que transformaria a humanidade instaurando uma ordem superior — a ordem sobrenatural da fé. Apenas a Mãe de Deus, porque sem pecado algum, se inseriu, antecipadamente, nesta nova ordem de graça e viveu plenamente uma religião de esperança. Dela pôde nascer o Salvador, pois já se havia inserido na Aliança com Cristo. Ela é assim a Mãe de todos os que em Cristo são gerados para esta nova humanidade — Mãe da Igreja.

a vitória de Cristo

É um dado da exegese bíblica que São Mateus quis intencionalmente aproximar as tentações de Cristo das tentações típicas de Israel no deserto: a tentação do alimento, dos sinais e dos deuses falsos. Pela primeira vez

a vitória não foi do Maligno. Em Cristo realiza-se perfeitamente o regime de fé; nEle reside a esperança da Salvação. Este regime de fé que se realiza em Cristo foi posto à prova pelas tentações mais radicais que se podem fazer a quem nele se insere: a tentação de construir este regime com recursos meramente humanos, sobretudo quando sem eles tudo parecerá levado ao fracasso.
Mas Cristo triunfa: como homem, descendente de Eva, afirma a sua escolha definitiva de se submeter à Vontade do Pai, realizando em plenitude o regime de fé inaugurado em Abraão. Esta fidelidade a Cristo é devida ao facto de Ele ser o filho de Deus. E porque o Filho de Deus é também homem, a sua fidelidade repercute-se na sua humanidade e nela em todos os homens, como já Isaías anunciara: «O justo, meu servo, justificará a muitos homens e tomará sobre si suas iniquidades» (Is. 53, 11).

a vitória da igreja

A Igreja está certa da sua vitória: sua cabeça, Cristo, venceu definitivamente o domínio do demónio. Mas porque, por sua missão, viveu a experiência humana da tentação e essa missão se prolonga na Igreja, seu Corpo, este continua a ter a experiência da tentação, sobretudo a dos meios humanos para a construção do Reino de Deus, sobretudo quando sem eles a sua obra parece ineficaz. A obra da Igreja é, por excelência, o Apostolado. As tentações que ele pode conter são postas em evidência no Evangelho de hoje:

a tentação dos meios humanos: Cristo é tentado a usar para seu interesse humano o seu poder divino: a fome e as pedras transformadas em pão. A Igreja é hoje tentada a usar a sua missão Apostólica para se apresentar a si mesma: obras de assistência, instrumento de revolução social, organização de promoção e desenvolvimento da civilização, da cultura, etc.
a tentação do prestígio: Cristo é tentado a seduzir pelo seu prestígio as multidões: lançar-se do pináculo do templo e os anjos o receberiam nos braços, conforme estava prometido no Salmo 90. A Igreja é hoje tentada a impôr-se conquistando pela propaganda as multidões.

a tentação da ambição: Cristo é tentado a dominar todo o mundo aceitando corromper a pureza da sua missão. A Igreja é tentada a dominar os homens, os países, todo o mundo, como se esse domínio promovesse o Reino espiritual. O clericalismo é uma das tentações de domínio. O Reino não é deste mundo!

Muitas vezes a Igreja tem sucumbido a estas tentações. Ela pode pecar colectivamente (lembremos, por exemplo, o pecado da desunião dos cristãos), mas a vitória de Cristo está sempre com ela. Cada cristão sucumbe na medida em que consente.

No início desta Quaresma, a Igreja é convidada a reflectir sobre a pureza da sua missão. O esforço colectivo dos cristãos em reencontrar os valores espirituais da Igreja na sua autenticidade (valores de um apostolado desinteressado, sem imposições nem ambições) dará ao mundo o que ele espera da Igreja: o dom da Salvação. Com Cristo Salvador, em fidelidade na tentação, a Igreja continua a Sua missão de Salvação, na fidelidade.

palavra e rito

A Liturgia da Palavra coloca-nos diante do Mistério de Cristo, saído vencedor das tentações no deserto e comunicando esta vitória ao novo Israel — a Igreja. Esta Palavra é alimento, conforme Deus ensinou ao seu Povo no deserto; ela introduz-nos nas tentações de Cristo, fazendo-nos participar da sua vitória sobre elas.

A Assembleia cristã responde a esta Palavra, por Deus dirigida hoje aos homens, numa atitude de pobreza espiritual: Deus dá ao homem dons que ele não conseguiria merecer por seu esforço. O homem recebe a Palavra de Deus e dá graças, numa atitude de pobre que recebe um dom maravilhoso. Mas não encontra em si uma acção de graças que seja agradável a Deus: a Sua acção de graças é a de Jesus Cristo, o Filho de Deus — o Seu sacrifício redentor que a Eucaristia celebra. Esta é um sinal sagrado: um banquete em que o alimento é o próprio Cristo; Ele é a Palavra e o Pão que alimentam. Pela Palavra, a Igreja alimenta-se da fidelidade de Cristo ao Pai no deserto; na Eucaristia, alimenta-se dessa mesma fidelidade, participando, no Seu sacrifício redentor, da Sua fidelidade plenamente manifestada na cruz e da Sua vitória definitiva sobre o tentador, pela «passagem» (páscoa) da morte à vida.

A Eucaristia é uma Páscoa sacramental, sob sinais sagrados que significam o que eficazmente operam. Ela é promessa e participação na Páscoa de Cristo, tornada nossa Páscoa. O Espírito Santo — o Espírito de Cristo que habita em nós — faz-nos prolongar na nossa vida quotidiana a participação na Páscoa de Cristo que, na celebração da Palavra e da Eucaristia, nos é oferecida. É Ele que nos fará assimilar o alimento da Palavra e do Pão, transformando a nossa vida na Vida de Cristo, Vida do Filho de Deus, que nós irradiaremos para os outros que connosco vivem.

A Liturgia conduz-nos neste duro caminho — caminho de provação e de cruz — para a Páscoa, Páscoa de 1966, antecipação e promessa da passagem de cada um de nós para o Pai, da passagem definitiva da Igreja para a Jerusalém Celeste. O Salmo 90 promete-nos neste caminho quaresmal a protecção do Pai, na medida em que caminharmos com Cristo sofredor e já glorioso.

JOSÉ JOÃO LOBATO

segundo domingo da quaresma

«NÃO DIGAIS A NINGUÉM O QUE VISTES, ATÉ QUE O FILHO DO HOMEM RESSUSCITE DOS MORTOS» Mt. 17,9

apresentação das leituras

epístola (1 ts. 4, 1-7)

Segundo as instruções que Cristo deu aos Apóstolos, Deus quer a santidade dos homens. São Paulo passa a falar desta santidade concretizada na pureza, como sua manifestação no corpo. O cristão deve abster-se da impureza da carne, tendo domínio sobre o seu corpo para o transformar num corpo espiritual, «em santidade», ao contrário dos pagãos que não conhecem a Deus. Não ofenda o cristão neste ponto o seu irmão: por medo do julgamento do Senhor (v. 6), por causa da sua vocação (v. 7) e pelo facto de Deus agir em nós pelo Espírito Santo (v. 8, que não faz parte do texto litúrgico).

evangelho (mt. 17, 1-9)

Alguns dados para melhor compreendermos o alcance do Evangelho de hoje: a aproximação de Daniel 10, 5-10 com Mt. 17, 1-9 é sugestiva; igualmente o é a relação entre a Teofania (manifestação visível de Deus) do Sinai e a do Monte Tabor; ainda há o facto de a narração da transfiguração preceder o 4.º dos 5 discursos de Cristo sobre os quais assenta o Evangelho segundo S. Mateus; o 4.º discurso trata da vida futura da Igreja (cap. 18).

Aproximação de Dan. 10, 5-10 com a narração da transfiguração em São Mateus — alguns dados comuns: visão de um ser humano vestido de branco com o rosto resplandecente (Dan. 10, 5-6 e Mt. 17, 2); desfalecimento de Daniel e dos discípulos diante da visão e ao ouvirem a voz (Dan. 10, 7-9 e Mt. 17, 6); Daniel é despertado sendo tocado por alguém, como os discípulos são despertados por Cristo (Dan. 10, 10 e Mt. 17, 7).

A personagem da visão de Daniel anuncia uma salvação nos tempos futuros (vid. Dan. 10, 14). Esta salvação será em primeiro lugar uma salvação temporal de Israel que vivia oprimido (salvação pelos Macabeus?); mas salvação que é anúncio e promessa de uma Salvação definitiva realizada por um Messias que libertará os homens de toda a perseguição, não só temporal mas espiritual — a salvação do pecado (ler Dan. 12). A transfiguração de Jesus aparece assim, à luz da visão de Daniel, com um sentido messiânico

e escatológico (o fim dos tempos, início dos tempos do Messias): Ele revela-se aos 3 discípulos como sendo o Messias anunciado por Daniel.

Relação entre a Teofania do Sinai e a Transfiguração. O capítulo 14 do livro do Profeta Zacarias vê os tempos escatológicos como um tempo de presença de Deus no mundo, manifestando o seu poder e dominando todos os seres, um tempo de Teofania. A Teofania do Sinai (Êxodo, 19) prolongara-se pela presença de Deus no Tabernáculo (Ex. 25, 8), presença anualmente celebrada pela festa das Tendas. Nos tempos messiânicos Deus havia de manifestar a sua presença como nunca.

Cristo manifesta-se aos 3 discípulos como sendo o Messias trazendo em Si a presença de Deus, quando se transfigura mostrando a sua divindade. A voz de Deus confirma: «Este é o meu Filho...»

A narração da transfiguração prepara o discurso da vida futura da Igreja. Cristo é o novo Moisés. Profeta da Boa-nova e as palavras de Deus que vêm da nuvem — «escutai-O» — correspondem às de Dt. 18, 15 em que Moisés manda escutar o grande Profeta que há-de vir. A transfiguração aparece assim como a investidura de Cristo na sua missão profética, de portador da Boa-nova. No capítulo 18 de São Mateus, Cristo investe a Igreja, em especial os Apóstolos, nos poderes messiânicos, sobretudo proféticos (vid. Mt. 18, 15-18).

Cristo, novo Moisés, novo Legislador de um Povo novo (a Igreja), obtém plenamente este título na sua Ressurreição. A transfiguração é uma revelação antecipada para Pedro, Tiago e João do Mistério de Cristo; é por isto que Jesus proíbe os discípulos de falarem da visão até que «o Filho do homem ressuscite dos mortos».

enquadramento histórico-litúrgico

A exegese feita àcerca do Evangelho de hoje não parece ser aquela que levou a Liturgia a colocá-lo neste segundo Domingo. Quando se estabeleceu o costume da ascese quaresmal, a transfiguração de Cristo, lida desde então neste 2.º Domingo, constituía uma promessa para os que como Cristo (1.º Domingo), Moisés e Elias (Quarta-feira) praticavam o jejum dos 40 dias.

No meio do séc. V surgiu na 1.ª semana da Quaresma a semana das Têmporas e a Liturgia de sábado e Domingo encontravam-se juntas, na vigília dominical: o Evangelho da Transfiguração passou então para essa vigília.
No séc. VIII, sendo a vigília feita de manhã e o Domingo tendo ficado sem leituras, o Evangelho da transfiguração foi então retomado, mas a sua interpretação modificou-se, segundo a escolha da epístola: o nosso corpo transforma-se pela pureza e santificação chegando também nós a uma transfiguração.

Ao mesmo séc. VIII remonta a escolha dos cânticos que são os de quarta-feira anterior. O trato é posterior ao séc. IX.

As orações são também do século VIII. A colecta é uma oração «quotidiana», tirada do «Hadrianum». O pós-comúnio é o da Sexagésima. A oração sobre as ofertas, mais antiga, é igualmente genérica, neutra, com a finalidade de orientar os fiéis para a Eucaristia em si e não inseri-los no mistério do dia.

tema bíblico

transfiguração

Situação: Jesus é reconhecido como Messias em Mt. 16, 16; revela aos seus discípulos que a Sua obra terminará em glorificação (16, 27), passando pela morte (16, 21...). Este contexto revela o sentido que se desenrola no capítulo 17: Jesus transfigurado manifesta-se como o Messias realizando o que dele «estava escrito na Lei de Moisés, ros profetas e nos salmos» (ler Luc. 22, 44 e continuação).

O Mistério: Cristo escolhe para testemunhos da transfiguração os discípulos testemunhas da Sua agonia: Pedro, Tiago e João. A presença de Moisés e Elias e a voz de Deus falando na nuvem evocam as teofanias do Sinai (Moisés) e do Monte Horeb (Elias). Vários elementos convergem para uma revelação de Cristo como o Messias prometido:

— intervenção de Pedro: «é bom estarmos aqui». Deus vai habitar no meio dos homens em Jesus Cristo.

— na descrição de Lucas, Cristo fala com Moisés e Elias sobre o novo êxodo que vai partir de Jerusalém: aí vai dar-se a passagem de Cristo, novo Moisés, chefe de um Povo novo, pela morte, necessária para entrar na Glória (ler Luc. 9, 30-31).

— a palavra que sai da nuvem revela que uma nova Lei vai tomar o lugar da antiga, evocando 3 oráculos:

- Salmo 2, 7: «Vou publicar o decreto do Senhor: Disse-me o Senhor: **«Tu és meu filho,** eu hoje te gerei». O Messias, na boca do qual é posto este salmo, é o Filho de Deus.
- Isaías 42, 1: «Eis meu Servo que eu amparo, meu eleito ao qual **dou toda a minha afeição».**
- Deuteronómio 18, 15: «O Senhor, teu Deus, te suscitará dentre os teus irmãos um Profeta como eu: **é a ele que devereis ouvir».** Jesus Cristo traz a plena revelação do Pai (ver João 1, 18); Ele é o Verbo (Pa-

lavra) incarnado, manifesta a glória de Deus (vid. João 1, 14). É esta a missão do profeta: falar em nome de Deus. Cristo é, pois, o maior dos profetas, pois que é a própria Palavra de Deus.

finalidade e fruto do acontecimento:

— confirma a confissão de Cesareia: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo» (Mt. 16, 16). Cristo é o Filho de Deus que possui a afeição e a glória do Pai.

— confirma a revelação de Cristo como Filho do homem, sofredor e glorioso.

— antecipa e prefigura o acontecimento pascal de Cristo: passando pela morte entra na glória e dignidade de Filho de Deus. Os cristãos tornados participantes pelo Baptismo do mistério da ressurreição, são desde já transfigurados em Cristo pelo Espírito Santo (vid. 2 Cor. 3, 18) e esperam sê-lo em plenitude, com o seu corpo na Parusia (vid. Filip. 3, 21), à imagem do Corpo glorioso de Cristo. É esta a esperança que há-de firmar a nossa fé, tal como a transfiguração alentou a fé dos três discípulos.

catequese

a lei de Cristo

Os cristãos fazem por vezes do Cristianismo apenas uma vida moral: o cumprimento — nem sempre edificante — de preceitos religiosos. Tal como os Judeus estão a ser escravos de uma lei, cuja interioridade libertadora ainda não descobriram. Para muitos cristãos, Cristo é apenas um mestre de sabedoria e a Sua graça um mero auxílio espiritual.

Há uma verdade fundamental revelada no Novo Testamento: Cristo é portador de uma nova Lei que não consiste essencialmente num conjunto de preceitos que se impõem do exterior, mas sim uma Lei inscrita no coração do homem.

Qual o sentido desta Lei, a Lei de Cristo?

moisés, legislador da antiga aliança

Deus quer formar o Seu Povo na fé e no amor; por isso instaura um regime de fé, pondo o Povo a Seu total dispor: Deus dirige o dia-a-dia de Israel através de uma Lei, dada a Moisés e explicitada progressivamente pelos mestres. Deus quer que o Povo aprenda a ser-Lhe fiel, sendo fiel a essa Lei;

esta é pedagogo, como dirá São Paulo. Quando essa lei se desliga do contexto da fé (e desliga-se sempre que o Povo a cumpre sem interioridade, com o coração posto em esperanças temporais) entra em degradação: torna-se uma colecção de preceitos que subjugam em vez de assegurar a fidelidade a Deus.

Cristo, legislador da aliança definitiva

Cristo não veio destruir a Lei, mas sim completá-la. Completa-a sendo o único a cumpri-la perfeitamente porque só Ele está capacitado para ser plenamente fiel a Deus, uma vez que é o seu Filho muito amado; era, aliás, à imagem de Cristo que a Lei queria formar o Povo.

Mas Cristo cumprindo na perfeição a Lei renova-a no seu conteúdo: Jesus já não é escravo de uma Lei externa porque, vencendo na sua humanidade o pecado, não se desliga mais do contexto de fé. Ele possui o Espírito de Deus em si e já não é o homem que é fiel mas Deus que faz o homem participar da fidelidade de Jesus Cristo. O Espírito de Deus que está em Cristo está em nós e em nós grava a nova Lei cumprida por Cristo, Lei perfeita e eterna. A nossa fidelidade é a fidelidade de Cristo que o Espírito reproduz em nós, na medida do nosso consentimento e colaboração.

A transfiguração mostra que a fidelidade de Cristo ao Pai o leva à obediência total até à morte, anunciando já que a nossa fidelidade ao Pai — fidelidade de Cristo posta ao nosso alcance pelo Espírito Santo — nos levará à morte para o pecado e à ressurreição para uma Vida nova.

a vida moral dos cristãos

Esta vida nova não se baseia numa sabedoria teórica, mas numa inserção existencial na Páscoa de Cristo. É uma vida pascal na fé viva: obediência ao Pai que nos dá possibilidade, em Jesus Cristo, de triunfar da morte a que os acontecimentos da nossa vida conduzem.

A vida moral do cristão é a vida de filho de Deus: o Espírito Santo clama em nós «Pai!» dirigindo-se a Deus. Ela será um desabrochar e desenvolver de uma semente de vida divina que está em nós desde o dia do nosso Baptismo. Mas como a semente que não morre não dá fruto, nós com Cristo teremos que **«passar»** pela morte, para a Vida. Morte para o pecado, vida de filho de Deus. É num testemunho **«pascal»** que consiste a vida missionária da Igreja e de cada cristão junto dos que com ele vivem e trabalham. O apostolado consiste na proclamação da palavra de Deus (a Igreja continua a missão profética de Cristo) e na manifestação dessa Palavra realizada na Igreja — em cada cristão, no anúncio da Páscoa de Cristo, na manifestação da Páscoa da Igreja. Esta Páscoa implica passagem pela morte e, talvez mais do que nunca, os cristãos são chamados hoje a manifestar externamente pela sua conduta, pela sua maneira de pensar, no

seu diálogo com o mundo não cristão, a Páscoa de Cristo neles: na morte para o que é pecado e seu fruto (ódio, guerras, opressões, injustiças, violências, etc.) é que eles constroem um mundo novo e melhor.

palavra e rito

À Palavra de Deus hoje dirigida à assembleia cristã, esta responde com a celebração do Sacrifício de Jesus Cristo.

Hoje, a Palavra de Deus anuncia uma transfiguração dos cristãos em Cristo, transfiguração que consiste em ser possuído pelo Espírito de Deus que transforma todo o nosso ser na humanidade gloriosa de Jesus Cristo; esse Espírito age em nós tornando-nos filhos de Deus e desenvolvendo em nós uma vida moral libertadora, pascal.

A Eucaristia insere-nos sacramentalmente na Páscoa de Cristo: pela participação no Sacrifício Redentor, o cristão comunga da graça de Cristo que o Espírito mantém em si fazendo-a desabrochar numa vida nova, numa vida pascal. Cristo é nossa páscoa, como se dirá no Domingo da Ressurreição.

A comunidade local, imagem e presença de toda a Igreja, é levada pelo Espírito a inserir-se na Páscoa de Cristo, Palavra e Pão dos que O escutam e dEle se alimentam.

JOSÉ JOÃO LOBATO

terceiro domingo da quaresma

«SE É POR VIRTUDE DE DEUS QUE EXPULSO OS DEMÓNIOS, CERTAMENTE CHEGOU A VÓS O REINO DE DEUS» Luc. 11,20

apresentação das leituras

epístola (ef. 5, 1-9)

Carta aos Efésios: São Paulo descobriu o mistério de Cristo. Nele o Pai quer reunir todas as coisas, fazendo-O Senhor de todas elas (celestes, terrestres, poderes angélicos e demoníacos). Este Mistério realizado em Cristo,

completa-se na Igreja, Seu corpo. Deste modo, os que estavam outrora à mercê de Satan devem passar agora para o domínio de Cristo; devem abandonar os caminhos das trevas, passando para o caminho da luz — caminho do homem novo, caminho de imitação de Deus e de Jesus Cristo.

evangelho (luc. 11, 14-28)

O texto litúrgico, além da pouca unidade que apresenta, deve ser completado pelos versículos 29-32 que descrevem o sinal reclamado no vers. 16. Subjacente a esta narração está a teoria judaica dos dois espíritos: o homem tem seguido o espírito do mal, mas nos últimos tempos o espírito do bem orientará o homem para o que é bom.

No Evangelho de hoje, Cristo revela que o espírito do bem fez a sua aparição no mundo, expulsando o demónio, espírito do mal. Esta oposição entre os dois espíritos não é, contudo, muito vincada por São Lucas que escreve para cristãos não judeus.

O versículo 14 e a beatitude dos que escutam a Palavra de Deus (vv. 27-28) mostram influência de um ou outro rito catecumenal (vid. v. 20, «dedo de Deus»).

enquadramento histórico-litúrgico

O Evangelho original de hoje era o da Samaritana que foi transferido com a leitura de Números 1, 1-13 para a sexta-feira seguinte, uma vez que Evangelho e Leitura estavam ligados ao primeiro escrutínio dos catecúmenos para o Baptismo que no século VI passou a ser feito nesta sexta-feira. O Evangelho actual é o que anteriormente pertencia a sexta-feira; a leitura do livro dos Números foi substituída pela carta aos Efésios, pois que se introduziu nesta altura o costume de se ler ao Domingo apenas o Novo Testamento. À escolha da Carta aos Efésios, presidiu sem dúvida o facto de esta carta ser lida outrora integralmente durante a Quaresma; por isso a perícopa de hoje deve ser entendida no contexto geral da carta: a senhoria de Cristo sobre todos os poderes e a necessidade de uma vida cristã renovada na imitação de Deus.

Os cânticos remontam ao séc. VIII, talvez ao séc. VII. Retomam os grandes temas da ascese quaresmal, sobretudo os que são tirados do salmo 24: os olhos postos em Deus, esperando a sua misericórdia. O cântico de entrada e de meditação fazem eco à luta de Roma contra os bárbaros que pode ser transposta para o plano espiritual. O ofertório e o cântico da comunhão retomam os temas do Evangelho, respectivamente a Palavra de Deus e a casa ornada e limpa.

As orações são do final do século VI. A colecta harmoniza-se com o tema evangélico da luta entre o forte e o mais forte e o tema do «dedo de

Deus» (v. 20). A oração sobre as ofertas é uma oração frequente nos Sacramentários.

tema bíblico

a luta contra satan

São Marcos é o evangelista mais sensível à luta de Cristo contra os espíritos do mal, luta em que Cristo se manifesta como Messias. Ele dá aos Apóstolos o Espírito Santo, dando-lhes poder sobre o espírito do mal (vid. Mc 16, 17 s.).

São Paulo vê na luta contra o pecado o prolongamento da luta entre os dois espíritos (Ef. 6, 10-17).

Segundo a teologia judaica, no final dos tempos o espírito do bem havia de vencer e condenar o espírito do mal. São Marcos nos exorcismos de Cristo e os exorcismos dos primeiros anos do Cristianismo vincam bem esta condenação de Satan. No Novo Testamento esta teologia não penetrou muito. A oposição entre os dois espíritos aparece antes transposta na oposição entre os espíritos maus (da mentira) e a Palavra de Deus (vid. I Jo. 2, 13-14; Ef. 6, 16 s.). O silêncio dos profetas que tinham desaparecido era tido como sendo um domínio maior do espírito do mal sobre o Mundo (vid. Amós 8, 11 s.). A Palavra de Deus estava ausente. Assim em São Lucas o domínio do demónio é caracterizado pelo mutismo; a vinda de Cristo é vista como a presença da Palavra de Deus que vence o mutismo. Satan (pai da mentira) opõe-se ao Espírito de Deus que dá a Palavra e a fé.

Esta oposição corresponde ainda à que São Paulo faz hoje, na Leitura da carta aos Efésios: ao caminho das trevas (do espírito do mal) opõe-se o caminho da luz.

A esta luz, que é a Luz de Cristo, aspiram os nossos olhos (cântico de entrada).

Resumindo: dois espíritos rivalizam a posse do Mundo. Um é o espírito do mal que nos encarcera na mentira e no mutismo, no silêncio da Palavra de Deus. Outro é o Espírito Santo que nos dá a Palavra de Deus com a qual resistimos ao poder de Satan. No Baptismo renunciámos a Satan escolhendo o Espírito de Deus. Hoje a Palavra de Deus é apelo a uma renovação dessa escolha.

catequese

O Povo judeu explicava a inclinação para o pecado pela expulsão de Adão e Eva do paraíso e pela estadia da humanidade na terra que conhecia apenas a morte e o império dos poderes que haviam recusado Deus. O ho-

mem, escravo destes poderes desde o pecado de Adão, conhece a morte. Só alguém que acolhendo em si a acção vitoriosa do Espírito e da Palavra de Deus, poderia vencer o espírito do mal e comunicar essa vitória a quantos o seguissem. Este alguém foi esperado e veio: é Jesus Cristo, homem que incarna a Palavra de Deus e o Seu Espírito está nele; homem que é ao mesmo tempo o Filho de Deus. Ele reduz «à impotência aquele que tinha o Império da morte» (Heb. 2, 14).

Os Evangelhos apresentam a vida pública de Jesus como um constante combate contra Satan: no deserto, na cura de possessos, na luta contra os judeus incrédulos, na paixão, onde o demónio parece alcançar retumbante vitória (a morte do Filho de Deus), mas onde obtém a derrota total: Cristo ressuscita dos mortos.

Cristo transmite a todos os que O seguirem esta vitória: toda a criação estava solidária no pecado; Cristo rompe uma fenda nesta solidariedade — novo Adão, obediente e fiel a Deus, constitui a partir de si uma nova solidariedade universal, no amor. O Mistério da Redenção tem dimensões cósmicas (vid. Col. 1, 15-18).

Cristo atribue a existência do pecado a uma força deste mundo: ao demónio, «príncipe deste mundo». Cristo acredita no demónio! Os cristãos não acham que é infantil hoje falar do demónio? É a maior vitória actual do demónio: passar despercebido!

Mas a Igreja acredita no demónio: quando baptiza exige ao catecúmeno que renuncie ao demónio.

O demónio existe e é o autor de toda a divisão: após o pecado Adão dessolidariza-se de Eva, lançando sobre ela a culpabilidade do seu pecado, ele que quando a viu, exultou de alegria por ter uma companheira. A torre de Babel é o símbolo da divisão após o pecado. A missão de Cristo de luta contra o demónio consiste em **reunir** num só corpo os filhos de Deus dispersos.

Ele é o autor de todo o mal e dirige com inteligência requintada (ele é Lúcifer: portador da luz) os homens para o mal: a fome e o egoísmo dos ricos, a opressão dos fracos e o domínio esmagador dos fortes, os miseráveis que vivem nas barracas e o luxo dos abastados, todas as injustiças sociais, o esquecimento da dignidade humana no cinema, em revistas, livros, publicidade. É ele o autor de tudo isto.

Olhemos para o interior do homem, para o nosso interior... «aquele que nunca pecou atire a primeira pedra». A nossa condição é a de pecadores. Estivemos todos sob o poder do demónio e trazemos a marca dessa posse. Todos nós, mesmo os santos, os chefes da Igreja, os padres... Estamos ainda sob sua influência; e após o nosso Baptismo e das nossas confissões,

não vieram outros sete demónios piores que o primeiro...? Estamos presos a um «forte»; só um «mais forte» nos poderá libertar. «O homem nunca vive só o seu destino: é incapaz de uma independência absoluta. Dá-se a Deus ou permanece acorrentado ao demónio. No bem como no mal, não somos nós que vivemos, é Cristo ou é Satan que vive e triunfa em nós» (P. Evely).

Apenas quando nos sentimos amarrados ao mal, presos às suas garras sufocadoras, é que nos apercebemos de como seria maravilhoso ter um Redentor! Então gritamos por um Salvador, que nos dê a sua vida! Começamos a compreender alguma coisa da Paixão de Cristo, que os nossos pecados realmente a exigem.

Quando sentimos que a nossa fraqueza nos pode colocar junto daqueles cujo pecado nos horroriza é que começamos a ter a alegria de sermos amados e perdoados. Começamos a desvendar o que é uma verdadeira comunhão pascal: lançarmo-nos nos braços do Senhor pedindo a salvação, a Sua protecção, cantarmos o salmo 24.
«Então já não nos admiramos nem nos escandalizamos da Paixão; refazemos o caminho da cruz, beijamos as chagas do Salvador, deitamo-nos a seus pés, agarramo-nos a todas estas insuspeitáveis provas do seu amor por nós e temos a certeza que todo este amor era necessário, todos estes sofrimentos e todo este sangue para nos tornarmos finalmente livres, sabendo amar e viver.» (P. Evely).

palavra e rito

O acolhimento da Palavra integra cada vez mais o cristão na História da Salvação e fá-lo descobrir as exigências concretas da luta que constantemente trava contra Satan. A Palavra de Deus anuncia hoje o domínio de Cristo sobre o espírito do mal, domínio que nós, unidos a Ele pelo Espírito Santo, possuímos. Esta Palavra alimenta-nos pois que a Palavra de Deus é sempre eficaz: realiza naquele que a recebe a Salvação de que é portadora.

Na Eucaristia, dando graças ao Pai pelo Sacrifício Redentor onde Seu Filho obteve a vitória definitiva contra Satan, destruindo a morte, participamos desse mesmo Sacrifício, alimentando-nos com o seu Corpo para com Ele enfrentarmos a luta contra o pecado e com Ele obtermos a vitória prometida, realizando em nós e no meio onde vivemos uma passagem da morte à vida, do poder do espírito do mal e da mentira ao Espírito de Deus que nos torna livres e gera em nós a vida e o amor de Deus.

JOSÉ JOÃO LOBATO

quarto domingo da quaresma

«JESUS TOMOU OS PÃES E DEU GRAÇAS A DEUS. EM SEGUIDA, DISTRIBUIU-OS ÀS PESSOAS QUE ESTAVAM SENTADAS, E IGUALMENTE DOS PEIXES LHES DEU QUANTO QUERIAM» Jo. 6,11

apresentação das leituras

epístola (gal. 4, 23-31)

São Paulo pretende responder à acusação que os judeus faziam aos cristãos de estes não observarem integralmente a Lei de Moisés (especialmente a circunscrição), pois esta era perpétua e irrevogável. Paulo não rejeita a Lei de Moisés, mas considera-a imperfeita e incompleta e afirma que uma nova Lei foi dada por Deus através de Cristo, esta perfeita e eterna. No texto litúrgico São Paulo faz contrastar a situação do judeu diante da Lei mosaica com a situação do cristão diante da Lei de Cristo. Neste sentido, compõe duas trilogias que se opõem:

- Agar — Sinai — Jerusalém actual
- Sara — Sion — Jerusalém do alto

A primeira trilogia evoca a ideia de escravidão: Agar é a escrava de Abraão, o Sinai e a Jerusalém actual, que continua o Sinai, caracterizam-se pela escravidão do homem ao pecado a que a Lei de Moisés não consegue arrancá-lo.

A segunda trilogia evoca a ideia de liberdade: Sara é a esposa livre de Abraão, Sion, o lugar de Jerusalém actual, mas já transformado pelo Pentecostes; a Jerusalém do alto é por Isaías comparada a uma mulher que, depois da esterilidade, conhece a fecundidade, como Sara que na velhice gerou Isaac, por especial intervenção de Deus.

Os judeus vivem ainda sob a escravidão de uma Lei que, incapazes de a cumprir, os leva ao pecado; os cristãos vivem já moralmente como na Jerusalém celeste, isto é, na liberdade, pois a Lei de Cristo é uma Lei interior.

Após ter sugerido a oposição entre a Lei de Moisés e a Lei de Cristo, como uma oposição escravidão-liberdade, S. Paulo compara os cristãos com Isaac: como este, filho da mulher livre, foi perseguido por Ismael, filho da

escrava, até este ser expulso da casa de Abraão, assim os cristãos, embora livres, eram ainda perseguidos pelos judeus.

Somos, pois, livres, gerados como cristãos por especial intervenção de Deus, como Isaac filho de Abraão e de Sara, mulher livre. Como tal se impõe que vivamos (capítulo 5).

evangelho (jo. 6, 1-15)

São João apresenta de original na sua narração da multiplicação dos pães, em relação às outras narrações, o seguinte:

- Diálogo de Jesus com os discípulos, introduzindo a ideia do pão que não é necessário comprar (ler Is. 55, 1-55).
- Este diálogo lembra ainda o de Moisés com Deus descrito em Números 11, 21-23.
- É Jesus que distribue o pão (v. 11).
- Segue-se ao milagre um entusiasmo messiânico (v. 14).

Apenas São João fornece os seguintes pormenores:

- Aproximava-se a Páscoa (v. 4).
- O pão é de cevada (v. 9). Tratava-se do pão pascal, sendo a Páscoa dos judeus a festa das primícias do pão de cevada.

Concluímos desta análise que São João tem a intenção de apresentar a multiplicação dos pães como uma refeição messiânica, objecto da esperança judaica: ler Is. 55, 1-3; 65, 13; Provérbios 9, 1-10. O pão de cevada é o pão dos pobres, aos quais o Messias seria enviado para os saciar (vid. Jo. 6, 12); este pão é agora objecto do dom de Deus.

Por outro lado, para São João esta refeição constitue já a Eucaristia: proximidade da Páscoa, o pão de cevada (pão pascal), a acção de graças pelo pão que lembra a «haggada» (acção de graças durante a refeição pascal, na qual o que presidia à família reunida lembrava as maravilhas que Deus operara em favor de seu Povo, sobretudo a travessia do Mar Vermelho e a entrada na Palestina). Estes elementos orientam o episódio da multiplicação dos pães para a Páscoa cristã: a «haggada» é agora cristã; ela é a acção de graças por um pão que é sinal de um pão imperecível (v. 27): Jesus Cristo que é o Pão da Vida (v. 35). O anúncio da Paixão no discurso que segue este episódio é o anúncio de um alimento dado para a Vida eterna dos homens. Este alimento é Jesus Cristo que, conforme o acontecimento revela, se apresenta sob os sinais de um pão perecível. A acção de graças por este pão é, assim, anúncio da acção de graças por Jesus Cristo, é anúncio da «Eucaristia».

enquadramento histórico-litúrgico

O 4.º domingo foi ocupado com a narrativa do cego de nascença. Estando este Evangelho ligado aos escrutínios que, no século VI, passaram para os dias de semana, passou com eles para quarta-feira sendo substituído pelo Evangelho que nesta quarta-feira se lia, o da multiplicação dos pães, acompanhado, em quarta-feira, por uma leitura sobre o maná, leitura que foi retirada quando ainda no século VI se introduziu o costume de ler-se ao Domingo apenas o Novo Testamento. A leitura actual foi escolhida influenciada pela estação do dia: Santa Cruz de Jerusalém.

A corrente (desde o século VI) de orientar a liturgia segundo a estação e não já segundo o sentido catecumenal, presidiu também à escolha dos cânticos. Os Salmos 121 (Cânticos de Entrada, Meditação e Comunhão), 124 (Tracto) e 134 (Ofertório) referem-se à Jerusalém celeste.
As orações são do séc. VI-VII. A colecta faz alusão às provações em que Roma se encontrava nesta altura devido aos ataques dos Bárbaros.

tema bíblico

a eucaristia — sacramento de acção de graças

A exigese do capítulo 6.º de S. João orienta-nos para o tema da Eucaristia.

O termo «Eucaristia» (do grego: **Eu-charis**) corresponde na nossa linguagem a reconhecimento, gratidão, acção de graças. Quando o objecto de acção de graças é Deus, a «Eucaristia» toma a forma de uma oração (vid.: I Tes. 5, 17 s.; Col. 3, 17; I Tes. 1, 2). À acção de graças liga-se naturalmente uma evocação das maravilhas do passado que Deus operou em favor dos homens — a «anamnese» (vid.: Apoc. 11, 17 s.).

Assim, Jesus Cristo dando graças a Deus antes de dar ao pão uma força de sinal sagrado confiando-lhe o valor eterno do seu Sacrifício Redentor (na última Ceia, de que a multiplicação dos pães é anúncio), consumou e fixou para sempre esta atitude de louvor a Deus pelas suas maravilhas; por esta atitude Jesus realiza a obra de Salvação: na sua pessoa, oferecida em acção de graças a Deus em nome de toda a criação, todo o universo e toda a humanidade regressam ao Pai. O Sacrifício de Jesus Cristo é a Eucaristia perfeita, da qual nós participamos através da refeição «Eucarística».

Esta refeição Eucarística é um rito de alimento. Desde a antiguidade que o alimento é tido como um dom de Deus, dom sagrado porque mantém a vida. A refeição é uma ocasião de louvor a Deus e de união dos convivas entre si e Deus. Na revelação bíblica o alimento e a refeição (sobretudo o maná e a ceia pascal dos judeus) simbolizam e prefiguram o verdadeiro alimento que Deus dá aos homens: a Sua Palavra, verdadeiro pão descido do céu (vid.: I Cor. 10, 3 s.; Dt. 8, 3; Mt. 4, 4; Ex. 16, 4). Estes símbolos

e figuras realizam-se em Cristo, pela Palavra que dá a vida eterna àqueles que crêem (Jo. 6, 25-51 a) e pela sua carne e sangue dados a comer e a beber (Jo. 6, 51 b-58).

O capítulo 6.º de S. João anuncia a Eucaristia e a sua realidade profunda: este anúncio, precedido pela multiplicação dos pães que saciaram a multidão (v. 12) revela que Cristo alimenta abundantemente os que nEle crêem. O Pão que Cristo dá opõe-se ao maná (Jo. 6, 32 s. e 49 s.) e será o alimento consumido num banquete, imagem para os judeus de uma felicidade eterna. (ler: Mt. 22, 2-14; Lc. 14, 15; Ap. 3, 20; 19, 9).

A Eucaristia é acção de graças pelo Sacrifício de Jesus Cristo oferecido pela humanidade pecadora, implorando a misericórdia divina. Imagem e figura deste Sacrifício era o Cordeiro imolado na Páscoa judaica. A Eucaristia é, pois, um Sacramento de Sacrifício. O pão e o vinho separados sobre a mesa evocam a separação da carne e do sangue. «O Pão que Eu hei-de dar é a minha carne para a Salvação do Mundo» (Jo. 6, 51 b).

Cristo anuncia a Sua Morte e Sacrifício, que a revelação bíblica aproxima do sacrifício das vítimas cujo sangue selou a primitiva Aliança (ler Ex. 24, 5-8). Cristo, dando o seu Sangue pelos pecados de muitos (Is. 53, 12), libertou-os de vez da escravidão do pecado, instaurando a Nova Aliança por uma renovação de coração (ler Jer. 31, 31-34).

Como os antigos e os Judeus que comiam a vítima para participar nos frutos do Sacrifício, os cristãos comem o Corpo imolado de Cristo participando no seu Sacrifício, sendo com Cristo oferecidos ao Pai que se agrada plenamente desse Sacrifício pois a vítima é o Seu Próprio Filho. Nós com Ele somos recebidos pelo Pai, sendo restituídos à nossa primitiva situação de filhos de Deus.

Os cristãos celebrando o Sacramento deste Sacrifício «anunciam a morte do Senhor até que Ele venha» (I Cor. 11, 26); lembram a Deus o Sacrifício de Cristo («em memória de Mim») como uma oferta sempre nova que pede a Deus a sua misericórdia e a sua graça — é uma «anamnese» lembrando com gratidão as maravilhas da Bondade de Deus, a maior das quais é o Sacrifício de Seu Filho. A este Sacrifício o Sacramento da Eucaristia une, pela Comunhão do Corpo e do Sangue do Senhor, os cristãos, fazendo-os unir uns aos outros, em Cristo. A Eucaristia é sacramento da Caridade pela participação no Amor de Deus (I Cor. 10, 14, 22).

catequese

— O Povo de Israel quando é introduzido na Palestina divide-se desigualmente entre pobres e ricos. A pobreza é vista de princípio como causa do pecado; mas a reflexão dos sapientes descobre nela um estado de vida que reclama uma intervenção divina: Deus virá em auxílio dos pobres e saciá-los-á fazendo-os introduzir no seu Reino onde lhes servirá um banquete abundante.

— Cristo vem instaurar o Reino messiânico e para o revelar realiza um sinal, anunciador do alimento verdadeiro que é a Palavra e o Pão para aqueles que têm para com Deus a atitude dos pobres que esperam misericórdia: Cristo multiplica os pães para saciar a multidão!

Não se trata apenas de um símbolo; a multiplicação dos pães é um sinal cujo significado se compreende pelo discurso de Jesus após o milagre, na narrativa fornecida por S. João. É Ele, Cristo, portador da Palavra de Deus, verdadeiro alimento, significado no pão da abundância que sacia a multidão. Mas este sinal é mais completo: significa ainda a atitude daqueles que recebem o dom de Deus: Cristo manda sentar a multidão atormentada pela fome; ela obedece sentando-se, isto é, renunciando a buscar por si o alimento, ou a correr para casa, em busca de um amigo ou de uma estalagem; é um acto de pobreza, sentar-se e esperar com fé o dom de Deus.

— O cristão é aquele que se senta, numa atitude de pobreza, num despojamento de si mesmo, à mesa da família do Pai. Nela é saciado pelo Pão que é Cristo. É este o homem livre que vive já na Jerusalém celeste, mas ainda perseguido. Ele realiza em si o Mistério Pascal de Cristo; sendo perseguido pelo mal e, alimentando-se com a Palavra de Deus e o Pão da Vida é libertado da escravidão do pecado para a família dos filhos de Deus.

— A Igreja — Cristo hoje presente no mundo — multiplicado o pão para os que têm fome, sacia os pobres com o pão da abundância. Este Pão é a Palavra e Vida de Deus que a Igreja leva a todas as partes do mundo e a todos os homens. A presença da Igreja missionária nos países não cristãos, a presença do Papa nos diversos lugares da Terra, são a presença da Palavra de Deus, capaz de saciar os homens que a escutam com espírito de pobres.

Nos primeiros tempos do Cristianismo a missionação da Igreja cingia-se quase exclusivamente aos pobres: a Boa-Nova era dirigida a eles.

Hoje, como sempre, a Igreja é chamada a anunciar a Boa-Nova aos pobres, seus principais destinatários. Ela empenhou-se no Concílio a ser fiel a esta missão: anunciar a Boa-Nova aos pobres, àqueles que são vítimas da injustiça, da perseguição, da violência, do ódio entre os homens. Para eles a Igreja quer multiplicar o Pão da abundância, Jesus Cristo que veio anunciar o Evangelho aos pobres. Mas tal como Ele, lhes multiplicou o pão material como sinal do pão imperecível que é a Palavra de Deus, a Igreja, continuando hoje a missão de Cristo, deve multiplicar o pão da subsistência para os pobres como sinal e anúncio do Pão que ela dá àqueles que são introduzidos na família dos filhos de Deus.

— A celebração Eucarística introduz o cristão na nova Jerusalém, cidade dos pobres que se saciam em abundância da Palavra de Deus. Daí a Eucaristia se realizar num banquete, sinal e participação, sob modestas aparências, da Família de Deus que na Casa do Pai se reunirá naquele Banquete

que Deus preparou para todos os povos (Is. 25, 6), no qual participarão todos aqueles que tiverem fome de Deus, «mesmo que não tenham dinheiro» (Is. 55, 1 s.) e onde cada um de nós estará face a face com o Pai (Apoc. 3, 20).

palavra e rito

A Palavra de Deus que hoje nos é dirigida fala de si mesma: ela é o alimento que sacia em abundância os que a escutam com espírito de pobreza. O cristão é aquele que se alimenta desta Palavra que é Jesus Cristo, verdadeiro Pão descido do céu — Ele é a Palavra de Deus no meio de nós. A Palavra que nos alimenta e sacia com a Graça de Cristo conduz-nos à Eucaristia onde ela nos alimenta tornando-se o Pão que comemos e nos sacia numa refeição que é promessa e participação desde já do Banquete que o Pai nos servirá na sua Casa, a Jerusalém Celeste.

A Eucaristia insere-nos no Sacrifício redentor de Cristo, fazendo-nos realizar com Ele a passagem da Morte à Vida em abundância. O Pão com que ela nos alimenta não é uma coisa, mas a atitude de obediência e amor de Cristo, posta ao nosso alcance.

A Eucaristia que hoje celebramos é **Sacramento** — participação e promessa — de uma «Eucaristia» futura na qual, em Cristo, toda a humanidade e todo o universo realizará constantemente a perfeita acção de graças ao Pai, recordando a obra da Salvação.

JOSÉ JOÃO LOBATO

primeiro domingo da paixão

apresentação das leituras

epístola (heb. 9, 11-15)

O autor da carta aos hebreus apresenta-nos, no capítulo 9, uma comparação entre o sacrifício judaico da Grande Expiação e o Sacrifício de Cristo.

A leitura de hoje traz-nos apenas um dos termos de comparação, o que diz respeito ao Sacrifício de Cristo (v. 11 a 14) e a Conclusão (v. 15).

Para lá desta comparação é intenção do autor mostrar que a passagem da Antiga à Nova Aliança é espiritual e interior; pois que, em Cristo, Sacrifício interior e exterior estão perfeitamente integrados um no outro.

A tenda na Antiga Aliança era o grande lugar do encontro de Deus com o seu Povo. Hoje existe outra tenda: a humanidade de Jesus Cristo. É ela hoje o único lugar onde se encontram a terra e o céu, o único instrumento de salvação.

Temos nesta sequência comparativa o rito do sangue. Por vontade de Deus, o sangue é elemento de expiação, não por poder ou vontade do próprio sangue. Pelo contrário, o Sangue de Jesus é eficaz por si mesmo, em virtude da força divina que contém e que é eterna.

Eficácia eterna que se estende ao mais íntimo de nós mesmos, fazendo-nos servir o Deus vivo purificando-nos das obras mortas (vd. v. 14).

evangelho (jo. 46-59)

«Buscais-me... porque comestes dos pães e ficastes saciados» (Jo. 6, 26). S. João no cap. VI dá-nos esta palavra de Jesus para nos enquadrar no drama da incompreensão do povo judeu pelas acção de Jesus e consequentemente pela sua Pessoa.

Na leitura de hoje S. João sublinha o que é muito mais grave: as próprias autoridades do povo Judeu, aqueles que deveriam reconhecer o Messias, acusam Jesus de fazer milagres para a sua própria glória.

Assim compreendemos perfeitamente o versículo 54 do Evangelho de hoje com a insistência de Jesus a demonstrar que procura a glória do Pai e não a sua.

Temos por isso dois temas: o tema da hora e o tema da incredulidade dos judeus.

Não serão os inimigos de Jesus que terão a iniciativa da sua morte — é a vontade do Pai que determina o dia e a hora. Onde vai aparecer aparentemente uma morte determinada pelos homens está subjacente uma vontade mais profunda e misteriosa.

Querendo injuriar Jesus os judeus chamanam-no Samaritano e possesso, isto é, um louco! Mais adiante os judeus invocam o nome de Abraão. Cristo aproveita a oportunidade para chamar a atenção para a verdadeira descendência de Abraão, à qual não pertencerão os judeus que não tiverem fé para reconhecer em Cristo o Filho de Deus. A raça de Abraão é de homens livres chamados filhos de Deus; mas os judeus são escravos do pecado e da sua incredulidade.

Cristo revela assim a sua própria divindade: «EU SOU» (ver v. 58, Ex. 3, 14 e Is. 10, 13). Aos olhos dos judeus que o queriam liquidar é neste momento que está consumada a blasfêmia. Não chegou ainda, porém, a hora!

Cântico de Entrada (Salmo 42, 43) — O salmo 42 (que é também o do cântico processional da comunhão) manifesta a oposição que Cristo sente por parte dos judeus e a sua vontade de cumprir os desígnios de Seu Pai.

O salmo 142 do cântico de meditação é a oração de um humilde que implora a misericórdia de Deus.

O tracto é preenchido com o salmo 128, cântico contra os inimigos de Sião. Diante da oposição dos inimigos, o justo refugia-se na fidelidade total à vontade de Deus.

Parece que até ao século VI o Evangelho de hoje era o da ressurreição de Lázaro. O Evangelho actual dá uma justificação plausível ao nome do Domingo da **Paixão,** porque é inaugurada hoje a descrição das primeiras oposições a Cristo, prelúdio da sua Paixão.

tema bíblico

antiga aliança

Uma rápida vista de olhos sobre a Bíblia faz-nos tomar consciência da importância primordial do Sacrifício e da sua universalidade. Assim, ao longo da história bíblica encontramos um desenvolvimento dos ritos sacrificiais.

Inicialmente o ritual dos sacrifícios caracterizava-se por uma sobriedade rudimentar conforme os costumes dos nómadas e semi-nómadas, cujos sacrifícios consistiam na invocação do «Nome» divino, na oferta de animais ou produtos da terra, edificando para este ritual altares nos locais onde Deus se manifestara (Gen. 4, 3; 12, 7 s.).

No livro do Êxodo (20, 24; 23, 15) o carácter ocasional e provisório dos lugares de culto é significado pela Tenda móvel; mais tarde, no tempo de Josias, o Templo será o lugar único do culto sacrificial. O cap. 17 do livro dos Juízes relata-nos já a existência de homens qualificados para, no Templo, imolarem as vítimas substituindo a tradição inicial do ministério do chefe da família ou do clan.

O contacto com os povos vizinhos, a influência cananeia, a passagem da vida nómada e pastoril à vida sedentária e agrícola e a importância cada vez mais relevante do Sacerdócio trouxeram ao culto de Israel a possibilidade de exercer a sua função mediadora, reorientando para o verdadeiro Deus as práticas e costumes desorbitados pelas concepções pagãs, enriquecendo assim a herança cultual recebida dos outros povos com a consequente complexização ritual dos sacrifícios de Israel. Deste modo encontramos, coexistindo tipos variados de sacrifícios:

- **O Holocausto** encontra-se nas antigas tradições e na época do Juízes (Gen. 8, 20 e Jz. 6, 21). Consistia na imolação completa de um animal consumido pelo fogo.

• **A Refeição sagrada,** categoria de sacrifício muito espalhada entre os semitas: o fiel come e bebe diante de Yahweh (Dt. 12, 18 e Mt. 26). Uma parte da vítima imolada pertencia de direito a Deus e a outra servia de alimento aos convivas.

• **O rito expiatório** que, segundo uma fórmula arcaica (Gen. 8, 21), posteriormente conservada e espiritualizada (Lev. 1, 9 e 3, 16), era «Sacrifício oferecido pelo fogo, de agradável odor».

Da diversidade de tipos de sacrifícios evoluiu-se para uma síntese que o Livro do Levítico (caps. 1-7) nos exprime numa linguagem técnica e sistematizada. Por detrás de uma terminologia rebarbativa descobre-se um sentido afinado da santidade de Deus, obcessão do pecado e um desejo insaciável de perfeição. Neste ritual a noção de sacrifício tende a fazer girar em seu torno as iceias de expiação e penitência, sendo a refeição o sinal e de certo modo o sacramento da união dos comensais entre si e com Deus, pois todos participam da mesma vítima.

Os profetas, continuando a antiga tradição (Ex. 19, 5 e 24, 4), têm porém como sua intenção combater uma tentação que era comum: a supervaloração do rito em detrimento do sinal significado. Sem as devidas disposições do coração o sacrifício reduz-se a gesto vão e hipócrita (Am. 4, 4 e Is. 1, 11-16). O sacrifício interior não é um sucedâneo, mas o essencial (Sl. 51, 18 s.) e em determinadas condições supre até o próprio rito (Eccli, 35, 1-10).

Ao lado da síntese legislativa do Levítico a Bíblia oferece-nos outra síntese viva que incarna numa Pessoa — o Servidor de Yahweh. Este, segundo Isaías 53, oferecerá a sua morte em sacrifício de expiação. No grande dia da Expiação ele carregará sobre si os pecados do povo, substituindo assim livremente os pecadores. A sua oblação sem mácula aproveita a uma «multidão», segundo o desígnio amoroso de Deus. Este oráculo profético marca um progresso notável sobre as concepções de Lev. 16. Aqui «o máximo de intensidade alia-se ao máximo do dom com o máximo de eficácia.»

«*os últimos tempos*»

Como vemos em Mt. 5 e em Mc. 12, 23, Jesus retoma a ideia profética do primado do espírito sobre o rito, preparando assim os espíritos para o dom do seu próprio sacrifício. Jesus anuncia a sua Paixão utilizando palavra por palavra os termos que caracterizam o sacrifício expiatório do Servidor de Yahweh (Mc. 10, 45; Lc. 22, 37 e Is. 53, 10 ss.).

S. João e S. Mateus (Jo. 11, 55 s.; 12, 1; 13, 1; Mt. 26, 2) estabelecem com precisão uma relação intencional entre a morte de Cristo e o Sacrifício do Cordeiro pascal, inserindo-a no quadro da ceia pascal de despedida. Jesus reporta-se expressamente à fórmula de Moisés «o Sangue da Aliança»

(Ex. 24, 8 e Mc. 14, 24). A tríplice referência ao Cordeiro cujo sangue liberta, às vítimas do Sinai que selaram a Antiga Aliança e à morte expiadora do Servidor demonstram claramente o carácter sacrificial da morte de Jesus, dando à «multidão» a remissão dos pecados, consagrando a definitiva Aliança e fazendo nascer um Povo Novo ao qual foi dada a Redenção. Assim a oferta de Jesus na sua realidade cruenta e na sua expressão sacramental recapitula a economia da Antiga Aliança pois é simultâneamente holocausto, oferta expiatória e Sacrifício da Comunhão.

A continuidade das duas Alianças é inegável.

Sob formas diversas os escritos apostólicos desenvolvem estas ideias fundamentais. Em breve resenha veja-se:

1 Co. 5, 7; Jo. 19, 36 — Jesus torna-se nossa Páscoa
1 Pe. 1, 19; Apoc. 5, 6 — é o Cordeiro imolado
1 Co. 11, 25 — que inaugura com o seu sangue a nova Aliança,
Rom. 3, 24 — realizando a expiação do pecado e
2 Co. 5, 19 — reconciliando Deus e os homens.

Paralelamente ao livro do Levítico insiste-se no papel do sangue (Rom. 5, 9; Col. 1, 20; Ef. 1, 7; Apoc. 1, 5 e 5, 9), sangue este que é derramado por um Filho sob a iniciativa de seu Pai. Fazendo sobressair o paralelo entre o Sacrifício de Isaac e o de Jesus, os Apóstolos põem em relevo a perfeição da oblação no Calvário: Cristo entrega-se à morte (Mc. 12, 6) e o Pai por amor dos homens não poupa o seu próprio Filho (Rom. 8, 32 e Jo. 3, 16). A cruz é a revelação da natureza íntima do Sacrifício de «agradável odor» (Ef. 5, 2) que é sacrifício espiritual, pois é acto de amor.

catequese

Desde sempre o homem em busca da sua felicidade pressente, intermitentemente porém na maioria das vezes, que o mundo do «sagrado» também é seu, mas este mundo na realidade escapa-se-lhe. Assim, na busca do favor dos deuses ou na tentativa de os apaziguar realiza actos para com os «seus» deuses que se tornam «ritos» gerando-se assim uma expressão litúrgica. Estas «liturgias» são constituídas quase sempre, senão exclusivamente, por ritos sacrificiais. Mas porquê imolarem-se vítimas aos deuses? porquê destruir as primícias da terra, fruto do trabalho do homem? porquê tomar refeições sagradas onde só é manducada a parte não reservada aos deuses? — O homem ao renunciar a uma parte das suas posses, àquilo que lhe pode garantir uma «segurança» entregando-o nas mãos dos deuses em sacrifício (sacra facere — fazer santo), subtraindo pela destruição ou de qualquer outro modo a matéria que se destinaria ao uso do homem é reconhecer que o seu destino está ligado ao mundo divino.

Sabemos que todos os povos vizinhos de Israel praticavam ritos sacrificiais; estes sacrifícios marcavam até o ritmo existencial tanto da comunidade como do indivíduo. A própria Bíblia dá testemunho da importância e universalidade do sacrifício, orientando a partir dele a história da humanidade decaída (Gen. 8, 20).

Para o homem pagão desde que o rito siga as condições previstas é válido por si mesmo, é eficaz. Vimos como Israel sofreu também esta tentação, fazendo Yahweh surgir no seu povo profetas que intervieram para recordar que o sacrifício seria um gesto vão e hipócrita sem as disposições do coração.

Para Yahweh o sacrifício é interior, informando toda a vida, sendo o acto de sacrificar apenas valorado como significativo dessa realidade interna. Temos assim o primado da religião interior. No cume deste «pastoreio» de Yahweh, que conduzia o seu Povo «por Sua mão», encontramos a revelação profética do Servo de Yahweh.

servo de Yahweh — Jesus Cristo

Estando profetizada a destruição do acto sacrificial «clássico», quando Jesus vem — Ele o fiel por excelência aos desígnios do Pai — o rito sacrificial pode desaparecer na sua forma antiga. Com efeito, Jesus não tem que sacrificar algo de estranho a si, pois é a si próprio que Ele se vai sacrificar e consagrar «em verdade».

De que serviria uma vítima de «substituição» se Ele mesmo é a hóstia viva? Totalmente obediente à vontade de seu Pai a humanidade de Jesus está em perfeita conformidade com o desígnio de Deus a respeito do homem chamado desde toda a eternidade a partilhar dos bens divinos.

A nova história do Sacrifício é por nós constatada de um modo muito particular no momento em que Jesus sobe a Jerusalém para a «sua hora». Com os discípulos Ele realiza o rito ancestral da Páscoa judaica, que é rito sacrificial de comunhão. Mas realizando-a na véspera da sua morte na cruz, Ele o transforma integralmente tornando caduca a imolação do cordeiro pascal. Uma só realidade conta agora: o Sacrifício de Jesus Sacerdote. Tomado pelo mistério da obediência de Jesus até à morte, o rito antigo do cordeiro dá lugar ao novo rito de Comunhão no Sacrifício de Cristo, único Sacerdote da nova e eterna Aliança que concluiu com toda a humanidade. O Sacrifício de Jesus é o Sacrifício do homem-Deus, pois é a renúncia total de um homem a si mesmo, na realização perfeita do destino humano no seio da família de Deus. Longe de ser uma destruição do ser, o Sacrifício do homem-Deus é a construção da Salvação definitiva. É o homem que morre na cruz e merece a ressurreição, a vida eterna da alma e do corpo. Não é sem interesse que o Evangelho do dia nos relata um diálogo de Jesus com os judeus em que a afirmação de Jesus de que cumpre a vontade do Pai está ligada à manifestação da sua divindade; «antes de Abraão existir, Eu sou!» (Jo. 8, 58).

A Igreja só conhece um rito sacrificial, aquele que o Senhor mandou fazer «em sua memória». Pelo Baptismo o cristão está habilitado a «servir o Deus único» e a «receber a herança eterna, objecto da promessa em Cristo Jesus Nosso Senhor», como lemos na primeira leitura de hoje. No cap. 12 da carta aos Romanos S. Paulo diz claramente: «Exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que apresenteis vossos corpos como uma hóstia viva, santa e agradável a Deus, à maneira de um culto espiritual» (12, 1). S. Pedro é ainda mais explícito ao dizer: «(...) quais outras pedras vivas, vós também vos tornais os materiais deste edifício espiritual, um sacerdócio santo, a oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo.» (1 Pe. 2, 5). O Baptismo é o caminho e a inserção no sacerdócio real (1 Pe. 2, 9). De agora em diante todo o homem agregado pelo Baptismo ao Corpo de Cristo pode e deve construir um itinerário de obediência e de amor, pode sacrificar-se, consagrar-se, ser «hóstia viva, santa e agradável a Deus».

A Eucaristia, onde se constrói e se exprime ritualmente o sacrifício de uma comunidade cristã, exige que este mesmo sacrifício se manifeste no concreto da vida quotidiana. O culto que prestamos a Deus não tem outra fonte senão o amor de Jesus pelo seu Pai e por todos os homens, dado a todos os membros do seu Corpo. Para S. Paulo, em virtude de deixar a sua terra para ir ao estrangeiro, o missionário coloca-se na situação objectiva que exige dele o exercício de um amor universal; esta é a exigência completa do culto espiritual que é devido a Deus.

Ao contrário das civilizações chamadas «tradicionais», em que o Sacrifício aparecia como um rito religioso essencial, a civilização contemporânea toda centrada no homem e no seu poder sobre a natureza é uma civilização «profana». O ateísmo é **por enquanto** a sua tendência própria. A questão religiosa não existe; é ignorada ou anestesiada sendo, consequentemente, a atitude religiosa de todas as atitudes do homem a menos espontânea.

Esta civilização não pode fazer nascer no cristão um «saudosismo» por uma civilização sacral, mas sim ser veículo de um cristianismo mais autêntico. Mas o cristão tem, em nossos dias, a tentação de colocar o centro da sua vida religiosa no serviço do homem e não no serviço de Deus.

O tema do Sacrifício será por isso para todos nós muito salutar, pois assim podemos ver com os «olhos e amor de Deus» a unidade entre o seu amor e o que temos aos nossos irmãos.

Nós somos testemunhas de ALGUÉM, esse Alguém que é consagrado e comungado no rito sacramental da Eucaristia. O elo entre o Sacrifício de Cristo e o do seu Corpo é tão estreito que estes dois Sacrifícios não fazem senão um só.

«Comportai-vos nobremente entre os pagãos. Assim naquilo que em vos caluniam como malfeitores, chegarão, considerando vossas boas obras, a glorificar a Deus no dia em que Ele os visitar» (1 Pe. 2, 12).

domingo de ramos

apresentação das leituras e cânticos

A liturgia de hoje apresenta-nos o tema de «Cristo humilhado». Sendo Deus e homem, apesar de «todo o poder lhe ter sido dado no Céu e na Terra», Ele recusou o emprego de meios espectaculares para a instauração do Seu Reino. Ao contrário, escolheu voluntàriamente os meios mais humilhantes: fez-se pequeno, tornou-se pobre, aniquilou-se a si mesmo — quase a ponto de, por vezes, esconder a divindade.

Os factos que a liturgia, esta semana, vai tornar presentes sacramentalmente no meio de nós, mostrar-nos-ão onde chegou esta humilhação: as multidões condenaram-n'O, os discípulos mais amigos escandalizam-se da sua concepção de messianismo, os próprios Apóstolos O atraiçoam e renegam; o ódio dos inimigos de Jesus atinge o seu auge.

Embora pudesse chamar em Seu auxílio legiões de anjos ou descer da Cruz, Ele não quer: o Seu único desejo, a Sua maior obcessão é cumprir a vontade do Pai. Acima de tudo, fidelidade total ao Pai.

bênção dos ramos

evangelho (mt. 21, 1-9)

Nada melhor que o próprio evangelho nos pode explicar o sentido deste rito. Pela procissão, os cristãos unem-se aos Judeus para aclamar o Senhor e seguem-n'O, não já para a Jerusalém terrestre, mas para a Jerusalém celeste.

Ao contrário dos grandes reis da antiguidade, o Messias apresenta-se como Rei humilde e pacífico. O Senhor que tantas vezes recusara o triunfo, agora aceita-o, manifestando assim que o Reino de Deus está próximo. Este episódio, já perto da Páscoa e em relação com ela, antecipa-nos a Glória de Cristo-Rei, que só será plenamente Rei e Senhor depois da Ressurreição e Ascensão.

A Cristo que se apresenta como Messias pobre, saúdam as multidões com uma aclamação de inspiração messiânica (do Salmo 117 — cântico da restauração da nova Jerusalém). E, na sua preocupação constante de mostrar que Jesus é o Messias, Mt. acrescenta um título que aumenta o sentido messiânico da citação: Filho de David.

missa

epístola (filip. 2, 5-11)

Põo em relevo o despojamento total de Cristo — Ele que «sendo de condição divina... se despojou a si mesmo, tomando a condição de escravo».

Este rebaixamento vem-Lhe não do facto de ser homem, mas da renúncia voluntária a certos privilégios — pois Ele fez-se em tudo semelhante a nós, excepto no pecado. Renunciou aos Seus direitos de Senhor para experimentar a pobreza e a obediência — actos de servo. Foi por isso que o Pai «Lhe deu um nome que está acima de todo o nome», «porque quem se humilha será exaltado».

evangelho (mt. 26, 36-75; 27, 1-60)

A ideia central de Mt. nesta narração é mostrar, por numerosas citações bíblicas o cumprimento da Escritura em Cristo. Dirigindo-se aos Judeus-Cristãos, que esperavam antes um Messias triunfante e glorioso, o evangelista prova-lhes que as profecias tinham anunciado um Messias sofredor e humilde e que toda a Paixão fora prevista, até ao mais pequeno pormenor. «Era preciso que assim acontecesse para que se cumprissem as Escrituras.»

Os principais textos referidos são os salmos dos pobres, os poemas do Servo de Yahweh e outros de inspiração mais apocalíptica, como Dan. 7 e Amós 8.

O Evangelho da Paixão em Mt. é uma meditação sobre a admirável humilhação de Cristo, que preferiu a morte e o sofrimento, aos meios ricos e fáceis. A razão disto encontra-a o autor sagrado no próprio desígnio de Deus.

cânticos

«A antífona de comunhão é tirada da narração da Paixão: o cálice de sofrimento que Cristo bebeu no Getsémani é-vos oferecido hoje na comunhão. Esta associa-nos, pela nossa própria obediência, ao mistério do Getsémani e da Paixão.»

O Salmo 22 — um dos mais usados na liturgia destes dias — fornece os cânticos de entrada e tracto. Estes são como que o grito angustiante de uma alma abandonada e perseguida, da qual até o próprio Deus parece ter-se esquecido.

Tem o mesmo sentido o cântico de ofertório, do Salmo 68.

enquadramento histórico-litúrgico

Os elementos essenciais da missa existem, pelo menos, desde o séc. IV. A 2.ª leitura faz parte de um conjunto de quatro textos que nos preparam pròximamente para uma melhor compreensão e vivência do mistério da Paixão-Morte-Ressurreição do Senhor, as narrações da Paixão: Domingo — Mt.; 3.ª-feira — Mc.; 4.ª-feira — Luc; 6.ª-feira — Jo.

A 1.ª leitura acompanha perfeitamente o evangelho; o tema é o mesmo: ambas sublinham a humilhação de Cristo, humilhação esta que O conduzirá à glorificação.

A escolha dos cânticos foi feita em função do evangelho — fruto do antigo cuidado de unidade da missa (sobretudo nos sécs. IV-VII, período áureo da liturgia).

As orações sobre as oblatas e depois da comunhão são mais tardias.

Em Roma, a Semana Santa era inaugurada com toda a sobriedade e simplicidade. Depois da bênção dos ramos, que se fazia em Santa Maria Maior, o cortejo litúrgico dirigia-se para S. João de Latrão — «estação» litúrgica do dia — e aí se celebrava a Missa.

Ao contrário, a Igreja de Jerusalém, desde o início do séc. V, apresentava cerimónias que «mimavam» verdadeiramente os acontecimentos da última semana do Senhor — a começar pela grandiosa procissão, que evocava a entrada triunfal de Jesus na cidade. Os peregrinos ocidentais dos sécs. VI-VIII (especialmente, os Galicanos), ao regressar aos seus países, trouxeram estas práticas que se tornaram muito populares.

Quando este rito se introduziu entre os povos Germânicos — muito sensíveis à santificação das coisas —, acrescentou-se uma longa bênção dos ramos.

Actualmente, na liturgia romana, começou já a esboçar-se e a concretizar-se uma tendência para voltar à simplicidade e à limpidez da liturgia antiga. A bênção dos ramos foi reduzida ao mínimo (com a Reforma da Semana Santa, 1955).

É significativa também a evolução do nome deste domingo: em vez de Domingo de Ramos, chamamos-lhe agora o 2.º Domingo de Paixão.

tema bíblico

a pobreza

a. O **povo hebreu** considerava a riqueza como sinal da bênção de Deus e recompensa da vida virtuosa. Ao contrário, o proletariado era uma classe social rebaixada e pràticamente rejeitada — a tal ponto que não gozava de qualquer direito cívico.

Os bens estavam nas mãos de poucos e os pobres eram vítimas das mais gritantes injustiças, contra as quais tanto clamavam os profetas.
Aparece a legislação do Deut. a procurar salvar a situação (o ano sabático, o ano jubilar...). Mas, isto não remediou grande coisa, à semelhança do que acontecera com as maldições dos profetas.

Verificando a injustiça dos homens, os pobres voltam-se para Deus e põem todas as suas esperanças de justiça n'Aquele que é o único Justo. Ele

salvá-los-á e libertá-los-á da situação em que se encontram. Esta libertação será o grande acontecimento dos tempos messiânicos — tempos por excelência da libertação dos pobres e humildes que confiam em Deus.

«Para chegar a esta etapa, a doutrina da pobreza deverá despojar-se do seu conteúdo sociológico, a fim de designar uma disponibilidade em face de Deus.»

b. Cristo adoptou e viveu esta pobreza: a sua missão é anunciar aos pobres a «boa nova» dos últimos tempos; incarna a sua situação material, mas preocupa-se sobretudo por desposar a pobreza na sua dimensão espiritual; apresenta-se sempre inteiramente disponível perante a vontade do Pai; aplicam-se-Lhe os salmos dos pobres...

A pobreza não é algo acidental no mistério de Cristo, mas constitui a dimensão essencial do seu sacrifício. «Ela é constitutiva da sua personalidade de homem-Deus e expressiva do desígnio do Pai, que realiza no Filho o Seu projecto escatológico de salvação.»

Esta humilhação de Cristo, a sua pobreza espiritual, a disponibilidade em presença da vontade do Pai, torna-se assim «a etapa definitiva da sua glorificação e a condição da nossa divinização.»

c. A Igreja — que é Cristo continuado, presente e actuante hoje, no meio dos homens — à semelhança do seu fundador, esforça-se cada vez mais por ser autênticamente pobre. Procura ser, realmente, uma Igreja de pobres. Mais que nunca, isto é preciso no nosso tempo: neste mundo em que as riquezas se encontram nas mãos de uns tantos privilegiados; num mundo em que dois terços das pessoas passam fome e outras tantas não conhecem a Deus; no nosso mundo em que tantos sofrem as injustiças dos poderosos; neste mundo que não presta atenção aos pobres e a todos os que sofrem. Mas, a Igreja somos nós, cada um de nós; e ela não será pobre senão na medida em que nós o formos, na vida concreta de cada dia.

Deus não exige que não tenhamos bens; mas quer que usemos deles como se os não possuíssemos — que os utilizemos segundo o Seu plano e em ordem à Sua glória.

Sobretudo, o que é necessário é esta pobreza de espírito que nos torna conscientes das nossas limitações para melhor nos abrirmos à acção de Deus.

catequese

o sofrimento

a. Para o **homem judeu,** a riqueza, a fecundidade, a união, são sinais da bênção de Deus e constituem a verdadeira felicidade. Pelo contrário, a morte, o sofrimento e a injustiça, uma vez que são opostas à felicidade do homem querida por Deus, não podem ser senão consequência do pecado.

Deus, na sua misericordiosa benevolência e na sua maravilhosa pedagogia adoptou-se a esta mentalidade imperfeita.

Assim, os profetas anunciam que, no dia em que Yahweh salvar Israel, não haverá mais morte e os pobres conhecerão a abundância.

Tais perspectivas vão evoluindo, a pouco e pouco, com a reflexão sapiencial e o consequente aprofundamento da fé.

«O pobre que Yahweh admitirá no seu Reino não é pura e simplesmente o homem que sofreu a injustiça e que apela para a vingança divina: é o que acolhe esta insegurança na obediência a Yahweh, o que aceita ser despojado porque põe n'Ele a sua segurança e não em si próprio — aquele que, nem a morte nem qualquer forma de insegurança cá na terra, conseguem revoltar, mas confia sempre na bondade de Deus.»

A figura do Servo Sofredor faz penetrar muito na compreensão do sofrimento e morte. O Servo é alguém que não só aceitará a morte, mas a quem a própria morte destruirá: «Era desprezado, era a escória da humanidade, homem de dores, experimentado nos sofrimentos, como aqueles diante dos quais cobrimos o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele» (Is. 53, 3).

Apesar de estar inocente, Ele é um rejeitado e um condenado. Afronta a morte com todas as suas consequências por causa dos pecados dos homens.

b. **Cristo e o sofrimento** — A vida do Senhor termina na Cruz, não como por acaso, mas como realização plena e exigência da sua vida e da sua missão. Só na Cruz Ele poderá dizer que «tudo está consumado». Morre, dando a vida por aqueles que O odiavam, porque os amava. Ele sabe que, por esse meio, realizará a salvação dos homens, na sua fidelidade total ao Pai.

«Ele aniquilou-se a si mesmo... humilhou-se... fazendo-se obediente até à morte e morte de Cruz». Apesar do pecado dos homens, Jesus quer levar até às últimas consequências a sua fidelidade à condição de criatura. Dando a vida, Ele vence a morte e passa à verdadeira vida, como primogénito da criação.

Assim, a morte muda de sentido, passando a exprimir a condição de despojamento total que o amor requer. Ela é a passagem para uma vida feliz, para um mundo novo, no qual o homem se possuirá na sua integridade espiritual e corporal.

O sofrimento de Cristo, que culmina com a Paixão e Morte, realiza, pois, o destino divino do homem, abrindo-lhe as portas da família do Pai. É que «a morte na Cruz não é um elemento da nossa fé ao lado dos outros;

é o centro da nossa fé. É ela que nos abre o caminho da Ressurreição, da vida eterna, da salvação definitiva no Reino do Pai».

c. **O cristão e o sofrimento** — Chamado à filiação adoptiva em Cristo, o cristão continua na sua vida e na sua pessoa o Cristo histórico («Todas as vezes que fizerdes isto a um dos meus irmãos é a mim que o fazeis»). Sendo, pelo seu sofrimento, um prolongamento do Servo Sofredor, o cristão «completa em sua carne o que falta à Paixão de Cristo», e deve afrontar a morte onde quer que ela se lhe apresente, particularmente quando ela resulta de uma falta de amor ou do ódio — como a de Jesus.

Porque Ele nos amou em extremo, é que sofreu e morreu. Amou até ao dom de si mesmo e deixou este preceito: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.» É este o sinal que temos para dar testemunho, perante o mundo, da nossa pertença a Cristo: «Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos.»

«Amar como Jesus amou é aceitar sofrer da recusa do outro, ser condenado à morte por ter amado — é ser chamado a dar a vida pelos outros». Mas, o cristão tem uma certeza: o Senhor Jesus — e nós com Ele — venceu a morte. E a obediência até ao sofrimento e à morte dar-nos-á também a nós a posse da verdadeira vida.

«Para o cristão, existe uma relação íntima entre amor, sofrimento e morte. Ele não busca o sofrimento e a morte; mas quando eles sobrevêm, o cristão os acolherá no seu amor de Deus e dos homens.»

palavra e rito

A Eucaristia de hoje torna presente, aqui, no meio da nossa assembleia, o mistério da humilhação e da glorificação de Cristo. «Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor até que Ele venha.»

Pela comunhão, fazemos um com a morte de Cristo. Isto levar-nos-á a despojarmo-nos de nós mesmos para melhor tomarmos parte nos sofrimentos de Jesus, na nossa vida de cada dia. Só assim, e precisamente por isso mesmo, sentiremos no fazer-se da nossa salvação, a exaltação que se seguiu ao aniquilamento total de Jesus.

MANUEL JOÃO CARTAXO

Na elaboração deste trabalho seguiu-se muito de perto o livro «Guide de l'Assemblée Chrétienne», de Thierry Maertens e Jean Frisque, tomo II, págs. 237-251.

quinta-feira santa

apresentação das leituras

epístola (1 cor. 11, 20-32)

São Paulo dirige-se à comunidade eucarística de Corinto reprovando o espírito mesquinho e de inveja que havia penetrado as suas reuniões e advertindo-os de que a Eucaristia presentifica realmente o Corpo e o Sangue do Senhor e é o memorial da sua morte (23-25). É por isso que os castigos infligidos, outrora, aos Judeus do deserto, que tinham comido indignamente o maná (10, 1-11), poderão vir a ser os da comunidade, se esta continua a provocar o Senhor. Daí que, «entre vós, há muitos enfermos e adoentados e bastantes faleceram» (11, 30).

São Paulo, servindo-se do texto de uma igreja particular que já fixara a sua liturgia eucarística, relata a instituição da Eucaristia e insiste na sua dimensão sacrificial e memorial, unida ao apelo do Senhor para a fazermos na caridade mútua.

evangelho (jo. 13, 1-15)

João relata a última Ceia inserindo-a na Hora do Senhor, a hora de passar deste mundo para o Pai, porque levara até ao extremo o seu amor por eles (cf. 13, 1). O lava-pés constituindo em si mesmo um rito de ablução normal dos Judeus, toma um sentido novo de que Pedro dá conta (13, 9); já não é um mero rito de ablução, é um rito novo, é o único rito (13,8), que purifica muito mais eficazmente que as abluções antigas, e que será para o futuro o único rito de purificação (13, 10; 15, 1-3).

Para a compreensão do texto é importante a dupla referência a Judas (2; 10) — o Senhor abaixa-se, mesmo diante daquele que, momentos depois, o havia de trair. Ele, o Senhor e o Mestre, confunde-se com o mais humilde dos servos, ele é o «Senhor-Servo» (cf. Filip. 2, 5-11) e desde então, na sua Paixão, manifestará pela última vez o seu rebaixamento, e os apóstolos abrirão os olhos e penetrarão na Sua própria atitude de humildade. «É que Eu dei-vos o exemplo para que, assim como eu vos fiz, vós façais também. Em verdade vos digo: não é o servo maior que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o mandou» (Jo. 13, 15-16; Mt. 20, 25-27).

O condicionalismo histórico em que aparece a Carta de S. Paulo e o Evangelho de S. João deixa-nos ver e penetrar no carácter misterioso e essencial da Refeição Eucarística: o sacrifício de Cristo numa atitude de serviço e de rebaixamento. Esta mesma atitude pede o Senhor aos fiéis, e em particular aos ministros, a de prolongarem o seu exemplo numa atitude de serviço fraternal que constitui o essencial do memorial a renovar.

enquadramento histórico-litúrgico

Até ao séc. V a Quinta-feira Santa era um dia alitúrgico, isto é, sem celebração eucarística.

Os primeiros actos litúrgicos que foram postos neste dia, eram de ordem secundária: reconciliação dos penitentes e consagração dos santos óleos. No séc. VIII as paróquias romanas celebravam na tarde de Quinta-feira Santa uma missa apresentada como memorial da Ceia, costume de que se ignora a origem. Esta missa, caso único durante o ano, não comportava liturgia da Palavra; esta era celebrada no ofício da manhã. Quando se pretendeu dar-lhe também uma liturgia da Palavra, tomou-se o Evangelho e o cântico de entrada da Terça-feira precedente, a primeira leitura do Domingo de Paixão e primeira oração de Sexta-feira Santa. O cântico de meditação e a colecta são compostos especialmente para esta missa.

O rito do lava-pés, sinal do rebaixamento do Senhor por amor para nós, destinado a sublinhar o carácter sacrificial da Eucaristia, realiza-se desde há poucos anos dentro da própria missa, embora o seu uso nos meios monásticos remonte aos séc. XI e XII.

Sob uma aparente desconexão de textos reina, entretanto, uma unidade na maior parte das peças — o carácter Pascal da Eucaristia sublinhando simultâneamente a passagem de Cristo da morte à vida e a nossa própria ascensão à imortalidade.

tema bíblico

Subjacente à unidade da missa, parece que se pode escolher o tema do pão que, ao longo da sua evolução bíblica, chega a significar uma atitude interior, atitude esta que encontramos não só nas duas perícopas da missa como no rito eucarístico: contêm o aviltamento, a obediência, o sacrifício espiritual e o amor de Cristo que nos obriga a fazer nossas as suas atitudes.

No Antigo Testamento pode perceber-se uma oposição entre a Palavra de Deus, alimento espiritual, e o pão natural. É preciso mesmo jejuar do segundo para ser capaz de se alimentar do primeiro: Ex. 24, 18; 34, 18; Am. 8, 11. No Novo Testamento um episódio como o de Marta preocupada com o pão, e de Maria preocupada com a Palavra, é portador da mesma mensagem (Luc. 10, 38-42).

O profeta Amós, anunciando a fome da Palavra de Deus, compara o pão à palavra (cf. Dt. 8, 3 a propósito do maná, símbolo da Palavra). Mais tarde, na evocação do festim messiânico, profetas e sábios falam do pão que designa a Palavra viva de Deus (Is. 55, 1 ss.), a Sabedoria divina em pessoa (Prov. 9, 5 s.).

Para Jesus, também o pão evoca a Palavra divina de que se deve viver cada dia, o pão que é a vontade do Pai sobre ele (Mt. 4, 3-4; Jo. 4, 31-34). Jesus leva a imagem mais longe, declara ser Ele mesmo o pão descido do Céu para fazer precisamente a vontade do Pai (Jo. 6, 38-48). Cristo, a Palavra incarnada (Jo. 1, 14), o verdadeiro pão do Céu, o pão de Deus, o pão da vida (Jo. 6, 32. 33. 35), realiza na Eucaristia a vontade profunda do Pai ao entregar a sua Carne como comida e o seu Sangue como bebida, para que todo aquele que O come viva por Ele, como Ele vive pelo Pai (cf. Jo. 6, 55-57).

Assim, o pão significa, na Bíblia, a obediência à vontade do Pai. Não é objecto de uma simples manducação exterior, obriga o fiel a situar-se a um nível sacrificial e espiritual; o pão é o sinal de um sacrifício, o memorial de uma obediência.

catequese

Ao promulgar a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, o objectivo específico que preside a esta reforma resume-se nisto: que o povo cristão participe mais plenamente, mais activamente, mais conscientemente na liturgia.

A Eucaristia é a acção litúrgica por excelência, ela é a Páscoa cristã, é o ponto culminante da economia redentora: morte, ressurreição, glorificação.

A missa é o rito sacramental da salvação, e porque o é deve tomar o lugar que lhe é devido na existência cristã.

Este «aggiornamento» pretendido pelo Concílio deve continuar a ser para nós, cristãos, objecto de reflexão, de assimilação, de revisão da nossa vida, à luz do mesmo documento. A Igreja, consciente do lugar que a Liturgia ocupa no seu mistério, diz que «a Liturgia mediante a qual, sobretudo no divino Sacrifício da Eucaristia, se exerce a obra da nossa Redenção, contribui, no mais alto grau, para que os fiéis exprimam pela sua vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a natureza autêntica da verdadeira Igreja, de que é próprio ser, ao mesmo tempo, humana e divina, visível e rica de realidades invisíveis, fervente na acção e entregue à contemplação, presente no mundo e todavia peregrina; mas isto de tal sorte que nela o que é humano está ordenado ao que é divino e a ele subordinado; o que é visível ao invisível; a acção à contemplação; o que é presente à cidade futura que demandamos» (Const. Lit. II, 2).

A missa de Quinta-feira Santa, pela sua situação excepcional no ano litúrgico, fornece ocasião de nos interrogarmos sobre o lugar e a significação da Eucaristia na vida cristã. Sem Eucaristia, toda a pastoral não seria senão um engano, uma grande ilusão. O coração da pastoral é essencialmente Pascal. Daí que do ler por dentro o mistério eucarístico depende, em grande parte, o ajustamento de uma autêntica visão apostólica.

a refeição pascal em israel

A mais simples refeição, na Bíblia, é já um grande gesto humano. Marca a delicadeza na hospitalidade (Gn. 18, 1-5; Lc. 24, 29) ou testemunho de reconhecimento (Mt. 9, 12), sinal de alegria pela chegada de um parente (Tb. 1, 9), ou regresso do filho pródigo (Luc. 15, 22-32), pode ser ainda acção de graças a Deus Salvador (Act. 16, 34). Mas a refeição no povo eleito toma uma significação particular — ela é o sinal da Aliança de Yahweh com o seu Povo, é uma refeição pascal, é um memorial das maravilhas realizadas por Yahweh ao arrancar Israel das mãos de uma nação estranha e, por outro lado, a comunhão com Yahweh que vela contìnuamente sobre os seus. Em cada ano, a refeição pascal, em particular, presentifica o Êxodo, o acontecimento libertador por excelência. Esta refeição privilegiada actualiza a esperança da salvação na «memória» das maravilhas de outrora. A refeição era acompanhada da imolação do cordeiro, de que o sangue recordava por sua vez a primeira Páscoa egípcia e a Aliança concluída no Sinai.

a ceia e o sacrifício da cruz

Na véspera de dar a sua vida por amor morrendo na cruz, Jesus come com os seus discípulos a refeição pascal tradicional. Presidida por Jesus, esta refeição toma um sentido novo, exclusivo, pleno, porque o memorial recebe um novo conteúdo — Jesus inaugura a refeição da nova e definitiva Aliança, selada no seu sangue, que é concluída e coroada pela morte na Cruz. A salvação da humanidade é adquirida uma vez por todas na cruz de Jesus. Desde então, o acontecimento-chave de que é preciso fazer memória na refeição pascal já não é a saída do Egipto, mas a Cruz de Jesus de Nazaré. A verdadeira Páscoa de Israel e da humanidade é Jesus que a realiza. As palavras de Jesus «fazei isto em memória de Mim» (isto é, em memória da minha morte e ressurreição) estão na origem do que se tornou a refeição pascal presidida por Cristo na véspera da sua morte na cruz.

Em lugar do maná, o Senhor dá a sua Carne em alimento, verdadeiro pão vivificante oferecido pela vida do mundo. O pão e o vinho tomam o seu valor «sacramental» pela sua referência exclusiva e decisiva ao «corpo que vai ser dado» (Luc. 22, 19) e ao «sangue da aliança, que vai ser derramado por uma multidão em remissão dos pecados» (Mt. 26, 28).

A Ceia constitui, portanto, a realização em plenitude da refeição pascal de Israel. A esperança messiânica chega ao seu termo. Jesus, o mediador da aliança definitiva, estabelece na sua pessoa a comunhão entre Deus e a humanidade.

Esta comunhão é, desde então, possível porque se realiza na resposta perfeita do homem-Deus à iniciativa salvífica do Pai. A comunhão de Deus e da humanidade torna-se uma realidade.

A Eucaristia é o anúncio de um outro banquete, o festim escatológico — «tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa, antes de padecer, pois vos digo que já a não comerei até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus» (Luc. 22, 15-16). E ainda: «Em verdade vos digo: Já não beberei do produto da videira até àquele dia em que o hei-de beber de novo, no Reino de Deus» (Mc. 14, 25).

A Igreja perpetua no tempo, historiciza, até que o Senhor venha, o Seu sacrifício, pois «o nosso Salvador, na última Ceia, na noite em que foi entregue, instituiu o Sacrifício Eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue, para perpetuar através dos séculos, até que Ele volte, o Sacrifício da Cruz, e ainda para confiar à Igreja, sua dilecta Esposa, o memorial da sua Morte e Ressurreição: sacramento do amor, sinal da unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que Jesus Cristo é recebido, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura». (Const. Lit. II, 47).

eucaristia e missão

A Eucaristia é por excelência a Páscoa cristã — «o sacramento do amor, o sinal da unidade, o vínculo da caridade». Uma ambição anima toda a Eucaristia: a de reunir todos os homens, fraternalmente unidos, à volta do Primogénito da humanidade nova. Onde quer que se reunam para celebrar a Eucaristia, os cristãos são chamados a viver uma comunhão sem fronteiras de que a pessoa não pode ser excluída. Não conhecem sòmente a sua relação a todos os membros do Corpo de Cristo celebrando no mundo a mesma e única Eucaristia, mas também devem abrir-se aos irmãos ausentes, a todos aqueles que, pelo mundo além não ouviram proclamar ainda a Boa Nova feliz da salvação operada uma vez por todas em Jesus Cristo. O Mistério da Cruz apresenta dimensões universais, e não é possível re-presentar, actualizar, o memorial da morte de Cristo sem entrar numa comunhão de fraternidade universal.

A Eucaristia deve penetrar toda a vida do cristão e isto porque o cristão é uma realidade essencialmente pascal, a sua vida aparece como um mistério de morte e ressurreição, de fracasso e de vitória, de escravatura e de libertação, de cruz e de glória, à semelhança da existência de Jesus que se fez obediente até à morte.

O cristão realizando na sua vida o «Mistério Pascal», testemunha com essa mesma vida a glória de Deus Pai em Cristo. Esta glória consiste precisamente em que os homens recebam consciente e gratamente a obra de Deus realizada em Cristo, e a manifestem em toda a sua vida.

A participação na Eucaristia estabelece necessàriamente o cristão na sua condição de apóstolo, de mensageiro, de presença viva do Cristo morto e ressuscitado, libertando toda a criação da escravatura da corrupção, em ordem à liberdade da glória dos filhos de Deus (cf. Rom. 8, 21).

ERNESTO FERNANDES

sugestões...

... de pastoral litúrgica

1. **VIA-SACRA**
   - REFLEXÕES
   - SUGESTÕES
2. **O ROSÁRIO**
   - MISTÉRIOS DOLOROSOS
3. **ADMONIÇÕES**
   - QUARTA-FEIRA DE CINZAS
   - PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA
   - SEGUNDO DOMINGO DA QUARESMA
   - TERCEIRO DOMINGO DA QUARESMA
   - QUARTO DOMINGO DA QUARESMA
   - PRIMEIRO DOMINGO DA PAIXÃO
   - SEGUNDO DOMINGO DA PAIXÃO (RAMOS)
   - QUINTA-FEIRA SANTA

via sacra: reflexões e sugestões

ALBERTO LUCAS

1. nota histórica

«Via Sacra» ou, mais precisamente, «Caminho da cruz» é o caminho do Pretório de Pilatos ao Calvário, percorrido por Cristo na Sexta-Feira Santa. O exercício da «Via Sacra» consiste em fazer em espírito o mesmo trajecto meditando nos sofrimentos do Senhor e testemunhando-Lhe a nossa compaixão.

A «via sacra» com 14 estações é hoje a forma mais popular da devoção à Paixão da Cristo. A sua história está intimamente ligada à evolução da devoção à Paixão. Melhor dito, a «via sacra» representa um condensado do que houve de mais válido em todas as manifestações da devoção ao sofrimento de Cristo anteriores ao séc. XV-XVI.

devoção à paixão nos primeiros séculos

Não tem sentido falar de uma veneração do caminho da cruz nos dez primeiros séculos. No entanto, há grande devoção à Paixão de Cristo de que são testemunhas os primeiros Padres e os próprios Apóstolos: «O Baptismo une-nos à morte de Cristo, tornamo-nos com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à sua, por semelhante ressurreição o seremos também» (Rom. 6, 3-6); «alegrai-vos de ser participantes nos sofrimentos de Cristo, para que vos alegreis também e exulteis, quando se manifestar a Sua glória» (I Pet. 4, 13).

Os Padres apostólicos recebem dos Apóstolos a devoção à Paixão. S. Clemente Romano manda aos cristãos de Corinto que tenham ante os olhos a Paixão de Cristo; Santo Inácio incita os cristãos de Filipo a que «se unam à Paixão» (Fil. 3, 3), os de Esmirna a que «se convertam à Paixão de Cristo» (aos de Esmirna 5, 3). Lembra a necessidade de morrer com Cristo: «a vida não reinará em nós, se não tivermos a vontade firme de morrer por Ele (Cristo), uniformizando-nos, pela Sua Graça, à Sua Paixão» (Ad. Magn. 5, 2).

A devoção à Paixão integrada na devoção aos lugares santos, tem em germen a «via sacra».

A veneração dos lugares santos nos primeiros séculos manifesta-se pela construção de basílicas, pelas peregrinações, pelas reproduções destas basílicas fora da Terra Santa para facilitar a veneração aos que não podiam deslocar-se à Palestina.

Nos roteiros de peregrinação, embora não haja pròpriamente uma via dolorosa, no entanto, ocupam lugar de relevo os principais locais da paixão como Getsémani, Pretório, Calvário, Santo Sepulcro. Famosas descrições de peregrinações aos lugares santos nos deixaram peregrinos como o de Bordéus e Etérea.

devoção à paixão na baixa idade média

Na Idade Média a veneração pelos Lugares Santos concretiza-se nas cruzadas indulgenciadas desde o início e promovidas pelo próprio Papa. A devoção à Paixão toma corpo e encontra manifestações próprias na Idade Média.

S. Bernardo prega a devoção à Paixão como uma verdadeira participação nos sofrimentos de Cristo. Na sua orientação insere-se, dando novo vigor, S. Francisco cujo desejo ardente de se unir aos sofrimentos de Jesus lhe mereceu os estigmas. A ordem franciscana, herdeira espiritual do seu fundador, espalha a devoção à Paixão que, através de S. Boaventura, se introduz na doutrina mística da Idade Média. Esta época «teve paixão pela Paixão do Salvador».

Florescem as «Meditações sobre a Paixão» que, não contentes em apresentar todos os pormenores evangélicos com um realismo impressionante, completam-nos com os Apócrifos — imaginam novos episódios como o encontro de Jesus com Sua Mãe. Finalmente as «Meditações» dividem a Paixão em cenas particulares para serem meditadas segundo as Horas canónicas ou os dias da semana: em Matinas meditava-se na prisão de Jesus; em Prima no julgamento perante Pilatos; em Tércia na flagelação, coroação de espinhos e caminho da cruz; em Sexta na crucifixão; em Noa na morte; em Vésperas na deposição da cruz; em Completas na sepultura.

Devido à influência da devoção compassiva aos sofrimentos de Cristo e ao entusiasmo pelas cruzadas aumentam as peregrinações aos Lugares Santos. A partir do fim do séc. XIII aparecem nos itinerários de peregrinações as primeiras referências ao caminho percorrido por Cristo com a cruz aos ombros. A primeira referência explícita directa é-nos dada pelo peregrino dominicano Ripoldo do Monte da Cruz no «Liber peregrinationis», de 1924, que escreve: «Subindo nós pelo caminho que Cristo subiu levando a cruz...» e percorre o caminho da cruz no mesmo sentido que Cristo, acabando por visitar diversas cenas da Paixão representadas na Basílica do Santo Sepulcro. Os franciscanos instalam-se na Terra Santa em 1333. Organizam então o cortejo dos lugares em que Cristo sofreu a Paixão que é percorrido quase invariàvelmente por todos os peregrinos acompanhados por um guia franciscano. É curioso notar que começam pelas

cenas da Paixão representadas na Basílica e, partindo daí, percorrem o caminho da cruz em sentido inverso até ao Pretório de Pilatos.

Quase todas as estações da via sacra actual já são conhecidas e veneradas no séc. XIV mas não estão ainda suficientemente individualizadas.

devoção a certos momentos da paixão

Aparecem no séc. XV devoções autónomas a certos aspectos da Paixão: devoção às quedas, às caminhadas, às estações ou paragens de Cristo durante a Sua Paixão. Foram estas devoções que deram consistência às diversas cenas da Paixão já apontadas no percurso das peregrinações orientadas pelos franciscanos.

Nestas três devoções há dois pontos comuns importantes:

a) todos dispensam a ida aos lugares santos. As cenas da Paixão são representadas e o devoto frente a essa representação transporta-se em espírito à Terra Santa e ganha as mesmas indulgências.

b) Estão divididas em duas séries:

— a primeira série venera as quedas, as marchas ou estações de toda a paixão;

— a segunda série venera só as do caminho da cruz (é notável a predilecção dos fiéis por esta segunda série).

Estas três devoções são mais ou menos equivalentes. Na Alemanha predominam as quedas e as marchas. Nos Países Baixos as estações.

Se as olharmos em relação à via sacra a que dão directamente origem diremos que são complementares. É nesta época e por este meio que as cenas não evangélicas entram no caminho da cruz como as três quedas, o encontro de Maria com Cristo e o episódio de Verónica.

O número das cenas de cada devoção oscila entre 7 e 17. A primitiva exigência quanto à reprodução das distâncias depressa se desfaz permitindo assim viver todo o caminho da cruz sob os diversos aspectos de quedas, marchas ou estações sem grandes deslocações.

peregrinações espirituais

Com as reproduções das cenas da Paixão e com o entusiasmo pelas cruzadas redobra o interesse pela peregrinação à Terra Santa. Como só um número restrito de pessoas a pode realizar aparecem as «peregrinações espirituais» que vulgarizam a meditação da Paixão e afirmam que a visita em espírito goza das mesmas vantagens espirituais que a visita real à Terra Santa.

«Estas peregrinações espirituais» em forma de meditações tinham por base as cenas apresentadas nas três devoções anteriores combinadas diferentemente de forma a refazer todo o caminho da Paixão em que tem lugar de relevo o caminho da cruz.

O primeiro manuscrito conhecido que apresenta estas meditações é o de Saint-Trond (primeira metade do séc. XV). Na segunda parte do séc. XV encontram grande desenvolvimento na pessoa de Bethelem; Pascha dá-lhe a forma definitiva. Este autor faz um livro de meditações sobre a vida de Cristo com base nos lugares santos para os 365 dias do ano. Para o dia 188 apresenta a primeira estação da paixão (a agonia) com esta advertência: «aqui começa a primeira oração do longo caminho da cruz». Mais à frente, para o dia 206, apresenta a meditação sobre o processo e condenação por Pilatos com nova advertência «aqui começa o verdadeiro caminho da cruz, ou o caminho da cruz pròpriamente dito até ao Monte do Calvário». Apresenta em seguida o caminho da cruz, tendo, pelo menos implìcitamente, as 14 estações actuais segundo a mesma ordem. Só as duas primeiras quedas não estão suficientemente distintas, o número de estações é maior e o ponto de partida diferente.

Pascha representa um progresso sobre os dois anteriores e pode-se concluir que está na origem imediata do nosso caminho da cruz.

Adrichómio trabalhou pela propagação do caminho da cruz e, em «Jerusalem sicut Christi tempore floruit», editado em Colónia em 1584, retoma e clarifica Pascha. Apresenta pura e simplesmente um caminho da cruz que em tudo se identifica ao actual, sòmente lhe faltando as duas últimas estações.

Estas «peregrinações espirituais» muito difundidas por toda a Europa, apresentam ainda a «Via crucis» como parte, embora primordial, da Via dolorosa. Parece que a forma tal como a temos actualmente, separada do conjunto da Paixão, com as cenas totalmente fixas e completas se deve aos franciscanos que no séc. XVII a introduziram na Espanha donde passou à Sardenha e à Itália. No fim do séc. XVII a maior parte dos conventos franciscanos, sobretudo espanhóis, possuíam já uma «Via crucis» com as nossas 14 estações.

difusão da via-sacra

A difusão do caminho da cruz é devida, em boa parte, à pregação de S. Leonardo de Port-Maurice (1676-1751) e depois a St. Afonso M. Ligório e à concessão de indulgências.

A erecção do caminho da cruz indulgenciado começou por ser reservada aos franciscanos e só aos seus territórios para os seus súbditos exigindo-se que se conservasse a devida distância entre as diversas cenas. S. Leonardo, progressivamente, consegue do Papa que este privilégio se estenda a todos os cristãos, que a erecção se possa fazer mesmo fora do território

sujeito à jurisdição dos franciscanos, que mesmo um frade menor o possa erigir, que se anulem as distâncias.

Desta nota histórica sobre a Via sacra podemos tirar duas conclusões:

1. A devoção à Paixão de Cristo foi e é algo de essencial ao longo de todos os tempos da Igreja.

2. As formas que reveste são diversas ao longo das épocas apresentando-se essas muito condicionadas e inseridas nos vários ambientes espirituais dos tempos e dos lugares.

via-sacra e espiritualidade medieval

A Via sacra tradicional é medieval no fundo e do séc. XV-XVII na estrutura. Vejamos em que medida a Via sacra actual está comprometida com uma espiritualidade medieval. Para isso basta apontar cinco ou seis linhas de força da espiritualidade do fim da Idade Média.

— A espiritualidade do fim da Idade Média inclina-se para a contemplação da humanidade de Cristo: em muitas histórias de espiritualidade se lê que a devoção sensível à humanidade de Cristo é uma espécie de descoberta do séc. XII e XIII com S. Bernardo e S. Francisco de Assis.

— É uma espiritualidade «evangélica» mas de um Evangelho muito literal, realista. A meditação da Paixão far-se-á tendo por base cenas evangélicas com descrições demasiado patéticas.

— Espiritualidade «laica». Quase todos os movimentos de espiritualidade têm à frente leigos e encontram ressonâncias especiais entre leigos: franciscanos, irmãos de vida comum, amigos de Deus... A devoção à Paixão também encontra especial eco entre os leigos.

— Espiritualidade muito alimentada pela superstição das relíquias, das indulgências, das peregrinações. São também, em boa parte, as relíquias e a superstição que alimentam a devoção à Paixão.

— Espiritualidade pessimista. Os homens deste tempo sofreram muito devido a guerras e catástrofes. Por isso são demasiado sensíveis ao sofrimento. Compreende-se que a devoção à Paixão deste tempo seja quase mórbida e nada libertadora.

— Espiritualidade individualista. A hierarquia não proporciona uma vida cristã satisfatória devido à grande decadência do clero e do papado. Por isso as pessoas procuram Deus por si próprias.

— Espiritualidade sentimental. «Na piedade do séc. XV domina uma nota afectiva, patética mesmo; está atenta às ressonâncias psicológicas dos mistérios cristãos e procura neles uma fonte de emoções vivas».

Isto é sobretudo evidente na devoção à Paixão em que cada um procura sofrer com Cristo. Às vezes esta participação no sofrimento é mesmo física como no caso dos flagelantes.

Com estas considerações não tenciono formular um juízo de valor sobre a Via sacra actual, mas tão-sòmente verificar que as formas concretas da devoção à Paixão são tributárias da sua época. Valem na medida em que são expressão de uma espiritualidade válida de um determinado tempo.

perspectivas actuais

Podíamos perguntar agora qual o lugar da Via sacra como forma de devoção à Paixão do Senhor na espiritualidade do nosso tempo. É difícil responder.

Vemos, simplesmente, que se está a tornar mais evangélica, pondo de parte as cenas não evangélicas e perdendo o antigo realismo patético. A Via sacra torna-se cada vez mais uma libertadora meditação da Paixão de Cristo.

A primitiva tendência a meditar em toda a Paixão e não só no caminho da cruz, está a vir ao de cima — a Paixão é todo o sofrimento na passagem de Cristo deste mundo para o Pai.

Como nesta passagem de Cristo o sofrimento não vale por si mas adquire todo o seu sentido da Ressurreição, há uma tendência a inserir na Via sacra uma décima quinta estação, ou meditar na décima quarta, sobre a Ressurreição de Cristo. A Via sacra tende a englobar todo o mistério Pascal.

No plano pastoral a Via sacra começa a ser aproveitada como celebração de penitência.

2. sugestões

Apresentamos dois tipos de Via sacra:

O primeiro é apresentado pelo Padre Roguet em «Notes de Pastorale Liturgique» n. 37. Parece útil transcrever a explicação que Roguet dá ao tipo de Via sacra que apresenta: «Tentando compor um Caminho da Cruz que seja verdadeiramente pascal e cujas estações fossem tiradas ùnicamente do Evangelho, apercebemo-nos que para ser completo, deveria comportar trinta a quarenta estações. Pensámos então que se deveria conservar mais ou menos o número tradicional fazendo quatro Vias sacras em que cada uma se referisse a um evangelista...

Poder-se-á pregar o Caminho da Cruz permanecendo sucessivamente diante das catorze cruzes obrigatórias, pois que basta, durante esta deslocação, meditar livremente sobre a Paixão. Entendemos este termo no seu sentido antigo: não sòmente as dores de Jesus, mas toda a sua Páscoa, todo o regresso para o Pai. Reintegrámos, assim, episódios que a nova Semana Santa, por razões práticas de brevidade, tinha excluído da Paixão, e fomos até à Ascensão.

Elevámos a quinze o número das estações para que a última, que diz respeito a Cristo glorioso, se faça sempre diante da cruz do altar-mor»

I. Caminho da Cruz, segundo S. Mateus

(a negro está o que é próprio de cada evangelista)

1. A Conspiração: 26/1-16
2. A refeição Pascal: 26/17-29
3. Do Cenáculo a Getsêmani. Predição da negação de Pedro: 26/30-35
4. A oração em Getsémani: 26/36-46
5. A prisão: 26/47-56
6. Jesus perante o Sinédrio: 26/57-68
7. Negação de Pedro: 26/66-75
8. **Morte de Judas:** 27/3-9
9. Condenação por Pilatos: 27/1-2 e 11-26
10. A coroação de espinhos: 27/27-31
11. A crucifixão e os insultos dos judeus: 27/32-44
12. «Eli, Eli lamma Sabacthani» — Morte de Jesus: 27/45-55
13. **A guarda do túmulo:** 27/62-66
14. As santas mulheres vão ao túmulo: 28/1-15
15. **A aparição na Galileia e a missão dos apóstolos:** 28/16-20

II. Caminho da Cruz, segundo S. Marcos

1. A unção em Betânia: 14/3-10
2. A instituição da Eucaristia: 14/22-25
3. A oração em Getsémani: 14/32-42
4. A prisão: 14/43-52
5. Comparência diante do Sinédrio. **A tríplice negação** de Pedro: 14/ /53-72
6. Barrabás preferido a Jesus: 15/1-15
7. A coroação de espinhos: 15/21-22
8. Simão de Cirene: 15/21-22
9. A crucifixão: 15/23-32
10. A morte de Jesus: 15/33-38
11. A profissão de fé do centurião: 15/39-41
12. Sepultura: 15/42-47
13. As santas mulheres no túmulo: 16/1-11
14. A aparição aos onze: 16/12-18
15. A ascensão: 16/19-20

III. Caminho da Cruz, segundo S. Lucas

1. A instituição da eucaristia: 22/1-38
2. A oração em Getsémani (**o anjo**): 22/39-46
3. A prisão: 22/47-53
4. Ultrages dos carrascos: 22/54-65

5. O processo diante do Sinédrio: 22/66-23/1
6. Comparência diante de Pilatos: 23/2-5
7. **Pilatos envia-O a Herodes:** 23/6-12
8. A condenação à morte. A subida ao Calvário: 23/13-26
9. **As mulheres de Jerusalém:** 23/27-31
10. A crucifixão. «**Pai, perdoai-lhes...**»: 23/32-38
11. **O bom ladrão:** 23/39-43
12. A morte de Jesus. «In manus»: 23/44-46
13. Pedro no sepulcro: 24/9-12
14. **Os discípulos de Emaús:** 24/13-35
15. A última aparição em Jerusalém. A ascensão: 24/36-53

IV. Caminho da Cruz, segundo S. João

1. **Lava-pés:** 13/1-20
2. **A oração sacerdotal:** 17/
3. A prisão: 18/1-11
4. Diante de Anás e Caifás: 18/12-27
5. Diante de Pilatos: 18/28-40
6. Flagelação: 19/1-3
7. «Ecce homo». Condenação à morte: 19/4-16
8. Crucifixão. Partilha das vestes: 19/17-24
9. **«Mulher, eis o teu filho»:** 19/25-27
10. **«Tenho sede». «Tudo está consumado»:** 19/28-30
11. **O coração aberto:** 19/31-37
12. Sepultura (**Nicodemos**): 19/38-42
13. **Aparição a Madalena:** 20/1-18
14. **Aparição aos discípulos e a Tomé:** 20/19-29
15. **Aparição na margem do lago:** 21/

via-sacra: celebração comunitária

A Via sacra, tal como apareceu e se prolongou na história, é, antes de mais, uma meditação; como tal, e pela sua própria montagem, é um exercício individual. As catorze cruzes colocadas a toda a volta da Igreja nas duas naves laterais, por detrás de grossas colunas, de maneira nenhuma podem ser pontos de convergência de toda a comunidade que, na nave central, se contorce entre os bancos, dando uma volta sobre si mesma para ver e ouvir a palavra do presidente que, em cada estação, se esconde atrás de nova coluna. O facto de uma comunidade se levantar e ajoelhar catorze vezes em quinze minutos, querendo significar com isso a «caminhada para o Calvário», mas permanecendo sempre no mesmo lugar, não proporciona um ritmo próprio a uma celebração comunitária. A própria duração (quinze a vinte minutos) não parece ser suficiente para que uma comunidade apanhe o ritmo da celebração!

Apesar do que possa haver de válido nestas considerações, dão-se algumas sugestões para a sua celebração comunitária:

— Valorização da entrada do presidente (a comunidade cantando, recebe o presidente, que convém que seja sacerdote ou diácono).

— No final do cântico um pouco longo, o presidente, já no seu lugar, saúda a comunidade.

— O próprio presidente ou um comentador lança a comunidade na celebração.

— Dois acólitos com um crucífero percorrem as estações.

— Em cada estação a comunidade de pé, sem nunca se virar para a estação, ouve a leitura feita no ambão pelo leitor, ou, se necessário, pelo presidente.

Para resolver o problema do elevado número de leituras, parece que o melhor seria, quanto possível, agrupar as estações em grupos de quatro ou cinco, fazendo-se uma espécie de «lectio continua», com pausas, suficientes apenas, para o crucífero e os acólitos caminharem para a estação seguinte, não mudando a comunidade de posição.

No fim de cada grupo de estações haveria um tempo longo em que a comunidade se sentava e respondia com um refrão ao solista que cantava ou recitava um salmo, ou outro cântico, com refrão.

Antes de entrar no novo grupo de estações o comentador ou presidente poderia despertar a comunidade para a leitura que vai prosseguir.

— No fim do último grupo de estações, que acaba com a ressurreição, talvez em frente do altar-mor, cantar-se-ia um salmo ou cântico de tipo aclamativo, mantendo-se a comunidade de pé.

— O presidente faz uma breve homilia com base no mistério proclamado nas leituras, conduzindo à oração.

— Sem invitatório (que deve ser feito na homilia) faz-se «uma oração dos fiéis» acabando com a oração do presidente.

— Finda a oração termina-se a celebração com um «gesto sagrado» — sinal de salvação. Pode ser a aspersão de água benta, bênção simples do presidente, osculação do crucifixo, bênção do SS. Sacramento. O próprio presidente dará o sentido do «gesto sagrado».

Se o gesto sagrado for a bênção do SS. Sacramento a exposição pode ser feita logo a seguir à homilia (durante o cântico de aclamação se não houver homilia, fazendo então o presidente o invitatório à «oração dos fiéis» depois de exposto o SS. Sacramento).

— Cântico final (enquanto o presidente sai)

As sugestões de textos apresentados pelo Padre Roguet enquadram perfeitamente nesta montagem.

Como o mistério Pascal não está presente só no final de cada Evangelho mas em toda a História da Salvação como pólo de atracção e de irradiação, podíamos alargar o âmbito das leituras e teríamos uma celebração da Via sacra não só evangélica mas bíblica. O mistério pascal já está presente em figura, em tipo no Antigo Testamento.

A título de exemplo apresenta uma descrição da Via sacra:

— Cântico de entrada: «Irmãos adoremos o Senhor» (ficha S 94)

— Saudação: II Cor. 13/13

— Admonição (Pelo Presidente):

«Irmãos, estamos reunidos para celebrarmos o Mistério Pascal — Cristo morto e ressuscitado.

A nossa vida está cheia de sofrimento: guerras, doenças, fome (se possível apontar algum facto concreto).

Qual o sentido do sofrimento?

Os homens dão respostas diversas. Qual será a respostas de Cristo?

Oiçamos o Senhor que nos responde.»

(Pausa enquanto os acólitos se dirigem para a primeira estação)

— Comentador: **«O verdadeiro Cordeiro de que falam as leituras é Jesus Cristo, cujo Sangue nos salva e cujo Corpo nos dá força para deixar o pecado e caminhar para o Reino de Deus. A Páscoa judaica é a figura da Páscoa cristã.»**

1.ª Estação: Leitura — **Ex. 1/8-14**
2.ª » » — **Ex. 12/1-14**
3.ª » » — **Ex. 12/21-28**
4.ª » » — **Ex. 12/29-34**

— Cântico (Sentados): «Bendita e louvada seja a Paixão do Redentor» (ficha E 1), ou «Repartem entre si as minhas vestes» — Salmo 21 (ficha editada pela CLMSL — B), ou recitação do Salmo 21 com o seguinte refrão: «Vós sois a glória de Israel», repetida no fim de cada estrofe.

— Comentador: **«O servo de que fala Isaías é figura de Cristo, cujo sofrimento nos traz a verdadeira salvação. É da Paixão de Cristo que o nosso sofrimento tira todo o seu valor.»**

5.ª Estação: Leitura — **Is. 42/1-9**
6.ª » » — **Is. 49/1-7**
7.ª » » — **Is. 50/4-11**
8.ª » » — **Is. 52/13-53/12**

— Cântico (Sentados): Continuação dos acima citados. No caso da recitação do Salmo, pode-se prolongar pelo Sal. 87, utilizando o mesmo refrão.

— Comentador: **«Recolhamo-nos para ouvir a Paixão do Salvador, unamo-nos a ela, revivamos em nós o seu amor, a sua obediência a fim de merecermos o perdão dos nossos pecados.»**

9.ª Estação: Leitura — **Refeição Pascal: Mat. 26/17-29**
10.ª » » — **Getsémani: Luc. 22/39-53**
11.ª » » — **Condenação: Jo. 19/1-16**
12.ª » » — **Crucifixão: Jo. 19/17-27**
Um longo silêncio ou, se necessário, repetição dos cânticos. (De pé)
13.ª Estação: Leitura — **Morte de Jesus: Jo. 19/28-37**
14.ª » » — **Sepultura Mat. 27/57-66**
15.ª » » — **Ressurreição: Marc. 16/9-18**

— Cântico (De pé): «A luz de Cristo», ficha editada pela CLMSL — J)

— Homilia (sobre o Mistério Pascal figurado no A. T., realizado em Cristo, vivido hoje na comunidade pela Palavra ouvida que dá sentido ao nosso sofrimento de cada dia. Convite à oração — Confiantes em Cristo que por nós padeceu e morreu, peçamos ao Senhor que aceite o nosso sofrimento e que complete em nós o que faltou à Paixão de Cristo.)

— Oração dos Fiéis — Resposta: «Senhor Deus, misericórdia»

(Incluir as três intenções que se seguem)

1. Pela nossa comunidade que sofre com Cristo; para que sinta a alegria da Ressurreição.
2. Pelos doentes da nossa paróquia; para que pelo seu sofrimento unido ao de Cristo mereçam, para si e para nós, a salvação.
3. Pelos nossos irmãos que sofrem no Purgatório; para que o Senhor os guarde para o dia da Ressurreição.

— Oração do Presidente: **«Ó Deus, que pelo triunfo do Vosso Filho Unigénito, vencedor da morte, nos abristes o caminho da eternidade, auxiliai-nos para que possamos realizar os desejos que nos inspirais com a Vossa graça. Por Cristo Senhor nosso», AMEN!**

— Sinal sagrado (Presidente): **«Revestidos com os sentimentos de Cristo recebamos em nossas cabeças a água, sinal da nossa morte e Ressurreição com Cristo operada no Baptismo.»**

(Rito da Aspersão)

— Cântico final: «Surge Jerusalém», em «Cântico de Glória» do P. Manuel Luís, pg. 38-39.

sugestões para o rosário

mistérios dolorosos

1.º AGONIA

- Mt **22**, 36-45; Mc **14**, 32-41; Lc **22**, 39-46

- o pecado impõe o sofrimento a todos os homens: Gn **3**, 1-19; Si **40**, 1-10
  até o justo sofreu: S **54 (55)**, 1-15; Jb **2**, 1-10; Tb **2**, 1-18; Is **53**, 1-12
  o sofrimento aceite leva o homem à união com Deus: Tb, **2**, 1-18; Jb **2**, 1-10; Heb **2**, 1-13; I P **3**, 13-19

2.º FLAGELAÇÃO

- Mt **27**, 11-26

- fidelidade a Deus no sacrifício e na dor: Is **50**, 6-11; Jer **18**, 18-23
  o discípulo não é maior que o mestre. Será perseguido e maltratado por causa do seu nome: Act **4**, 1-22; **21**, 27-39; Mt **10**, 16-39; **24**, 1-14

3.º COROAÇÃO

- Jo **19**, 1-6; Mc **15**, 1-15

- o Messias é verdadeiramente rei. Inaugura um reino de Justiça e de Paz: Is **9**, 1-6; **11**, 1-9; S **88 (89)**, 36-46; Jer **23**, 5-8
  Jesus Cristo é o anunciado Rei Messiânico. O seu reino é espiritual: Jo **18**, 28-40; Mt **25**, 31-46
  todos os homens são chamados ao Reino: Mt **8**, 5-12; **13**, 31-35; **22**, 1-14; Lc **14**, 15-24

4.º JESUS COM A CRUZ

- Lc **23**, 26-32

- o homem impõe a cruz ao homem: Gn **22**, 1-14; **37**, 18-28; Ex **1**, 1-22
  o cristão e a cruz: Lc **9**, 57-62; 2 Co **6**, 3-11; I P **3**, 13-19

5.º MORTE NA CRUZ

- Mt **27**, 45-47; Mc **15**, 22-23; Lc **23**, 33-49; Jo **19**, 17-37

- a morte do justo é diferente da do ímpio: Sb **3**, 1-11; Si **41**, 1-16; Is **53**, 1-12
  com Cristo, o Cristão terá de tomar a cruz, para nela morrer para o pecado: Fl **2**, 5-11; Rm **6**, 1-14; **8**, 31-39; I Co **1**, 17-31

quarta-feira de cinzas

1. imposição das cinzas

introdução

Somos uma assembleia de penitentes ao encontro de Cristo no seu mistério de morte e ressurreição.

Apesar de pecadores, o Senhor chama-nos a uma vida de comunhão com Ele e com todos os homens.

Mais do que um conjunto de privações, o nosso jejum quaresmal será um enriquecimento na fé, um progresso na caridade e um aperfeiçoamento constante do nosso espírito de oração.

Neste encontro com o Senhor, ponhamos toda a nossa confiança na sua misericórdia e abandonemo-nos totalmente ao seu amor.

antes da bênção das cinzas

Para que o Senhor nos perdoe os nossos pecados, nos converta ao seu Amor e nos dê a Vida, em silêncio, oremos.

antes da imposição das cinzas

Aproximemo-nos para receber as cinzas.
Reconheçamos pùblicamente a nossa condição de pecadores.
Caminhemos na fé para o Deus de Amor.

antes da oração final

Para que na luta contra o mal,
Deus seja a nossa força, em silêncio, oremos.

2. liturgia da palavra

O nosso jejum anuncia o reino do Senhor que vem;
reino de liberdade, de justiça, de amor e de paz.

Somos um povo de penitentes que espera o perdão e a misericórdia do nosso Deus.

Escutemos a Palavra do Senhor que nos convida a caminharmos na alegria, para a libertação da páscoa.

3. liturgia eucarística

introdução

A participação nesta eucaristia há-de ser para nós
um sinal de purificação interior;
um encontro com Deus no conhecimento e no amor;
um levar a todos os homens a confiança na misericórdia divina.

oração (depois da comunhão)

Para que esta comunhão nos ajude a viver a nossa Quaresma,
em silêncio, oremos.

primeiro domingo da quaresma

1. rito de entrada

introdução

A Páscoa é o momento por excelência em que Cristo nos dá a sua Graça.

A Quaresma é a preparação da Páscoa e o princípio do mistério Pascal.

Durante quarenta dias caminharemos na penitência e na oração para a redenção do Salvador. É um tempo de escolha em que a Providência guia, protege e favorece com a sua graça a nossa marcha para o Céu.

As tentações são os obstáculos nesse itinerário espiritual. Mas elas são permitidas por Deus para a nossa santificação como no-lo mostra Jesus.

Como outrora os judeus caminharam pelo deserto para a terra da promissão, caminhemos para Cristo nesta Quaresma.

cântico

Salmo 90

Sugerimos o cântico publicado em «Cânticos Quaresmais», do P. Manuel Luís, págs. 18-19, 1.º refrão.

oração

Para que a graça do Senhor, na purificação desta Quaresma, entre em nós, oremos ao Senhor.

2. liturgia da palavra

introdução

Tudo é graça.
Tudo nos foi dado por Deus.
As tentações são prova, aumento e revigoramento da fé:
é o que nos ensina Jesus nas suas provações.

Combatidas a tempo, não são pecado;
vencidas com amor e Palavra de Deus, são graças do céu.

cântico de meditação

Salmo 90
Sugerimos o cântico publicado em «Cantai ao Senhor um cântico novo», do P. M. Janeiro, págs. 42-43, 3.º refrão.

para a «oração dos fiéis»

Pela Santa Igreja de Deus;
para que os seus membros não sucumbam na tentação.

Por este tempo santo;
para que nele aprendamos a viver mais da Palavra de Deus,
do que da comida da terra.

3. liturgia eucarística

introdução

S. Paulo diz: «Assim como pela desobediência de um só homem,
muitos se tornaram pecadores,
assim pela obediência de um só, muitos virão a ser justos» (Ro. V, 19).

Colocado perante a alternativa da desobediência,
Cristo submeteu-se à vontade do Pai.
É este acto de submissão que se realiza no sacrifício que vamos celebrar.

cântico (ofertório)

Salmo 90
Como o cântico de entrada, mas 2.º refrão.

cântico (comunhão)

Salmo 90
Como o cântico do ofertório.

oração

Para que nesta comunhão,
o Senhor nos dê a força de O escolher nas tentações,
oremos em silêncio.

4. despedida

Irmãos, partamos cheios da paz e da força do Senhor,
para com elas vencer a tentação
e implantar Cristo na nossa vida.

segundo domingo da quaresma

1. rito de entrada

introdução

Novamente, nos encontramos reunidos na nossa Igreja, para celebrarmos a Missa — que é a comunhão na Palavra e no Corpo de Cristo.

O Domingo de hoje, apresenta-nos o Senhor transfigurado diante de três discípulos. A Sua transfiguração é um sinal antecipado da Sua Ressurreição e uma prova de que Ele é o Filho de Deus.

Também para nós, hoje, a Transfiguração do Senhor é motivo para firmarmos a nossa fé: Cristo continua a viver na Igreja, mas de uma maneira velada: é através de palavras, de sinais e de actos simbólicos, que opera em favor dos homens os milagres da Sua força e da Sua graça.

Na fragilidade da nossa condição de pecadores e na humildade da nossa penitência, imploremos o auxílio libertador de Deus.

cântico

Salmo 24
Sugerimos o cântico publicado em «Cânticos Quaresmais», do P. Manuel Luís, págs. 8-9,

oração

Irmãos,
peçamos a Deus auxílio para as nossas fraquezas.

2. liturgia da palavra

introdução

A vontade de Deus é que sejamos santos.

Para tanto, temos de nos aperfeiçoar, de evitar a impureza, de respeitar o nosso corpo.

É este o ensinamento de S. Paulo na Epístola que vamos ouvir:

cântico de meditação

Salmo 24
Como o cântico de entrada, 2.º refrão.

Salmo 105
Sugerimos o cântico publicado em «Cânticos Quaresmais» do P. Manuel Luís, págs. 14-15.

para a «oração dos fiéis»

Por este tempo quaresmal;
para que nele aprendamos a viver a cruz de cada dia,
com os olhos postos na nossa transfiguração.

Por todos nós aqui reunidos;
para que a participação no sacrifício de Cristo,
seja o penhor da nossa glória futura.

3. liturgia eucarística

introdução

Demos graças a Deus porque ele prepara a nossa transfiguração nesta encaristia.

cântico (ofertório)

Salmo 118
Sugerimos o cântico da ficha S118

oração (depois da comunhão)

Para que a nossa vida seja marcada pelo sacrifício do Filho
e assim agrade a Deus Pai,
oremos em silêncio.

terceiro domingo da quaresma

1. rito de entrada

introdução

Neste terceiro Domingo da Quaresma,
celebramos o Senhor na sua luta contra o espírito do mal.

Aproxima-se o tempo em que o príncipe deste mundo,
será julgado e lançado fora.

O desígnio de Deus de elevar o homem a um estado sobrenatural,
pela participação na sua própria vida,
é já uma realidade actual.

Sinal dessa nova criação,
a nossa assembleia há-de tornar-nos mais livres e mais santos;
verdadeiros filhos da luz.

cântico

Salmo 24

Sugerimos o cântico publicado em «Cânticos Quaresmais», do P. Manuel Luís, págs. 8-9, 1.º refrão.

oração

Para que o Senhor seja a nossa defesa
contra o espírito do mal,
oremos em silêncio.

2. liturgia da palavra

introdução

Irmãos,
nós caminhamos para a libertação da Páscoa.

Pelo Sacramento da sua Palavra,
o Senhor vai construindo em nós o seu reino de luz e de santidade.

É necessário estarmos atentos,
para que o homem novo da Ressurreição comece a viver em nós.

cântico de meditação

Salmo 9
Salmo 122
Sugerimos o cântico publicado em «Cantai ao Senhor um cântico novo», do P. M. Janeiro, págs. 60-61, 1.º refrão.

para a «oração dos fiéis»

Pela santa Igreja de Deus;
para que ela se mantenha firme na tentação.

Pelo nosso esforço nesta Quaresma;
para que a graça de Deus nos ampare
no combate contra o egoísmo e o orgulho.

Pela assembleia que formamos;
para que a Eucaristia nos dê forças
para sermos verdadeiras testemunhas do Senhor.

3. liturgia eucarística

introdução

Somos uma assembleia dos que o Senhor liberta.

Pela participação nesta eucaristia,
o nosso amor há-de estender-se a todos os homens,
a fim de que todos vejam a luz e sejam salvos dos seus pecados.

Demos graças ao Senhor
que nos faz participar no seu Mistério Pascal.

cântico (comunhão)

Salmo 83
Sugerimos os cânticos publicados em «Eucaristia», pág. 12 e «Cantai ao Senhor um cântico novo», págs. 14-15.

oração

Para que o Senhor nos liberte de todo o mal,
em silêncio, oremos.

quarto domingo da quaresma

1. rito de entrada

introdução

O Domingo é o dia da Ressurreição do Senhor:
por isso, nós encontramo-nos aqui,
para sairmos ao encontro de Cristo,
renovados e ressuscitados pelo jejum e pela oração.

A cidade de Jerusalém é a Igreja;
e a sua alegria está no anúncio das próximas festividades pascais.

A cidade foi construída com o corpo de Cristo;
e cada um de nós (baptizado)
é uma pedra viva da Jerusalém da terra — a Igreja.

Destinados à Jerusalém celeste,
padecemos no nosso corpo o sofrimento e as provações,
para assim nos prepararmos
para o encontro com o Senhor ressuscitado.

O Senhor é o pão dos que habitam a cidade;
Ele é o pão diàriamente preparado no banquete da Missa
e oferecido a cada um de nós.
Irmãos, preparemo-nos para participar no banquete.

oração

Em silêncio,
peçamos a Deus o verdadeiro arrependimento
para os nossos pecados.

cântico

Salmo 121

Sugerimos o cântico publicado em «Cantai ao Senhor um cântico novo», do P. M. Janeiro, págs. 8-9.

2. liturgia da palavra

introdução

S. Paulo faz a comparação
entre a mulher escrava e a mulher livre,
para nos mostrar de que modo devemos viver:
resgatados por Cristo e não como escravos submetidos ao pecado.

cântico de meditação

Salmo 121
Como o cântico de entrada, 1.º refrão.

para a «oração dos fiéis»

Por toda a Igreja Católica;
para que a comunhão no Pão da vida, a una cada vez mais.

Pelos nossos irmãos que já partiram desta vida;
para que Deus os receba no céu
já que lhes deu o Pão da Vida, na terra.

3. liturgia eucarística

introdução

Para dar graças ao Pai e consagrar o pão,
o celebrante reproduz na nossa assembleia
os gestos de Cristo na multiplicação dos pães.

Irmãos, é preciso estarmos possuídos do espírito de pobreza,
para partilharmos deste pão.

cântico (comunhão)

Salmo 121
Como o cântico de entrada.

oração

Invoquemos o auxílio de Deus
para que recebamos sempre dignamente o Corpo do Senhor.

primeiro domingo da paixão

1. rito de entrada

introdução

Irmãos, estamos mais perto:
o mistério da morte e ressurreição torna-se mais nítido.

Acompanhemos o Senhor até ao fim,
na luta que trava contra o mal
por fidelidade ao Pai.

Com Ele nós permanecemos fiéis
e Deus nos acolherá

cântico

Salmo 42

Sugerimos o cântico publicado em «Cantai ao Senhor um cântico novo», do P. M. Janeiro, págs. 10-11, 2.º refrão.

oração

Irmãos,
em silêncio peçamos ao Senhor
que a sua Graça nos ajude a viver os problemas deste mundo
sempre com os olhos postos em Deus.

2. liturgia da palavra

introdução

Ao escutarmos atentamente S. Paulo nesta epístola,
nós descobrimos como é dum valor infinito
o Sacrifício de Jesus
e o Amor do Pai que no-Lo enviou.

para a «oração dos fiéis»

Por todos os cristãos;
para que sejam lavados no sangue do Senhor
e resplandeçam na caridade e no zelo.

Pelos cristãos perseguidos;
para que o seu sacrifício participe da redenção do Senhor.

Por todos os pecadores;
para que o sangue vertido pelo Senhor os justifique
e lhes dê o perdão.

Por esta assembleia cristã;
para que ela participe cada vez mais,
em espírito e em verdade,
no memorial da efusão do sangue do Senhor.

3. liturgia eucarística

cântico (ofertório)

Salmo 118
Sugerimos o cântico da ficha S118

introdução

Demos graças a Deus nosso Pai
que nos deu o seu Filho pregado na cruz,
para que da sua morte jorrasse a Vida.

cântico (comunhão)

Salmo 42
Como o cântico de entrada, mas 3.º refrão

oração

Peçamos a Jesus
que nos ajude a fazer de toda a nossa vida.
uma oferta agradável ao Pai.

domingo de ramos

1. procissão dos ramos

introdução

Irmãos,
estamos reunidos no primeiro dia da grande semana,
a Semana Santa.
Vamos celebrar a Páscoa do Senhor,
a sua passagem da morte à ressurreição,
que é também a nossa passagem do pecado à Graça.

Hoje, nós aclamamos o Messias.
Ele é o Servo de Yavé, o Sofredor, como diz o profeta Isaías.
Não o rei todo poderoso
que salvaria a nação de Israel, como os hebreus esperavam.

Vamos repetir a aclamação que estes fizeram a Cristo,
não à espera de triunfos terrestres,
mas do único triunfo que é a Redenção.

Por mandato de Jesus, celebraremos a Eucaristia
e ouviremos a sua Palavra — Sinais da Redenção,
que nos comunicam essa mesma Redenção.

cântico (distribuição)

Salmo 23
Sugerimos o cântico publicado pela C. L. M. S. L., ficha A.

cântico (procissão)

Salmo 147
Sugerimos o cântico publicado em «Cantai ao Senhor um cântico novo», do P. M. Janeiro, págs. 40-41.
Sugerimos também os cânticos das fichas C1 e C2.

2. entrada

cântico

Salmo 21
Sugerimos o cântico publicado pela C. L. M. S. L., ficha B, 1.º refrão.

oração

Para que em nós haja a humildade de que Cristo se revestiu,
em silêncio, oremos.

3. liturgia da palavra

introdução

Cristo sofreu. Cristo morreu.

À primeira vista tudo nos aparece, tal como aos Apóstolos,
num fracasso.

Mas Deus Pai aceitou este aparente fracasso,
esta humilhação do seu Filho.

Da morte, Cristo passou à vida — por isso Ele é o SENHOR.

cântico de meditação

Salmo 72
Salmo 21
Como o cântico de entrada.

para a «oração dos fiéis»

Pela santa Igreja de Deus;
para que a celebração da semana santa
aumente nela a disponibilidade para a Graça.

Por esta assembleia paroquial;
para que a participação no mistério da cruz
a torne digna de ter parte na glória de Cristo.

4. liturgia eucarística

Irmãos,
demos graças ao Senhor
que se deu todo, na cruz,
por cada um de nós.

cântico (comunhão)

Salmo 21
Como o cântico de entrada, 2.° refrão.

oração

Para que Aquele que recebemos nos santifique,
em silêncio, oremos.

quinta-feira santa

1. rito de entrada

introdução

Irmãos:
Terminou a quaresma, a preparação da Páscoa do Senhor.
Reunimo-nos aqui, esta tarde, para celebrarmos antecipadamente
a vitória de Cristo sobre o pecado.

Como outrora aos apóstolos, também hoje nos dá
o Pão Vivo: o Seu Corpo entregue por nós;
e o mandamento novo: que nos amemos uns aos outros
como Ele nos amou sobre a Cruz.

cântico

Salmo 66

Sugerimos o cântico publicado em «Cantai ao Senhor um cântico novo», do P. M. Janeiro, págs. 44-45, 3.º refrão.

oração

**Para que o nosso arrependimento seja como o do bom ladrão,
imploremos a misericórdia do Senhor.**

2. liturgia da palavra

introdução

Hoje, Deus revela-nos o Mistério da Eucaristia.

**Mistério de amor e de união entre os homens,
só o viveremos quando formos capazes de servir os outros,
quando formos capazes de lavar os pés ao mais pobre dos nossos irmãos.**

para a «oração dos fiéis»

**Pelo aumento da justiça e do amor entre os homens;
para que cada cristão
se ponha humildemente ao serviço dos mais pobres
Por todos nós aqui reunidos
em volta da mesa do Senhor;
para que a celebração da Ceia
nos torne servos de todos os homens.**

3. lava-pés

(O Presidente deve introduzir este rito durante a homilia).

cânticos

Sugerimos os cânticos publicados em «Eucaristia», do P. Manuel Luís, págs. 38 e 36.

oração final

**Para que o rito do lava-pés nos obtenha o que significa,
oremos ao Senhor.**

4. liturgia eucarística

introdução

**Demos graças ao Pai Eterno,
porque nos enviou o Seu filho para ser nosso servo.**

**Pela celebração da Eucaristia,
participemos da vida de Jesus
e aprendamos a ser servos de todos os homens,
pois todos somos irmãos.**

agnus Dei

O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo,
vai-nos ser dado em alimento.
Suplicaremos por três vezes: «tende piedade de nós».

oração

Para que o Pão Vivo nos dê a vida eterna,
oremos ao Senhor.

PARA VIVERMOS MELHOR
O CAMINHO DA CRUZ
preparámos

VIA.
SACRA

Passos do Evangelho
e Texto do P.e Fernando Melro

PREÇO
2$50

JUVENTUDE REBELDE

Um livro novo

Um livro extraordinário

Edição da UNIÃO GRÁFICA — Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA

Cinco Novidades Sensacionais

cada uma no seu género

* MATRIMÓNIO EM NOSSO TEMPO
(A sociologia da família), de **B. Haring** ... ... 165$00

* SACRAMENTOS E VIDA
de A.-M. Roguet (1.º da col. **Síntese**) .. .. 25$00

* A RAPARIGA DO SAXO-BAR
(Um diário impressionante) — 2.º da col. **Síntese** ... 25$00

* ANÚNCIO DE JESUS CRISTO
de J. Claude-Barreau (3.º da col. **Síntese**) .. .. 25$00

* ACTUALIZAÇÃO
(Os seminários em renovação), de **Júlio Vaz** ... ... 35$00

LIVRARIA SAMPEDRO EDITORA
P. Restauradores, 65, 1.º — Lisboa-2

HORÓPTICA, LDA.

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 27 — LISBOA

Execução de todo o receituário de óptica sob a direcção de óptico diplomado na Escola Superior de Óptica de Colónia — Alemanha

LENTES DE CONTACTO



ANTÓNIO ALVES & C.ª FILHOS, SUCESSOR

Fundada em 1885

TORRES NOVAS

Telef. P. P. C. 2 23 17-2 23 18-2 23 19-2 2717 — Telex. 661
Endereço Postal: Apartado 3 Telegs. LANAR

LAVAGEM E PENTEAÇÃO DE LÃS — FÁBRICA DE CURTUMES — FÁBRICA DE COLAS INDUSTRIAIS — FÁBRICAS DE ADUBOS ORGÂNICOS

Unidade industrial de grande valor económico no Ribatejo

A mais importante do País, no género

LÃS LAVADAS E PENTEADAS, NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Fábrica de CARNEIRAS e de CAPICUAS para forros de calção

PELES PARA ENCADERNAÇÃO — CAMURÇAS PARA VESTUÁRIO e para LIMPEZA DE AUTOMÓVEIS — TIRAS PARA CHAPÉUS

Fábrica de GRUDE EM PLACAS E GRANULADO por sistema alemão e de COLAS LÍQUIDAS

FILIAIS: LISBOA — PORTO — COVILHÃ — GOUVEIA — ÉVORA BEJA — FARO

a partir do 1.º domingo da quaresma,

ao vosso dispor,

em ritmo semanal,

celebrações da palavra de Deus

comissão
de Liturgia
do Patriarcado

novellae
olivarum

QUARESMA

SEMANA SANTA

TEMPO PASCAL

CASA NUN'ALVARES

PORTO

Artigos religiosos / Tipografia / Livraria / Pratas litúrgicas / Paramentaria

Requisite catálogo ilustrado grátis, com mais de 300 desenhos

RUA DE SANTA CATARINA, 630 / TELEFONES 2 35 85 - 2 35 97 / PORTO

PLATEX

PLACA de FIBRAS de MADEIRA

A MADEIRA MAIS ECONÓMICA

APLICAÇÕES EM :

CONSTRUÇÃO CIVIL
DECORAÇÃO
CARPINTARIA E MERCEARIA
CARROÇARIAS
PUBLICIDADE
CONSTRUÇÕES AGRÍCOLAS
ACONDICIONAMENTO ACÚSTICO

AGENTES EM TODO O PAÍS

FÁBRICAS MENDES GODINHO, S. A. R. L.

APARTADO 3 TOMAR

FÁBRICAS ALELUIA — AVEIRO

TELEF. 2 20 61 — 3 LINHAS

AZULEJOS — LOUÇAS

LISBOA

RUA RODRIGO DA FONSECA, 70, R/C., ESQ. — TELEFONE 5 48 72

PORTO

GALERIA DE PARIS, 96, 1.º — TELEFONE 2 70 12



A VIDA DE JESUS

em 6 grandes filmes-fixos em «Eastmancolor», com 150 quadros polícromos e 185 textos a cores, no total de 335 imagens. Um maravilhoso curso de catequese e acção cristã

PREÇO DA COLECÇÃO: 350$00

alpha et omega Rua Portas de Santo Antão, 76-2.º — LISBOA

CLARAS—TRANSPORTES,

S. A. R. L.

TORRES NOVAS

CARREIRAS DE SERVIÇO PÚBLICO DE PASSAGEIROS
CIRCUITOS TURÍSTICOS
AUTOCARROS DE ALUGUER
SERVIÇO DE PEREGRINAÇÕES
AUTOMÓVEIS DE ALUGUERES COM E SEM CONDUTOR

Filiais

ABRANTES — ALCOBAÇA — ALCOENTRE — BOMBARRAL — CALDAS DA RAINHA — CHAMUSCA — COVA DA IRIA — LEIRIA LISBOA — LOURINHÃ — MARINHA GRANDE — NAZARÉ — PENICHE — RIO MAIOR — SANTARÉM — TOMAR — TORRES VEDRAS — VILA FRANCA DE XIRA — VILA NOVA DE OURÉM

comodidade / segurança / economia / ao serviço do público

MÁQUINAS DE COSTURA — RADIADORES E CALDEIRAS PARA AQUECIMENTO CENTRAL — FERROS DE ENGOMAR — CALORÍFEROS — FOGÕES DE COZINHA — BANHEIRAS, LAVATÓRIOS COLECTIVOS E OUTRO MATERIAL SANITÁRIO DE FERRO ESMALTADO — MARMITAS E EQUIPAMENTO COMPLEMENTAR PARA GRANDES COZINHAS — MATERIAL PARA LAVANDARIAS — BOMBAS CENTRÍFUGAS E MANUAIS — TORNOS DE BANCADA DE FERRO FUNDIDO — VENTOINHAS PARA FORJAS — MOTORES DE EXPLOSÃO DE PEQUENA CILINDRADA — ABR GOS PARA BICICLETAS, MOTORIZADAS E MOTOCICLETAS — ACESSÓRIOS DE FERRO MALEÁVEL PARA CANALIZAÇÕES — ACESSÓRIOS PARA LINHAS DE ALTA TENSÃO — TUBOS PARA CANALIZAÇÕES E OUTROS USOS — OBRA DE FERRO FUNDIDO NORMAL E DE FERRO MALEÁVEL — GALVANIZAÇÃO DE ARTIGOS DE FERRO

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & C.ª, LDA.

OLIVA

S. JOÃO DA MADEIRA

Senhor Pároco:

O ADDRESSOGRAPH

é o contacto directo, rápido e económico com todos os seus paroquianos

Peça informações sem compromisso à

Modern Office, L.da

RUA DO ALECRIM, 107-109

Lisboa - 2 Tel.: 32 34 65 / 36 29 91

para si

novellæ olivarum

arquivou

UM NÚMERO
QUASE ESGOTADO

A Igreja no Mundo Operário

Uma contribuição oportuna para a pastoral no meio operário.

15$00

UMA VISÃO
SOBRE O SACERDÓCIO

«Entre Deus e os Homens»

Número especial. Colaboração de Jean Guitton, Daniel Rops, Charles Moeller (nomeado recentemente subsecretário da Congregação para a Doutrina da Fé), António Henrique, António Serrão, etc.

25$00

O 1.º DOCUMENTO
CONCILIAR

Constituição sobre a Sagrada Liturgia

Texto integral e reflexões do Pe Roguet, Pe José Ferreira, etc.

15$00

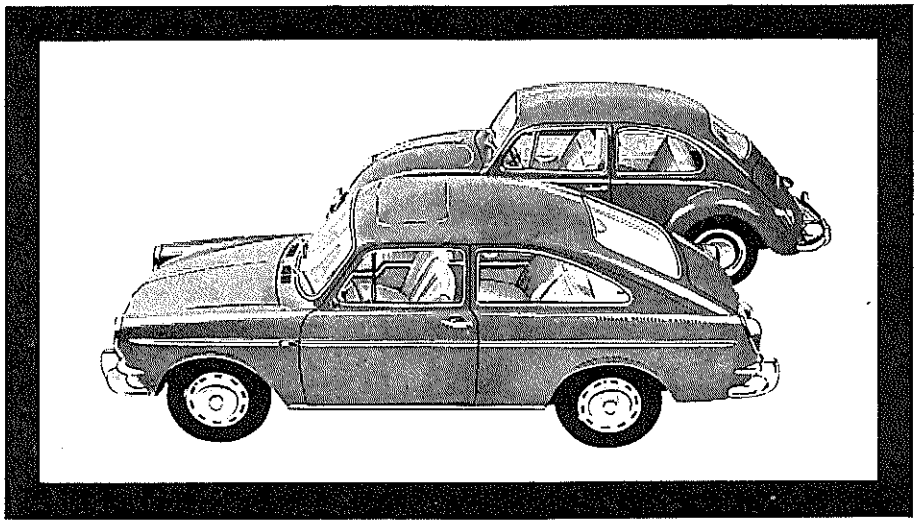
INSTRUÇÕES
DOS APÓSTOLOS

DIDAKHÉ

Texto integral, tradução do original grego, Pedro Jorge Alves Vieira. Revisão, Cónego José Falcão.

em exposição
os novos modelos

VOLKSWAGEN



1300
1600

SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S.A.R.L.

AVENIDA DA LIBERDADE, 12 — TELEFONE 36675I (7 LINHAS)

FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA, - AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, MIRANDELA, MOURA, PORTALEGRE, PONTE DE SÔR, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, FUNCHAL, PONTA DELGADA, ANGRA DO HEROÍSMO, HORTA E S. TOMÉ

«sicut novellae olivarum

ecclesiae filii sint

in circuitu mensae Domini»

(VÉSPERAS DO
CORPO DE DEUS)